

leYa

BRANDON SANDERSON

# MISTBORN

NASCIDOS DA BRUMA

LIVRO 1

O IMPÉRIO FINAL













































































































































































































































































































































































































































































































































































































































































































































































– Tudo bem – Vin disse. – Precisa se encontrar com seus amigos. – Olhou para ele, tentando medir sua reação.

Ele não pareceu muito surpreso. Apenas ergueu uma sobrancelha.

– De fato, preciso. Você é muito observadora.

– Não é preciso ser muito observadora – Vin comentou. – Todas as vezes que estivemos nas fortalezas Hasting, Venture, Lekal ou Elariel, você saiu com as mesmas pessoas.

– Meus amigos de bebida – Elend disse com um sorriso. – Um grupo improvável no clima político de hoje, mas que ajuda a irritar meu pai.

– O que fazem nesses encontros? – Vin perguntou.

– Discutimos filosofia, em geral – Elend disse. – Somos um grupo de janotas... o que não é surpreendente, suponho, se conhecer alguns de nós. Falamos sobre o governo, sobre política... sobre o Senhor Soberano.

– O que falam sobre ele?

– Bem, não gostamos de algumas coisas que ele tem feito com o Império Final.

– Então você *quer* derrubá-lo! – Vin disse.

Elend lhe lançou um olhar estranho.

– Derrubá-lo? O que lhe deu essa ideia, Valette? Ele é o Senhor Soberano... é deus. Não podemos fazer nada a despeito do fato de ele estar no comando. – Afastou o olhar enquanto continuavam a andar. – Não, meus amigos e eu, nós só... desejamos que o Império Final seja um pouco diferente. Não podemos mudar as coisas agora, mas talvez algum dia... presumindo que sobrevivamos ao próximo ano ou mais... estejamos em posição de influenciar o Senhor Soberano.

– A fazer o quê?

– Bem, aquelas execuções há alguns dias, por exemplo – Elend disse. – Não vejo nada de bom nisso. Os skaa se rebelaram. Em represália, o Ministério executou algumas centenas de pessoas aleatórias. O que isso está fazendo além de deixar a população ainda *mais* zangada? Então, da próxima vez, a rebelião será maior. Isso significa que o Senhor Soberano vai ordenar que ainda mais pessoas sejam decapitadas? Quanto tempo isso pode continuar até que não sobre nenhum skaa?

Vin caminhou, pensativa.

– E o que faria, Elend Venture? – ela finalmente disse. – Se estivesse no comando.

– Não sei – Elend confessou. – Tenho lido muitos livros... alguns que não devia ler... e não encontrei nenhuma resposta fácil. Tenho certeza, no entanto, de que decapitar o povo não resolverá nada. O Senhor Soberano está por aí há muito tempo... era de se esperar que tivesse encontrado uma maneira melhor. Mas, de todo modo, teremos que continuar isso depois... – Ele diminuiu o passo, voltando-se para olhar para ela.

– Já é hora? – Vin perguntou.

Elend assentiu.

– Prometi que me encontraria com eles, e eles meio que esperam por mim. Talvez possa dizer que cheguei atrasado...

Vin negou com a cabeça.

– Vá beber com seus amigos. Ficarei bem... tenho mais algumas pessoas com quem preciso conversar, de qualquer modo. – Precisava voltar ao trabalho; Brisa e Dockson haviam passado horas planejando e preparando as mentiras que ela supostamente ia espalhar, e estariam esperando pelo seu relato na loja de Trevo depois da festa.

Elend sorriu.

– Talvez eu não devesse me preocupar tanto. Quem sabe... considerando todas as suas

manobras políticas, talvez a Casa Renoux logo seja um poder na cidade, e eu não serei mais do que um pobre mendigo.

Vin sorriu e ele fez uma mesura – lançando uma piscadela para ela – e se dirigiu para as escadas. Vin caminhou lentamente até a grade do balcão, olhando para baixo, para as pessoas que dançavam e jantavam.

*Então ele não é um revolucionário, ela pensou. Kelsier estava certo novamente. Eu me pergunto se ele não se cansa disso.*

Mesmo assim, não podia se sentir muito desapontada com Elend. Nem todo mundo era tão insano de pensar em derrubar seu deus-imperador. O simples fato de Elend estar disposto a pensar por si mesmo o separava dos demais; era um bom homem, um que merecia uma mulher que fosse digna de sua confiança.

Infelizmente, tinha Vin.

*Então a Casa Venture minera secretamente o atum do Senhor Soberano, ela pensou. Eles devem ser os administradores das Minas de Hathsin.*

Era uma posição assustadoramente precária para uma casa estar – as finanças dependerem exclusivamente de agradar ao Senhor Soberano. Elend achava que estava sendo cuidadoso, mas Vin estava preocupada. Ele não estava levando Shan Elariel a sério – disso Vin tinha certeza. Deu meia-volta e desceu até o andar principal.

Encontrou a mesa de Shan com facilidade; a mulher sempre se sentava com um grande grupo de nobres assistentes, presidindo como um lorde que conduz sua plantação. Vin se deteve. Nunca abordara Shan diretamente. Alguém, no entanto, precisava proteger Elend; ele era obviamente tolo demais para fazer isso por conta própria.

Vin avançou. O terrisano de Shan estudou-a enquanto ela se aproximava. Era tão diferente de Sazed – não tinha o mesmo... espírito. Este homem mantinha uma expressão neutra, como uma criatura entalhada em pedra. Algumas damas lançaram olhares desaprovadores para Vin, mas a maioria delas – Shan incluída – a ignorou.

Vin ficou parada desajeitadamente ao lado da mesa, esperando por uma pausa na conversa. Não houve nenhuma. Finalmente, deu alguns passos para se aproximar de Shan.

– Lady Shan? – perguntou.

Shan se virou com olhar gélido.

– Não pedi para chamá-la, campesina.

– Sim, mas encontrei alguns livros como você...

– Não preciso mais dos seus serviços – Shan disse, virando-se. – Posso lidar com Elend Venture sozinha. Agora, seja uma boa menina e pare de me incomodar.

Vin ficou parada, atônita.

– Mas, seu plano...

– Eu disse que você não é mais necessária. Acha que fui dura com você antes, garota? Aquele foi meu lado bom. Tente me aborrecer agora.

Vin murchou instintivamente diante do olhar depreciativo da mulher. Ela parecia... desgostosa. Zangada, até. Com ciúmes?

*Ela deve ter descoberto, Vin pensou. Ela finalmente percebeu que não estou simplesmente jogando com Elend. Sabe que me importo com ele, e não confia em mim para manter seus segredos.*

Vin se afastou da mesa. Aparentemente teria que usar outros métodos para descobrir os planos de Shan.



A despeito do que dizia com frequência, Elend Venture não se considerava um homem rude. Era mais um... filósofo verbal. Gostava de testar e revirar uma conversa para ver como as pessoas reagiam. Assim como os grandes pensadores da antiguidade, forçava limites e experimentava métodos pouco convencionais.

*É claro*, ele pensou, segurando sua taça de brandy diante dos olhos e inspecionando-a, *a maioria desses filósofos foi executada por traição depois de um tempo*. Não eram exatamente os modelos mais exitosos.

A conversa política daquela noite com seu grupo havia acabado, e ele se retirara com vários amigos para o salão de cavalheiros da Fortaleza Lelal, uma pequena câmara adjacente ao salão de baile. Era mobiliada com móveis em tons de verde-escuro, e as poltronas eram confortáveis; teria sido um belo lugar para ler, se estivesse de melhor humor. Jastes estava sentado diante dele, fumando alegremente seu cachimbo. Era bom ver o jovem Lelal parecer tão calmo. As últimas semanas tinham sido difíceis para ele.

*Guerra entre as casas*, Elend pensou. *Que momento terrível. Por que agora? As coisas estavam indo tão bem...*

Telden voltou com a taça cheia alguns momentos depois.

– Sabe – Jastes comentou –, um dos criados teria lhe trazido outra bebida.

– Quis esticar as pernas – Telden disse, acomodando-se em uma terceira poltrona.

– E flertou com não menos do que três mulheres no caminho de volta – Jastes falou. – Eu contei.

Telden sorriu, tomando sua bebida. O homenzarrão nunca “se sentava” simplesmente – ele se largava. Telden podia parecer relaxado e confortável independentemente da situação, seus trajes elegantes e seus cabelos bem cuidados eram invejavelmente atraentes.

*Talvez eu devesse prestar mais atenção em coisas como essas*, Elend disse para si mesmo. *Valette suporta meu cabelo como é, mas ela gostaria mais se eu cuidasse dele?*

Elend frequentemente pensava em ir a um cabeleireiro ou a um alfaiate, mas outras coisas tendiam a roubar sua atenção. Ficava perdido em seus estudos, ou passava tempo demais lendo, e acabava chegando tarde aos seus compromissos. De novo.

– Elend está quieto esta noite – Telden observou. Embora outros grupos de cavalheiros estivessem sentados na sala pouco iluminada, as poltronas estavam separadas o bastante para permitir conversas privadas.

– Anda muito assim ultimamente – Jastes disse.

– Ah, sim – Telden falou, franzindo o cenho.

Elend os conhecia o bastante para entender a dica.

– Agora, vejam, por que as pessoas têm que ser assim? Se têm algo para me dizer, por que simplesmente não dizem?

– Política, meu amigo – Jastes comentou. – Somos, se não notou, nobres.

Elend revirou os olhos.

– Tudo bem, eu direi – Jastes replicou, passando a mão pelos cabelos, um hábito nervoso que, Elend tinha certeza, contribuía de algum modo para a calvície crescente do jovem amigo. – Tem passado muito tempo com a garota Renoux, Elend.

– Há uma explicação simples para isso – Elend disse. – Veja, acontece que gosto dela.

– Isso não é bom, Elend – Telden comentou, balançando a cabeça. – Não é bom.

– Por quê? – Elend perguntou. – Parece bastante feliz em ignorar as diferenças de classe, Telden. Tenho visto você flertar com metade das criadas da sala.

– Não sou herdeiro da minha casa – Telden falou.

– E – Jastes acrescentou – essas garotas são de confiança. Minha família as contratou;

conhecemos suas casas, seus passados e suas alianças.

Elend franziu o cenho.

– O que quer dizer?

– Há algo de estranho nessa garota, Elend – Jastes falou. Seu nervosismo habitual estava de volta, o cachimbo esquecido na mesa.

Telden assentiu.

– Ela se aproximou de você com muita rapidez, Elend. Ela quer alguma coisa.

– Como o quê? – Elend perguntou, ficando cada vez mais aborrecido.

– Elend, Elend – Jastes falou –, não pode simplesmente evitar o jogo dizendo que não quer jogar. Ele o encontrará. Renoux se mudou para a cidade assim que as tensões entre as casas começaram a aumentar, e trouxe consigo uma parente desconhecida... uma garota que imediatamente começou a cortejar o mais importante e disponível rapaz de Luthadel. Não parece estranho para você?

– Na verdade – Elend observou –, eu me aproximei dela primeiro... ainda que só porque ela tinha roubado meu lugar de leitura.

– Mas tem que admitir que é suspeito o quão rapidamente ela se ligou a você – Telden falou. – Se vai se envolver com namoricos, Elend, precisa entender uma coisa: pode brincar com as mulheres se quiser, mas não se deixe aproximar demais delas. É aí que os problemas começam.

Elend negou com a cabeça.

– Valette é diferente.

Os outros dois trocaram olhares, então Telden deu de ombros, voltando-se para sua bebida. Jastes, no entanto, suspirou, se levantou e se espreguiçou.

– Bem, preciso ir para o salão.

– Mais uma bebida? – Telden sugeriu.

Jastes negou com a cabeça, passando a mão pelo cabelo.

– Sabe como meus pais são nas noites de baile... se não me despeço de pelo menos *alguns* dos convidados, serei atormentado por isso durante semanas.

O jovem lhes desejou boa noite, dirigindo-se para o salão de bailes. Telden tomou sua bebida, olhando para Elend.

– Não estou pensando nela – Elend disse com irritação.

– No que, então?

– Na reunião dessa noite – Elend falou. – Não tenho certeza se gostei de como foi.

– Bah – o homenzarrão disse com um aceno de mão. – Está pior do que Jastes. O que aconteceu com o homem que participava dessas reuniões só para relaxar e passar o tempo com os amigos?

– Ele está preocupado – Elend comentou. – Alguns de seus amigos podem acabar na liderança de suas casas mais cedo do que esperam, e está preocupado que nenhum deles esteja preparado.

Telden fez uma careta.

– Não seja tão melodramático – disse, sorrindo e piscando para a criada que viera tirar as taças vazias. – Tenho a impressão de que tudo isso não vai dar em nada. Em alguns meses, vamos olhar para trás e nos perguntar por que tanto alvoroço.

*Kale Tekiel não olhará para trás*, Elend pensou.

A conversa foi minguando, no entanto, e depois de um tempo Telden se despediu. Elend ficou sentado por um longo tempo, abrindo *Os ditados da sociedade* para ler um pouco, mas teve dificuldade para se concentrar. Virou a taça de brandy entre os dedos, mas não bebeu muito.

*Eu me pergunto se Valette já foi...* Tentou encontrá-la depois que a reunião acabou, mas

aparentemente ela estava em uma reunião privada.

*Essa garota, pensou preguiçosamente, é interessada demais em política para seu próprio bem. Talvez estivesse apenas com ciúmes – em poucos meses na corte, ela já parecia mais competente do que ele. Era tão destemida, tão ousada, tão... interessante. Não se encaixava em nenhum dos estereótipos da corte que ele fora ensinado a esperar.*

*Jastes poderia estar certo?, perguntou-se. Ela certamente é diferente de qualquer outra mulher, e deu a entender que há coisas sobre ela que não sei.*

Elend tirou essa ideia da cabeça. Valette era diferente, é verdade – mas também era inocente, de certo modo. Ansiosa, cheia de assombro e coragem.

Preocupava-se com ela; obviamente ela não sabia o quão perigosa Luthadel podia ser. Havia muito mais na política da cidade do que simples festas e pequenas intrigas. O que aconteceria se alguém decidisse enviar um Nascido das Brumas para lidar com ela e seu tio? Renoux tinha poucos contatos, e nenhum dos membros da corte pensaria duas vezes a respeito de alguns assassinatos em Fellise. O tio de Valette saberia tomar as devidas precauções? Ele se preocupava com alomânticos?

Elend suspirou. Tinha que ter certeza de que Valette deixaria a área. Era a única opção.

Quando a carruagem chegou à Fortaleza Venture, Elend havia percebido que bebera demais. Partiu para seus aposentos, ansioso por sua cama e travesseiro.

O corredor que levava ao seu quarto, no entanto, passava pelo estúdio de seu pai. A porta estava aberta, e a luz ainda estava acesa, apesar da hora avançada. Elend tentou caminhar sobre o carpete sem fazer ruído, mas nunca fora realmente muito dissimulado.

– Elend? – a voz de seu pai o chamou do estúdio. – Venha aqui.

Elend suspirou baixinho. Lorde Straff Venture não perdia muita coisa. Era um olho de estanho – seus sentidos eram tão agudos que, provavelmente, ouvira a carruagem de Elend se aproximar lá fora. *Se não lidar com ele agora, ele simplesmente vai mandar os criados me infernizarem até que eu venha falar com ele...*

Elend deu meia-volta e entrou no estúdio. Seu pai estava sentado em sua cadeira, falando em voz baixa com TenSoon – o Kandra de Venture. Elend ainda não estava acostumado com o corpo mais recente da criatura, que pertencera a um criado da mansão Hasting. Elend estremeceu quando a criatura o notou, fez uma mesura e se retirou do aposento em silêncio.

Elend se apoiou no batente da porta. A cadeira de Straff estava diante de várias estantes de livros – nenhum dos quais, Elend tinha certeza, o pai jamais lera. A sala era iluminada por duas lâmparas, quase totalmente fechadas, deixando escapar apenas um resquício de luz.

– Esteve no baile esta noite – Straff falou. – O que descobriu?

Elend esfregou a testa.

– Que tenho tendência a beber muito brandy.

Straff não achou graça no comentário. Ele era o perfeito nobre imperial – era alto, tinha ombros firmes, e estava sempre vestido com colete e paletó de alfaiataria.

– Encontrou aquela... mulher novamente? – perguntou.

– Valette? Hummm, sim. Não tanto tempo quanto eu gostaria, no entanto.

– Eu o proibi de passar seu tempo com ela.

– Sim – Elend disse. – Eu me lembro.

A expressão de Straff escureceu. Levantou-se e rodeou a mesa.

– Ah, Elend – disse. – Quando vai superar esse seu temperamento infantil? Acha que não percebo que age tolamente só para me irritar?

– Na verdade, superei meu “temperamento infantil” há algum tempo, pai: simplesmente

parece que minhas inclinações naturais o incomodam ainda mais. Gostaria de ter sabido disso antes; eu poderia ter poupado muito esforço quando eu era mais jovem.

Seu pai bufou, então pegou uma carta.

– Ditei isso para Staxles há pouco. É o aceite para um convite de almoço com Lorde Tegas amanhã. Se uma guerra entre as casas vier, quero ter certeza de que estamos em posição de destruir os Hasting o mais rápido possível, e Tegas pode ser um forte aliado. Ele tem uma filha. Eu gostaria que você almoçasse com ela.

– Pensarei nisso – Elend disse, dando um tapinha na cabeça. – Não tenho certeza do estado em que estarei amanhã de manhã. Muito brandy, lembra?

– Você estará lá, Elend. Isso não é um pedido.

Elend se deteve. Uma parte dele queria responder ao pai, enfrentá-lo – não porque importasse onde ia almoçar, mas por causa de algo maior.

*Hasting é a segunda casa mais poderosa da cidade. Se fizermos uma aliança com eles, juntos podemos impedir que Luthadel caia no caos. Podemos deter a guerra entre as casas, não inflamá-la.*

Era o que os livros haviam feito com ele – transformaram-no de um janota rebelde em um aprendiz de filósofo. Infelizmente, havia sido um tolo por muito tempo. Seria possível que Straff não tivesse percebido a mudança em seu filho? O próprio Elend estava apenas começando a perceber isso.

Straff continuou a encará-lo, e Elend afastou o olhar.

– Vou pensar sobre isso – disse.

Straff acenou com a mão desdenhosamente, e deu meia-volta.

Tentando salvar o que sobrara de seu orgulho, Elend prosseguiu.

– Provavelmente não terá que se preocupar com os Hasting... parece que estão fazendo preparativos para deixar a cidade.

– *O quê?* – Straff perguntou. – Onde ouviu isso.

– No baile – respondeu, despreocupadamente.

– Pensei que tivesse dito que não descobrira nada de importante.

– Agora, veja, nunca disse nada do tipo. Só não tinha vontade de compartilhar isso com você.

Lorde Venture franziu o cenho.

– Não sei por que ainda me importo... qualquer coisa que descobrir tende a ser inútil. Tentei treiná-lo na política, garoto. Realmente tentei. Mas, agora... bem, espero viver para vê-lo morto, porque esta casa vai passar por momentos difíceis se você assumir o controle.

– Sei mais do que pensa, pai.

Straff deu uma gargalhada, voltando-se para sua cadeira.

– Duvido, garoto. Ora, não consegue nem mesmo levar uma mulher para a cama... da última e única vez que sei que tentou, *eu* mesmo tive que levá-lo a um bordel.

Elend ruborizou. *Cuidado*, disse a si mesmo. *Ele está fazendo isso de propósito. Sabe o quanto isso o incomoda.*

– Vá para a cama, garoto – Straff disse com um aceno de mão. – Está com um aspecto terrível.

Elend ficou parado por um instante, e finalmente seguiu para o corredor, suspirando baixinho consigo mesmo.

*Essa é a diferença entre você e eles, Elend*, ele pensou. *Esses filósofos que você lê – eram revolucionários. Estavam dispostos a se arriscarem, a serem executados. Você sequer consegue*

*enfrentar seu pai.*

Caminhou cansado até seus aposentos – onde, estranhamente, encontrou um criado esperando por ele.

Elend franziu o cenho.

– Sim?

– Lorde Elend, tem uma visita – o homem disse.

– A essa hora?

– É Lorde Jastes Lekal, meu senhor.

Elend inclinou a cabeça levemente. *O que, em nome do Senhor Soberano...?*

– Ele está esperando na sala de estar, presumo?

– Sim, meu senhor – o criado disse.

Elend deu meia-volta, pesaroso, percorrendo novamente o corredor. Encontrou Jastes esperando impacientemente.

– Jastes? – Elend perguntou, cansado, enquanto entrava na sala. – Espero que tenha algo  *muito importante para me dizer.*

Jastes se agitou desconfortavelmente por um instante, parecendo ainda mais nervoso do que o normal.

– O quê? – Elend exigiu saber, perdendo a paciência.

– É sobre a garota.

– Valette? – Elend perguntou. – Veio aqui para falar sobre Valette? *Agora?*

– Devia confiar mais em seus amigos – Jastes comentou.

Elend bufou.

– Confiar no conhecimento de *vocês* sobre mulheres? Sem ofensa, Jastes, mas acho que não.

– Eu a segui, Elend – Jastes deixou escapar.

Elend se deteve.

– O quê?

– Mandei seguirem a carruagem dela. Ou, pelo menos, mandei que alguém vigiasse nos portões da cidade. Ela não estava na carruagem quando o veículo deixou a cidade.

– O que quer dizer? – Elend perguntou, franzindo o cenho profundamente.

– Ela não estava *na carruagem*, Elend – Jastes repetiu. – Embora o terrisano dela tenha apresentado os documentos para os guardas, meu homem se esgueirou e espiou pela janela da carruagem, e não havia ninguém lá dentro. A carruagem deve tê-la deixado em algum lugar da cidade. Ela é uma espiã de uma das outras casas... está tentando atingir o seu pai através de você. Criaram a mulher perfeita para atraí-lo... cabelos escuros, um pouco misteriosa e fora da estrutura política regular. Fizeram com que fosse de nascimento baixo o bastante para ser um escândalo você se interessar por ela, e a mandaram se aproximar de você.

– Jastes, isso é ridículo...

– Elend – Jastes interrompeu. – Diga-me mais uma vez: como você a encontrou pela primeira vez?

Elend se deteve.

– Ela estava no balcão.

– No seu lugar de leitura – Jastes disse. – Todo mundo sabe que é onde você vai normalmente. Coincidência?

Elend fechou os olhos. *Não Valette. Ela não pode ser parte de tudo isso.* Mas, imediatamente, outra coisa lhe ocorreu. *Contei para ela sobre o atium! Como pude ser tão estúpido?*

Não podia ser verdade. Não podia acreditar que se deixara enganar tão facilmente. Mas... ele poderia se arriscar? Era um filho ruim, é verdade, mas não era um traidor de sua casa. Não queria ver os Venture caírem; queria liderar a casa algum dia, então talvez fosse capaz de mudar as coisas.

Desejou boa-noite para Jastes, então voltou para seus aposentos com passo distraído. Sentia-se cansado demais para pensar sobre a política das casas. No entanto, quando finalmente se deitou na cama, descobriu que não conseguiria dormir.

Depois de um tempo, levantou-se e chamou um criado.

– Diga a meu pai que farei uma troca – Elend explicou para o homem. – Irei ao almoço amanhã, como ele quer. – Elend se deteve, de pé à porta do dormitório, com seu robe. – Em troca – finalmente disse –, diga a ele que quero que me empreste dois espiões que possam seguir alguém para mim.

*Todos os outros pensam que eu deveria ter executado Kwaan por ter me traído. Para dizer a verdade, provavelmente o mataria agora mesmo se soubesse onde ele se metera. Naquele momento, no entanto, simplesmente não pude.*

*O homem se tornara uma espécie de pai para mim. Até hoje, não sei por que ele decidiu repentinamente que eu não era o Herói. Por que se voltou contra mim, denunciando-me para todo o Conclave dos Portadores do Mundo?*

*Preferiria ele que as Profundezas vencessem? Ainda que eu não seja o escolhido – como Kwaan afirma agora –, minha presença no Poço da Ascensão certamente não poderia ser pior do que o que aconteceria se as Profundezas continuassem a destruir o mundo.*

---

## 29

---

*Está quase no fim, Vin leu.*

*Podemos ver a caverna do nosso acampamento. Levará algumas poucas horas mais de caminhada para alcançá-la, mas sei que é o lugar certo. Posso sentir de algum modo, vindo de lá de cima... pulsando, em minha mente.*

*Está tão frio. Juro que as próprias rochas são feitas de gelo, e a neve é tão funda em alguns lugares que temos que cavar para abrir caminho. O vento sopra o tempo todo. Temo por Fedik – ele não é o mesmo desde que a criatura feita de brumas o atacou, e me preocupa que caia de um precipício ou escorregue em uma das muitas gretas de gelo no chão.*

*Os terrisanos, porém, são uma maravilha. É uma sorte que os tenhamos trazido, pois nenhum carregador comum teria sobrevivido à viagem. Os terrisanos não parecem se incomodar com o frio – algo em seu estranho metabolismo lhes dá a habilidade sobrenatural de resistir aos elementos. Será que “guardaram” calor de seus corpos para usar mais tarde?*

*Não falamos sobre os poderes deles, no entanto – e tenho certeza de que Rashek é o culpado. Os outros carregadores olham para ele como para um líder, embora eu não ache que ele tenha*

completo controle sobre eles. Antes de ser apunhalado, Fedik temia que os terrisanos nos abandonassem aqui no gelo. Mas não acho que isso acontecerá. Estou aqui pela providência das profecias de Terris – esses homens não desobedecerão sua própria religião simplesmente porque um entre eles não gosta de mim.

Finalmente confrontei Rashek. Ele não quis falar comigo, é claro, mas eu o forcei. Depois que desatou, ele falou largamente sobre seu ódio por Khleennium e meu povo. Crê que convertemos o povo dele em pouco mais do que escravos. Acha que os terrisanos merecem mais – diz repetidamente que seu povo devia ser “dominante”, por causa de seus poderes sobrenaturais.

Temo suas palavras, pois vejo alguma verdade nelas. Ontem, um dos carregadores ergueu um pedregulho enorme e o atirou para longe do nosso caminho como se não fosse nada. Nunca tinha visto uma façanha de força como essa em toda minha vida.

Esses terrisanos podem ser muito perigosos, creio. Talvez os tenhamos tratado injustamente. Contudo, homens como Rashek precisam ser contidos – ele crê irracionalmente que todos os povos fora de Terris os têm oprimido. É um homem muito jovem para sentir tanto ódio.

Está tão frio. Quando isso acabar, acho que eu gostaria de viver em um lugar onde é quente o ano todo. Braches me falou de lugares assim, ilhas ao sul, onde as grandes montanhas criam fogo.

Como será, quando tudo isso acabar? Serei apenas um homem comum novamente. Um homem sem importância. Parece bom – mais desejável, inclusive, que um sol quente e um céu sem vento. Estou tão cansado de ser o Herói das Eras, cansado de entrar em cidades e encontrar hostilidade armada ou adoração fanática. Estou cansado de ser amado e odiado pelo que um punhado de velhos diz que farei algum dia.

Quero ser esquecido. Obscuridade. Sim, isso seria bom.

Se alguém estiver lendo essas palavras, saiba que o poder é um fardo pesado. Procure se desvencilhar de suas correntes. As profecias de Terris preveem que eu terei o poder de salvar o mundo. Elas sugerem, no entanto, que terei poder para destruí-lo também.

Terei a habilidade de realizar qualquer desejo do meu coração. “Tomará para si mesmo uma autoridade que nenhum mortal deveria ostentar.” Os filósofos me advertiram de que se eu servir a mim mesmo com esse poder, meu egoísmo o manchará.

Este é um fardo que algum homem devia carregar? É uma tentação à qual algum homem poderia resistir? Sinto-me forte, agora, mas o que acontecerá quando eu tocar aquele poder? Salvarei o mundo, certamente – mas querei tomá-lo também?

Muitos são os meus temores enquanto escrevo com a caneta incrustada de gelo na véspera do renascer do mundo. Rashek me observa. Me odeia. A caverna se encontra diante de mim. Pulsando. Meus dedos tremem. Não de frio.

Amanhã, estará terminado.

Vin virou a página ansiosamente. Mas a página de trás do livreto estava vazia. Voltou atrás, relendo as linhas finais. Onde estava a próxima parte?

Sazed não devia ter terminado ainda. Vin se levantou, suspirando enquanto se espreguiçava. Terminara a última parte do diário de uma sentada, um feito que surpreendia até a ela própria. Os jardins da Mansão Renoux se estendiam diante dela, os caminhos cultivados, as árvores de galhos largos e o córrego tranquilo faziam deste o seu lugar favorito para ler. O sol estava baixo no céu, e estava começando a esfriar.

Dirigiu-se para a mansão. Apesar do frio da tarde, mal podia imaginar um lugar como o que o Senhor Soberano descrevera. Vira neve em picos distantes, mas raramente a sentira cair – e ainda assim era, em geral, apenas lama congelada. Experimentar tanta neve dia após dia,



correr o perigo de que ela caísse sobre si em uma grande avalanche esmagadora...

Uma parte dela desejava poder visitar tais lugares, independentemente de quão perigoso fosse. Embora o diário não descrevesse a jornada inteira do Senhor Soberano, algumas das maravilhas que ele incluía – os campos gelados ao norte, o grande lago negro, as cachoeiras de Terris – pareciam surpreendentes.

*Se ele desse mais detalhes de como as coisas pareciam!*, ela pensou, aborrecida. O Senhor Soberano passava muito tempo se preocupando. Embora, ela tinha que admitir, estivesse começando a sentir um tipo estranho de... familiaridade com ele através de suas palavras. Achava difícil associar a pessoa em sua mente com a criatura sombria que causara tantas mortes. O que ocorrera no Poço da Ascensão? O que o teria mudado tão drasticamente? Tinha que saber.

Chegou à mansão e saiu à procura de Sazed. Tinha voltado a usar vestidos – parecia estranho se fosse vista usando calças por qualquer outra pessoa que não fosse membro da gangue. Sorriu para o mordomo de Lorde Renoux ao passar, subindo as escadas ansiosamente e dirigindo-se para a biblioteca.

Sazed não estava lá. Sua pequena escrivaninha estava vazia, a lâmparina apagada, o tinteiro vazio. Vin franziu o cenho, aborrecida.

*Onde quer que esteja, é melhor estar trabalhando na tradução!*

Desceu as escadas, perguntando por Sazed, e uma criada indicou a cozinha principal. Vin franziu o cenho, percorrendo o corredor dos fundos. *Fazendo um lanche, talvez?*

Encontrou Sazed sentado entre um pequeno grupo de criados, apontando para uma lista na mesa e falando em voz baixa. Não se deu conta da presença de Vin.

– Sazed? – Vin perguntou, interrompendo-o.

Ele se virou.

– Sim, senhora Valette? – perguntou, inclinando levemente a cabeça.

– O que está fazendo?

– Vendo os estoques de comida de Lorde Renoux, senhora. Embora tenha sido designado para assisti-la, ainda sou mordomo dele, e tenho deveres a cumprir quando não estou ocupado com outra coisa.

– Vai voltar logo à tradução?

Sazed inclinou a cabeça.

– Tradução, senhora? Está terminada.

– Onde está a última parte, então?

– Eu lhe dei – Sazed falou.

– Não, não deu – ela disse. – Esta parte termina na noite anterior à entrada na caverna.

– Este é o fim, senhora. É o mais longe que o diário chega.

– *O quê?* – ela exclamou. – Mas...

Sazed olhou de relance para os outros criados.

– Devíamos falar sobre essas coisas em particular. – ele deu mais algumas instruções, apontando para a lista, então acenou com a cabeça para que Vin se juntasse a ele enquanto saía da cozinha e se dirigia aos jardins laterais.

Vin ficou parada, estupefata, então correu atrás dele.

– Não pode terminar assim, Sazed. Não sabemos o que aconteceu!

– Podemos deduzir, creio – Sazed disse, andando pelos caminhos do jardim. Os jardins ocidentais da mansão não eram tão opulentos quanto os que Vin frequentava, consistindo, em vez disso, de grama marrom suave e um arbusto ocasional.

– Deduzir o quê? – Vin perguntou.

– Bem, o Senhor Soberano deve ter feito o que era necessário para salvar o mundo, pois ainda estamos aqui.

– Suponho que sim – Vin concordou. – Mas então tomou o poder para si. Deve ter sido o que aconteceu... ele não resistiu à tentação de usar o poder de modo egoísta. Mas, por que não há outro relato? Por que não fala mais de suas realizações?

– Talvez o poder o tenha mudado demais – Sazed disse. – Ou talvez ele simplesmente não tenha mais sentido necessidade de registrar. Alcançara seu objetivo, e se tornara imortal como efeito colateral. Manter um diário para a posteridade se torna um tanto redundante quando se vai viver para sempre, creio.

– É tão... – Vin rangeu os dentes de frustração. – É um final muito pouco satisfatório, Sazed. Ele sorriu, divertido.

– Tome cuidado, senhora... torne-se muito apreciadora da leitura, e se transformará em uma erudita.

Vin negou com a cabeça.

– Não se todos os livros que eu ler terminarem como este!

– Se serve de consolo – Sazed comentou –, você não é a única que está desapontada com o conteúdo do diário de viagem. Não contém muita coisa que Mestre Kelsier possa usar... certamente não há nada sobre o Décimo Primeiro Metal. Sinto-me de certa forma culpado, já que fui o único que se beneficiou com o livro.

– Mas não há muito sobre a religião de Terris tampouco.

– Não muito – Sazed concordou. – Mas, verdadeira e lamentavelmente, “não muito” é muito mais do que tínhamos antes. Só estou preocupado em não ter a oportunidade de transmitir esta informação. Mande uma cópia da tradução para um lugar onde meus irmãos e irmãs Guardadores saberão procurar... seria uma pena se esse novo conhecimento morresse comigo.

– Não vai – Vin disse.

– Ah? Minha senhora repentinamente se tornou uma otimista?

– Meu terrisano repentinamente se tornou um engraçadinho? – Vin replicou.

– Ele sempre foi, creio – Sazed disse, abrindo um leve sorriso. – É uma das coisas que fez dele um pobre mordomo... no menos aos olhos da maior parte de seus mestres.

– Então eles devem ter sido tolos – Vin disse honestamente.

– Eu estava inclinada a pensar isso, senhora – Sazed respondeu. – Devemos retornar à mansão; não devemos ser vistos nos jardins quando as brumas chegarem, creio.

– Eu estava prestes a voltar a entrar nelas.

– Muitos nas equipes da propriedade não sabem que é uma Nascida das Brumas, senhora – Sazed disse. – Seria bom manter em segredo, creio.

– Eu sei – Vin disse, dando meia-volta. – Vamos voltar, então.

– Um belo plano.

Andaram por alguns momentos, apreciando a beleza sutil do jardim ocidental. A grama era mantida cuidadosamente aparada, e fora disposta em agradáveis camadas, os arbustos ocasionais acentuavam sua beleza. O jardim da área sul era muito mais espetacular, com o regato, as árvores e as plantas exóticas. Mas o jardim oriental tinha sua própria paz: a serenidade da simplicidade.

– Sazed? – Vin disse em voz baixa.

– Sim, senhora?

– Tudo isso vai mudar, não vai?

– O que quer dizer especificamente?

– Tudo – Vin falou. – Mesmo que não estejamos todos mortos em um ano, os membros da

ganguê estarão trabalhando em outros projetos. Ham provavelmente voltará para sua família, Dox e Kelsier estarão planejando alguma nova leviandade, Trevo estará alugando sua loja para outra gangue... Mesmo esses jardins nos quais gastamos tanto dinheiro... pertencerão à outra pessoa.

Sazed assentiu.

– O que diz é provável. No entanto, se as coisas derem certo, talvez a rebelião skaa esteja governando Luthadel daqui a um ano.

– Talvez – Vin concordou. – Mesmo assim... as coisas vão mudar.

– É a natureza de tudo na vida, senhora – Sazed disse. – O mundo deve mudar.

– Eu sei – Vin falou, suspirando. – Eu só queria... Bem, eu realmente *gosto* da minha vida agora, Sazed. Gosto de passar o tempo com a gangue, e gosto de treinar com Kelsier. Amo ir aos bailes com Elend nos finais de semana, adoro andar por esses jardins com você. Não quero que essas coisas mudem. Não quero que minha vida volte a ser como era há um ano.

– Não precisa ser assim, senhora – Sazed falou. – Pode mudar para melhor.

– Não vai – Vin disse rapidamente. – Já está começando... Kelsier deu a entender que meu treinamento já está quase terminado. Quando praticar no futuro, farei isso sozinha. Quanto a Elend, ele nem mesmo sabe que sou skaa... e é minha tarefa destruir a família dele. Mesmo que a Casa Venture não caia pelas minhas mãos, outros a botarão abaixo... sei que Shan Elariel está planejando alguma coisa, e não consegui descobrir nada sobre suas tramas. Isso é só o começo, no entanto. Encararemos o Império Final. Provavelmente vamos fracassar... para ser honesta, não vejo como as coisas poderiam ser de outro modo. Lutaremos, faremos algo bom, mas não mudaremos muito... e aqueles de nós que sobreviverem passarão o resto da vida fugindo dos Inquisidores. Tudo está mudando, Sazed, e não posso deter.

Sazed sorriu afetuosamente.

– Então, senhora – ele disse em voz baixa –, simplesmente aproveite o que tem. O futuro a surpreenderá, creio.

– Talvez – Vin disse, sem se convencer.

– Só precisa ter esperança, senhora. Talvez mereça um pouco de boa sorte. Havia um grupo antes da Ascensão conhecido como astalsi. Eles afirmavam que cada pessoa era nascida com uma certa quantidade finita de má sorte. Então, quando um infortúnio acontecia, eles se julgavam abençoados: pois, a partir de então, a vida deles só podia melhorar.

Vin ergueu uma sobrancelha.

– Parece um pouco simplório.

– Não creio nisso – Sazed comentou. – Ora, os astalsi eram bem avançados; misturavam religião e ciência bem profundamente. Pensavam que cores diferentes eram indicativas de diferentes tipos de fortuna, e eram bem detalhados em suas descrições de luz e cor. Foi deles que herdamos nossas melhores ideias de como as coisas se pareciam antes da Ascensão. Tinham uma escala de cores, e a usavam para descrever o céu de mais intenso azul e as várias plantas em seus tons de verde. Além disso, considero a filosofia deles sobre sorte e fortuna bem reveladoras. Para eles, uma vida pobre era nada menos que um sinal da fortuna que estava por vir. Podia ser boa para você, senhora: poderia se beneficiar do conhecimento de que sua sorte não pode ser sempre ruim.

– Não sei – Vin disse, cética. – Quero dizer, se sua má sorte é limitada, sua *boa* sorte não seria limitada, também? Toda vez que algo bom acontecesse, eu ficaria preocupada de ter acabado com meu estoque.

– Hummm – Sazed considerou. – Imagino que dependa do ponto de vista, senhora.

– Como podem ser tão otimistas? – Vin perguntou. – Tanto você quanto Kelsier.

– Não sei, senhora – Sazed respondeu. – Talvez nossas vidas tenham sido mais fáceis do que a da senhora. Ou talvez sejamos simplesmente mais tolos.

Vin ficou em silêncio. Eles caminharam por mais algum tempo, voltando para o edifício, mas não se apressaram.

– Sazed – ela finalmente disse. – Quando você me salvou, naquela noite na chuva, usou feruquemia, não?

Sazed assentiu.

– De fato. O Inquisidor estava muito concentrado em você, e fui capaz de me esgueirar por detrás dele e acertá-lo com uma pedra. Estava muito mais forte do que um homem normal, e meu golpe o atirou contra a parede, quebrando vários de seus ossos, suspeito.

– Foi isso? – Vin perguntou.

– Parece desapontada, senhora – Sazed observou, sorrindo. – Esperava algo mais espetacular, suponho?

Vin assentiu.

– É só que... você tem sido tão discreto sobre a feruquemia. Isso a faz parecer mais mística, acho.

Sazed suspirou.

– Há realmente pouco a esconder, senhora. O único poder verdadeiro da feruquemia – a habilidade de estocar e recobrar memórias – a senhora certamente já adivinhou. O resto dos poderes não são diferentes, na verdade, dos poderes que você consegue do peltre e do estanho. Alguns deles são um pouco mais estranhos, como tornar um feruquemista mais pesado ou mudar sua idade, mas oferecem pouca aplicação marcial.

– Idade? – Vin perguntou, animando-se. – Você pode se tornar mais jovem?

– Na verdade, não, senhora – Sazed explicou. – Lembre-se, um feruquemista deve tirar seus poderes de seu próprio corpo. Pode, por exemplo, passar algumas semanas com seu corpo envelhecido até o ponto de cair, e parecer dez anos mais velho do que realmente é. Então, pode retirar essa idade para parecer dez anos mais jovem pela mesma quantidade de tempo. Contudo, na feruquemia, deve haver um equilíbrio.

Vin pensou nisso por um momento.

– O tipo de metal que usa importa? – ela perguntou. – Como na alomancia?

– Certamente – Sazed disse. – O metal determina o que pode ser armazenado.

Vin assentiu e continuou a andar, pensando no que ele dissera.

– Sazed, pode me dar um pedaço do seu metal? – ela finalmente pediu.

– Meu metal, senhora?

– Algo que usa como estoque feruquêmico – Vin explicou. – Quero tentar queimá-lo... talvez isso me deixe usar alguma parte de seu poder.

Sazed franziu o cenho, curioso.

– Alguém já tentou isso antes?

– Tenho certeza de que alguém deve ter tentado – Sazed falou. – Mas, honestamente, não posso pensar em um exemplo específico. Talvez, se procurar em minhas memórias das mentes de cobre...

– Por que não me deixa tentar agora? – Vin perguntou. – Tem algo feito de um dos metais básicos? Algo em que não tenha nada muito valioso estocado dentro?

Sazed pausou, então levou a mão até um dos enormes lóbulos de sua orelha e tirou um brinco muito parecido com o que Vin usava. Entregou-lhe a diminuta tarraxa, usada para manter o brinco no lugar.

– É peltre puro, senhora. Estoquei uma quantidade moderada de força nela.

Vin assentiu, engolindo a pecinha. Sentiu a reserva alomântica, mas o pedaço de metal não parecia fazer nada diferente. Queimou peltre para ver o que acontecia.

– Alguma coisa? – Sazed perguntou.

Vin negou com a cabeça.

– Não, eu não... – Calou-se. *Havia* algo diferente ali, alguma coisa distinta.

– O que foi, senhora? – Sazed perguntou com uma ansiedade pouco comum em sua voz.

– Eu... posso sentir o poder, Saze. É débil, muito além do meu alcance, mas juro que há outra reserva dentro de mim, uma que só aparece quando estou queimando seu metal.

Sazed franziu o cenho.

– É débil, você diz? Como... se pudesse ver uma sombra da reserva, mas não acessar o poder em si?

Vin assentiu.

– Como sabe?

– É o que se sente quando se tenta usar os metais de outro feruquemista, senhora – Sazed disse, suspirando. – Eu devia ter suspeitado que esse seria o resultado. Não pode acessar o poder, porque ele não pertence a você.

– Ah – Vin disse.

– Não fique muito desapontada, senhora. Se alomânticos conseguissem roubar força do meu povo, já se saberia. Foi uma ideia esperta, no entanto. – Ele se virou, apontando para a mansão. – A carruagem chegou. Estamos atrasados para a reunião, creio.

Vin assentiu, e eles apertaram o passo em direção à mansão.

*Engraçado*, Kelsier disse para si mesmo, enquanto se esgueirava pelo pátio escuro, diante da Mansão Renoux. *Tenho que me esconder em minha própria casa, como se estivesse atacando a fortaleza de algum nobre.*

Não havia como evitar, entretanto – não com a sua reputação. Kelsier, o ladrão, havia sido distintivo o bastante; Kelsier, o instigador de rebelião e líder espiritual skaa, era ainda mais famoso. O que, é claro, não o impedia de espalhar seu caos noturno – só tinha que ser mais cauteloso. Mais e mais famílias estavam saindo da cidade, e as casas poderosas estavam ficando cada vez mais paranoicas. De certo modo, aquilo os tornava mais manipuláveis – mas se esgueirar nas redondezas de suas fortalezas estava ficando muito perigoso.

Em comparação, a Mansão Renoux era praticamente desprotegida. Havia guardas, é claro, mas nenhum brumoso. Renoux tinha que manter uma atitude discreta; tantos alomânticos o fariam se destacar. Kelsier se manteve nas sombras, abrindo caminho cuidadosamente pela lateral leste do edifício. Então *empurrou* uma moeda e subiu até a sacada do próprio Renoux.

Kelsier aterrissou com suavidade, então espiou pelas portas de vidro da sacada. As cortinas estavam fechadas, mas pôde ver Dockson, Vin, Sazed, Ham e Brisa parados ao redor da escrivaninha de Renoux. O próprio Renoux estava sentado no outro canto do aposento, afastado das discussões. Seu contrato incluía interpretar o papel de Lorde Renoux, mas não queria se envolver mais do que já estava no plano.

Kelsier meneou a cabeça. *Seria muito fácil para um assassino entrar aqui. Terei que me assegurar de que Vin continue a dormir na loja de Trevo.* Não estava preocupado com Renoux; a natureza do kandra era tal que não precisava temer a lâmina de um assassino.

Kelsier bateu de leve na porta, e Dockson foi abri-la.

– E ele faz sua surpreendente entrada! – Kelsier anunciou, entrando no aposento e tirando

sua capa de bruma.

Dockson bufou, fechando as portas.

– Você é realmente uma maravilha de se ver, Kell. Especialmente com essas manchas de fuligem nos joelhos.

– Tive que engatinhar um pouco esta noite – Kelsier disse, fazendo um sinal indiferente com a mão. – Há uma vala de drenagem sem uso que passa bem por baixo da muralha de defesa da Fortaleza Leka. Qualquer um pensaria que eles a teriam tampado.

– Duvido que se preocupem – Brisa disse, ao lado da escrivaninha. – A maior parte dos nascidos das brumas é orgulhosa demais para rastejar. Estou surpreso que esteja disposto a isso.

– Orgulhosa demais para rastejar? – Kelsier disse. – Bobagem! Ora, eu diria que nós, nascidos das brumas, somos orgulhosos demais para *não* nos humilharmos rastejando... de uma maneira digna, é claro.

Dockson franziu o cenho, aproximando-se da escrivaninha.

– Kell, isso não faz nenhum sentido.

– Nós, nascidos das brumas, não precisamos fazer sentido – Kelsier disse com altivez. – O que é isso?

– De seu irmão – Dockson disse, apontando para um grande mapa aberto na escrivaninha. – Chegou esta tarde, estava dentro do buraco de uma perna de mesa quebrada que o Cantão da Ortodoxia contratou Trevo para consertar.

– Interessante – Kelsier disse, analisando o mapa. – É uma lista das estações de abrandamento, presumo?

– De fato – Brisa disse. – É uma bela descoberta; nunca tinha visto um mapa da cidade tão detalhado e cuidadosamente desenhado. Ora, não só mostra cada uma das trinta e quatro estações de Abrandamento, mas também os locais de atividade dos Inquisidores, assim como lugares que preocupam os diferentes Cantões. Não tive muita oportunidade de trabalhar com seu irmão, mas devo dizer que o homem é obviamente um gênio!

– Quase difícil de acreditar que é parente de Kell, não? – Dockson disse, abrindo um sorriso. Tinha um bloco de notas diante de si e estava fazendo uma lista de todas as estações de abrandamento.

Kelsier bufou.

– Marsh pode ser o gênio, mas eu sou o bonito. O que são esses números?

– Incursões dos Inquisidores e datas – Ham falou. – Você vai notar que o esconderijo da antiga gangue de Vin está listado.

Kelsier assentiu.

– Como demônios Marsh conseguiu roubar um mapa como este?

– Não roubou – Dockson disse enquanto escrevia. – Havia um bilhete com o mapa. Aparentemente, os alto prelados o *deram* para ele. Estão muito impressionados com Marsh e querem que ele examine a cidade e recomende locais para novas estações de Abrandamento. Parece que o Ministério está um pouco preocupado com a guerra entre as casas, e querem enviar alguns abrandadores a mais para tentar manter as coisas sob controle.

– Devemos mandar o mapa dentro da perna da mesa consertada – Sazed explicou. – Assim que terminarmos a reunião, devo me esforçar para copiar isso no menor tempo possível.

*E memorizá-lo também, tornando-o, assim, parte do registro de cada Guardador*, Kelsier pensou. *O dia em que vão parar de memorizar e começarão a ensinar está chegando, Saze. Espero que seu povo esteja pronto.*

Kelsier se virou, estudando o mapa. Era tão impressionante quanto Brisa dissera. De fato, Marsh havia se arriscado demasiadamente ao enviá-lo. Talvez um risco imprudente até – mas a

informação que continha...

*Temos que devolver isso rapidamente*, Kelsier pensou. *Amanhã de manhã, se possível.*

– O que é isso? – Vin perguntou em voz baixa, inclinando-se sobre o grande mapa e apontando. Usava um vestido de nobre: um traje de peça única um pouco menos enfeitado que um vestido de gala.

Kelsier sorriu. Ele se lembrava do tempo em que Vin teria parecido assustadoramente desajeitada em um vestido, mas parecia estar tomando um gosto crescente por eles. Ainda não se movia *exatamente* como uma dama nobre de nascimento. Era graciosa – mas era a graça habilidosa de um predador, não a graça deliberada de uma dama da corte. Mesmo assim, os vestidos pareciam cair bem em Vin agora – de um jeito que não tinha nada a ver com o corte.

*Ah, Mare*, Kelsier pensou. *Você sempre quis ter uma filha que pudesse ensinar a caminhar na linha que separa a nobre e a ladra.* Teriam gostado uma da outra; ambas tinham um traço oculto de não convencionalismo. Se a esposa dele ainda estivesse viva, talvez tivesse ensinado a Vin coisas que nem mesmo Sazed sabia sobre como fingir ser uma nobre.

*É claro, se Mare ainda estivesse viva, eu não estaria fazendo nada disso. Não ousaria.*

– Olhe! – Vin disse. – Uma dessas datas dos Inquisidores é nova... está marcada como ontem!

Dockson lançou um olhar para Kelsier.

*Tínhamos que contar para ela em algum momento...*

– Era a gangue de Theron – Kelsier disse. – Um Inquisidor os atacou ontem à noite.

Vin empalideceu.

– Eu deveria reconhecer esse nome? – Ham perguntou.

– A gangue de Theron era parte da equipe que estava tentando enganar o Ministério com Camon – Vin disse. – Isso quer dizer que... provavelmente ainda estão no meu rastro.

*O Inquisidor a reconheceu naquela noite em que nos infiltramos no palácio. Deve saber quem é o pai dela. Felizmente, aquelas criaturas inumanas deixam a nobreza desconfortável – de outro modo, teríamos que começar a nos preocupar quanto a mandá-la frequentar os bailes.*

– A gangue de Theron – Vin comentou. – Foi... foi como a última vez?

Dockson assentiu.

– Sem sobreviventes.

Houve um silêncio desconfortável, e Vin parecia visivelmente enjoada.

*Pobre criança*, Kelsier pensou. Havia pouco a fazer além de seguir em frente, no entanto.

– Tudo bem. Como vamos usar este mapa?

– Há algumas notas do Ministério sobre as defesas das casas – Ham comentou. – Serão úteis.

– Não parece haver nenhum padrão nos ataques dos Inquisidores, no entanto – Brisa disse. – Eles provavelmente vão aonde a informação os levar.

– Vamos querer evitar ser muito ativos perto das estações de *abrandamento* – Dox disse, abaixando sua caneta. – Felizmente, a loja de Trevo não está perto de nenhuma estação específica... a maior parte delas está em bairros pobres.

– Precisamos fazer mais do que simplesmente evitar as estações – Kelsier falou. – Temos que estar prontos para eliminá-las.

Brisa franziu o cenho.

– Se fizermos isso, corremos o risco de jogar de maneira muito imprudente.

– Mas pense no dano que isso causaria – Kelsier disse. – Marsh falou que há pelo menos três Ablandadores e um buscador em cada uma dessas estações. São cento e trinta Brumosos do

Ministério... devem ter recrutado por todo o Domínio Central para reunir essa quantidade. Se forem todos eliminados de uma só vez...

– Nós nunca vamos conseguir matar tantos assim – Dockson disse.

– Podemos usar o resto do nosso exército – Ham falou. – Eles estão escondidos entre os bairros pobres.

– Tenho uma ideia melhor – Kelsier sugeriu. – Podemos contratar outras gangues de ladrões. Se tivermos dez gangues, cada uma com a missão de tomar três estações, podemos limpar a cidade dos Abandoadores e Buscadores do Ministério em poucas horas.

– Teríamos que discutir o sincronismo, no entanto – Dockson observou. – Brisa está certo: matar tantos obrigadores em uma noite é um compromisso importante. Não demoraria muito para que os Inquisidores retaliassem.

Kelsier assentiu. *Você está certo, Dox. O sincronismo será vital.*

– Você cuidaria disso? Encontre algumas gangues adequadas, mas espere até decidirmos o momento antes de dar a eles as localizações das estações de *abandamento*.

Dockson assentiu.

– Bom – Kelsier disse. – Falando dos nossos soldados, Ham, como vão as coisas com eles?

– Melhor do que eu esperava, na verdade – Ham falou. – Eles passaram pelo treinamento nas cavernas, então são bastante competentes. E se considerarmos o segmento mais “fiel” do exército, já que não seguiram Yeden na batalha contra sua vontade.

Brisa fez uma careta.

– Um jeito conveniente de olhar para o fato de que perderam três quartos de seu exército em uma tolice tática.

– São bons homens, Brisa – Ham disse com firmeza. – Assim como aqueles que morreram. Não fale mal deles. Independentemente disso, estou preocupado em esconder o exército como estamos fazendo... não vai demorar muito até que uma das equipes seja descoberta.

– É por isso que nenhum deles sabe onde encontrar os outros – Kelsier disse.

– Quero mencionar algo a respeito dos homens – Brisa disse, sentando-se em uma das cadeiras da escrivaninha de Renoux. – Posso ver a importância de enviar Hammond para treinar os soldados, mas, honestamente, qual a razão para obrigar Dockson e eu a visitá-los?

– Os homens precisam saber quem são seus líderes – Kelsier disse. – Se Ham estiver indisposto, alguém mais precisa assumir o comando.

– Por que não você? – Brisa perguntou.

– Só confie em mim – Kelsier disse, sorrindo. – É melhor assim.

Brisa revirou os olhos.

– Confiar em você. Parece que estamos fazendo muito disso...

– Que seja – Kelsier o interrompeu. – Vin, quais as notícias da nobreza? Descobriu algo útil sobre a Casa Venture?

Ela se deteve.

– Não.

– Mas o baile na semana que vem será na Fortaleza Venture, certo? – Dockson perguntou.

Vin assentiu.

Kelsier olhou para a garota. *Ela nos diria se soubesse algo?* Encontrou os olhos dela e não conseguiu decifrar nada neles. *A maldita garota é uma mentirosa muito experiente.*

– Tudo bem – disse para ela. – Continue procurando.

– Continuarei – ela disse.

Apesar do cansaço, Kelsier encontrou um sono esquivo naquela noite. Infelizmente, não



podia sair e percorrer os corredores – apenas alguns criados sabiam que ele estava na mansão, e precisava se manter discreto, agora que sua reputação estava aumentando.

Sua reputação. Ele suspirou, enquanto se apoiava na grade da sacada, observando as brumas. De certo modo, as coisas que ele fez preocupavam até mesmo a ele. Os outros não o questionavam em voz alta, como ele pedira, mas podia ver que ainda estavam preocupados com sua fama crescente.

*É o melhor jeito. Posso não precisar de nada disso... mas, se precisar, ficarei feliz de ter me dado ao trabalho.*

Uma batida suave soou na porta. Deu meia-volta, curioso, enquanto Sazed enfiava a cabeça no quarto.

– Peço desculpas, Mestre Kelsier – Sazed disse. – Mas um guarda veio me ver e disse que podia vê-lo na varanda. Estava preocupado que alguém o descobrisse.

Kelsier suspirou, mas saiu da varanda, fechando as portas e as cortinas.

– Não fui feito para o anonimato, Saze. Para um ladrão, não sou nada bom em me esconder.

Sazed sorriu e começou a se retirar.

– Sazed? – Kelsier o chamou, fazendo o terrisano se deter. – Não consigo dormir... tem uma nova proposta para mim?

Sazed abriu um largo sorriso, entrando no quarto.

– É claro, Mestre Kelsier. Ultimamente, estive pensando que o senhor gostaria de ouvir sobre a Verdade dos bennet. Combina muito com o senhor, creio. Os bennet eram um povo altamente desenvolvido, que viviam nas ilhas do sul. Eram corajosos marinheiros e brilhantes cartógrafos; alguns dos mapas que o Império Final ainda usa foram desenvolvidos por exploradores bennet. A religião deles foi desenvolvida para ser praticada a bordo de navios que ficavam por meses no mar. O capitão era também o sacerdote, e nenhum homem tinha permissão para comandar a menos que recebesse treinamento teológico.

– Provavelmente não tinham muitos motins.

Sazed sorriu.

– Era uma boa religião, Mestre Kelsier. Baseava-se na descoberta e no conhecimento; para essas pessoas, fazer mapas era um dever sagrado. Acreditavam que assim que o mundo todo fosse conhecido, entendido e catalogado, os homens finalmente encontrariam paz e harmonia. Muitas religiões ensinam tais ideais, mas poucas, na verdade, conseguem praticá-los tão bem quanto os bennet.

Kelsier franziu o cenho, recostando-se na parede ao lado das cortinas da varanda.

– Paz e harmonia – disse lentamente. – Na verdade, não estou procurando por nada disso nesse momento, Saze.

– Ah – Sazed disse.

Kelsier olhou para cima, encarando o teto.

– Poderia... me falar sobre os valla novamente?

– É claro – Sazed disse, puxando uma cadeira ao lado da escrivaninha de Kelsier e se sentando. – O que especificamente gostaria de saber?

Kelsier balançou a cabeça.

– Não tenho certeza – ele disse. – Sinto muito, Saze. Estou com um humor estranho esta noite.

– Sempre está com um humor estranho, creio – Sazed disse, dando um leve sorriso. – Contudo, escolheu uma seita interessante sobre a qual perguntar. Os valla duraram muito mais que qualquer outra religião sob domínio do Senhor Soberano.

– É por isso que pergunto – Kelsier disse. – Eu... preciso entender o que os fez prosseguir por tanto tempo, Saze. O que os manteve lutando?

– Eles eram os mais determinados, creio.

– Mas não tinham nenhum líder – Kelsier comentou. – O Senhor Soberano massacrou todo o conselho religioso valla como parte de sua primeira conquista.

– Ah, eles tinham líderes, Mestre Kelsier – Sazed disse. – Mortos, é verdade, mas líderes, no entanto.

– Alguns homens diriam que a devoção deles não fazia sentido – Kelsier falou. – A perda dos líderes valla devia ter abatido as pessoas, não tê-las tornado mais determinadas a prosseguir.

Sazed meneou a cabeça.

– Homens são mais resilientes que isso, creio. Nossa crença é geralmente mais forte quando deveria ser mais fraca. É assim que a esperança funciona.

Kelsier assentiu.

– Quer mais instruções sobre os valla?

– Não. Obrigado, Saze. Só precisava ser lembrado de que existiram pessoas que lutaram mesmo quando parecia não haver mais esperança.

Sazed assentiu, levantando-se.

– Acho que entendo, Mestre Kelsier. Boa noite, então.

Kelsier assentiu, distraído, deixando o terrisano se retirar.

*A maioria dos terrisanos não é tão má quanto Rashek. No entanto, posso ver que acreditam nele, até certo ponto. Estes homens são simples, não filósofos ou eruditos, e não sabem que suas próprias profecias dizem que o Herói das Eras será um forasteiro. Só veem o que Rashek sustenta – que são um povo ostensivamente superior, e deviam ser “dominantes”, em vez de subservientes.*

*Diante de tal paixão e ódio, até bons homens podem ser enganados.*

---

# 30

---

Vin precisou retornar ao salão de baile dos Venture para lembrar o que era a verdadeira majestade.

Visitara tantas fortalezas que começara a ficar insensível ao esplendor. Havia, no entanto, algo especial na Fortaleza Venture – algo que as outras fortalezas se esforçavam para ter, mas nunca conseguiam totalmente. Era como se Venture fosse o pai, e as outros, filhos bem ensinados. Todas as fortalezas eram belas, mas não havia como negar que esta era a melhor.

O enorme salão Venture, flanqueado por uma fileira de colunas enormes em cada lado, parecia ainda maior do que de costume. Vin não conseguia entender o porquê. Pensou sobre isso enquanto esperava que um criado pegasse seu xale. As luzes oxidricas normais brilhavam do outro lado dos vitrais, inundando a sala com fragmentos de luz. As mesas estavam imaculadas sob os beirais entre as colunas. A mesa do lorde, colocada no pequeno balcão ao fundo do salão, parecia tão régia quanto sempre.

É quase... perfeito demais, Vin pensou, franzindo o cenho consigo mesma. Tudo parecia levemente exagerado. As toalhas de mesa estavam ainda mais brancas e mais bem passadas que o normal. O uniforme dos criados parecia particularmente elegante. Em vez de soldados normais nas portas, havia matabrumas de aspecto intencionalmente imponente, distintos pelos escudos de madeira e a falta de armadura. No conjunto, a sala fazia parecer como se a habitual perfeição Venture tivesse aumentado.

– Algo está errado, Sazed – ela sussurrou, enquanto o criado preparava sua mesa.  
– O que quer dizer, senhora? – o alto mordomo perguntou, parado atrás dela.  
– Há pessoas demais aqui – Vin disse, percebendo uma das coisas que a incomodara. A participação nos bailes estava diminuindo nos últimos meses. Mesmo assim, parecia que todo mundo tinha retornado para o evento dos Venture. E todos estavam usando suas melhores roupas.

– Algo está acontecendo – Vin disse em voz baixa. – Algo de que não sabemos.  
– Sim... – Sazed respondeu, também em voz baixa. – Sinto isso também. Talvez eu deva ir ao jantar dos mordomos mais cedo.

– Boa ideia – Vin concordou. – Acho que posso pular a refeição desta noite. Estamos um pouco atrasados, e parece que as pessoas já começaram a conversar.

Sazed sorriu.

– O quê?

– Lembrei de uma época em que *jamaiz* pularia uma refeição, senhora.

Vin bufou.

– Só fique feliz de eu nunca ter tentado encher os bolsos com a comida desses bailes... acredite em mim, estive tentada. Agora, vá.

Sazed assentiu e partiu para a sala de jantar dos mordomos. Vin procurou entre os grupos que conversavam. *Nenhum sinal de Shan, felizmente*, pensou. Infelizmente, Kliss tampouco estava à vista, então Vin tinha que escolher outra pessoa para fofocar. Avançou, sorridente, até Lorde Idren Seeris, primo da Casa Elariel e com quem dançara em várias ocasiões. Ele a reconheceu com um duro aceno de cabeça, e ela se juntou ao grupo.

Vin sorriu para os outros membros do grupo – três mulheres e um outro lorde. Conhecia todos eles ao menos de passagem, e dançara com Lorde Yestal. Contudo, nesta noite, todos lhe lançaram olhares frios.

– Não venho à Fortaleza Venture há algum tempo – Vin disse, adotando a personalidade de garota de campo. – Tinha esquecido de como é majestosa!

– De fato – disse uma das damas. – Com licença... vou pegar algo para beber.

– Irei com você – uma das outras damas acrescentou, e ambas deixaram o grupo.

Vin as observou partir, franzindo o cenho.

– Ah – Yestal disse. – Nossa refeição chegou. Vamos, Triss?

– É claro – a última dama disse, juntando-se a Yestal enquanto se afastavam.

Idren arrumou os óculos, lançando a Vin um olhar desanimado de desculpas, e se retirou. Vin ficou parada, estupefata. Não recebia uma recepção tão obviamente fria quanto essa desde seus primeiros bailes.

*O que está acontecendo?*, pensou, com nervosismo crescente. *Seria isso obra de Shan? Poderia virar um salão inteiro contra mim?*

Não, aquilo não parecia certo. Teria exigido esforço demais. Além disso, a esquisitice não era só com relação a ela. Todos os grupos de nobres estavam... diferentes esta noite.

Vin tentou um segundo grupo, com resultado ainda pior. Assim que se aproximou, eles a ignoraram no mesmo instante. Vin se sentiu tão deslocada que se retirou, fugindo para pegar uma taça de vinho. Enquanto caminhava, percebeu que o primeiro grupo – aquele com Yestal e Idren – havia se reunido novamente com exatamente os mesmos membros.

Vin se deteve, parada nas sombras do beiral do lado leste, perscrutando a multidão. Havia pouca gente dançando, e ela os reconheceu a todos como casais estabelecidos. Parecia haver pouca relação entre os grupos ou mesas. Embora o salão de baile estivesse cheio, parecia que a maior parte dos presentes estava tentando claramente ignorar todos os demais.

*Preciso dar uma olhada melhor nisso*, pensou, andando até a escada. Pouco depois, ela saiu no comprido balcão que percorria a parede sobre a pista de dança, com suas familiares lanternas azuis dando um tom melancólico e suave.

Vin se deteve. O refúgio de Elend ficava entre a coluna da direita e a parede, iluminado por uma única lanterna. Ele quase sempre passava os bailes dos Venture lendo ali; não gostava da pompa e circunstância que implicava o anfitrião da festa.

O refúgio estava vazio. Ela se aproximou da grade, e então esticou o corpo para contemplar o outro extremo do grande salão. A mesa do anfitrião estava situada no mesmo nível dos balcões, e ela ficou chocada ao ver Elend sentado ali, jantando com seu pai.

*O quê?*, pensou, incrédula. Nunca, na meia dúzia de bailes em que estivera na Fortaleza Venture, havia visto Elend sentado com sua família.

Lá embaixo, viu uma figura familiar, de túnica colorida, caminhando entre a multidão. Acenou para Sazed, mas ele obviamente já a havia visto. Enquanto esperava por ele, Vin pensou ter ouvido uma voz familiar vindo do outro lado do balcão. Virou-se para conferir, encontrando a pequena figura que não percebera antes. Kliss estava falando com um pequeno grupo de lordes menores.

*Então era aqui que Kliss estava*, Vin pensou. *Talvez ela fale comigo*. Ficou parada, esperando que ou Kliss terminasse sua conversa, ou Sazed chegasse.

Sazed chegou primeiro, deixando a escada quase sem fôlego.

– Senhora – disse em voz baixa, juntando-se a ela perto da grade.

– Diga-me que descobriu alguma coisa, Sazed. Este baile parece... assustador. Todo mundo está tão solene e frio. É quase como um funeral, não uma festa.

– É uma metáfora adequada, minha senhora – Sazed comentou em voz baixa. – Perdemos um anúncio importante. A Casa Hasting disse que não vai celebrar seu baile habitual esta semana.

Vin franziu o cenho.

– E? Casas já cancelaram bailes antes.

– A Casa Elariel também cancelou. Normalmente Tekiel viria na sequência... mas esta casa está extinta. A Casa Shunah já anunciou que não dará mais bailes.

– O que está dizendo?

– Parece, senhora, que este será o último baile em um tempo... talvez em um longo tempo.

Vin olhou para as magníficas janelas do salão, suspensas sobre os grupos independentes – e quase hostis – de pessoas.

– É *isso* que está acontecendo – ela disse. – Estão finalizando alianças. Todo mundo está com seus amigos e adeptos mais fortes. Sabem que este é o último baile, então vieram para manter as aparências, mas sabem que não há tempo para politicagem.

– Parece que é *isso* mesmo, senhora.

– Todos vão ficar na defensiva – Vin disse. – Recuando para trás das muralhas, como dissemos. É por isso que ninguém quer falar comigo; tornamos Renoux uma força muito neutra. Não tenho uma facção, e este é um momento ruim para apostar em elementos políticos aleatórios.

– Mestre Kelsier precisa saber desta informação, senhora – Sazed disse. – Ele planejava se fingir de informante esta noite, novamente. Se estiver ignorante desta situação, isso causará um sério dano à sua credibilidade. Devemos partir.

– Não – Vin disse, virando-se para Sazed. – Não posso ir... não quando todos estão ficando. Todos pensam que é importante vir e ser visto neste último baile, então não devo partir antes deles.

Sazed assentiu.

– Muito bem.

– Você vai, Sazed. Alugue uma carruagem e vá dizer a Kell o que descobrimos. Ficarei um pouco mais, então partirei quando isso não fizer a Casa Renoux parecer fraca.

Sazed se deteve.

– Eu... não sei, senhora.

Vin revirou os olhos.

– Aprecio a ajuda que tem me dado, mas não precisa ficar segurando minha mão. Muitas pessoas vêm a esses bailes sem seus mordomos para cuidar delas.

Sazed suspirou.

– Muito bem, senhora. Devo retornar, no entanto, depois que localizar Mestre Kelsier.

Vin assentiu, despedindo-se dele, que se retirou pela escada de pedra. Vin se inclinou sobre o balcão no lugar de Elend, observando até que Sazed aparecesse lá embaixo e desaparecesse na direção dos portões dianteiros.

*E agora? Mesmo que encontre alguém com quem falar, não há realmente nenhum motivo para espalhar rumores.*

Teve uma sensação de pavor. Quem teria pensado que chegaria a gostar tanto da frivolidade dos nobres? A experiência era manchada pelo conhecimento do que os nobres eram capazes de fazer, mas, mesmo assim, tinha sido um... sonho desfrutar de tudo aquilo.

Estaria presente em um baile daqueles novamente? O que aconteceria com Valette, a nobre? Deixaria de lado seus vestidos e maquiagem, e voltaria a ser simplesmente Vin, a ladra de rua? Provavelmente não haveria espaço para coisas como grandes bailes no novo reino de Kelsier, e isso talvez não fosse uma coisa ruim – que direito ela tinha de dançar enquanto outros skaa morriam de fome? Mesmo assim... era como se o mundo fosse perder alguma beleza sem as fortalezas e os dançarinos, os vestidos e as festividades.

Ela suspirou e se afastou da grade, olhando para o próprio vestido. Era de um azul profundo e brilhante, com desenhos circulares em branco na base da saia. Não tinha mangas, mas as luvas de seda azul que usava passavam dos cotovelos.

Antigamente, teria achado o traje frustrantemente volumoso. Agora, no entanto, parecia maravilhoso. Gostava de como era desenhado para realçar seu peito, e, ao mesmo tempo, acentuar seu torso fino. Gostava de como encaixava na cintura, abrindo-se lentamente para fora em um amplo sino que farfalhava enquanto caminhava.

Sentiria falta disso – sentiria falta de tudo isso. Mas Sazed estava certo. Ela não podia deter a progressão do tempo, só podia desfrutar o momento.

*Eu não vou deixar que fique sentado naquela mesa a noite toda, me ignorando, decidi.*

Vin deu meia-volta e percorreu o balcão, cumprimentando Kliss ao passar por ela. O balcão terminava em um corredor que dava uma volta e – como Vin deduzira corretamente – levava até a saliência em que ficava a mesa do anfitrião.

Ficou parada no corredor por um momento, observando. Lordes e damas estavam acomodados com seus trajes régios, desfrutando o privilégio de terem sido convidados para se sentar com Lorde Straff Venture. Vin esperou, tentando chamar a atenção de Elend, e finalmente um dos convidados a notou e deu uma cotovelada em Elend. Ele se virou com surpresa, viu Vin, e corou levemente.

Ela acenou para ele rapidamente, e ele se levantou, pedindo licença. Vin voltou para o corredor, para que pudessem conversar com mais privacidade.

– Elend! – ela disse quando ele entrou no corredor. – Está sentado com seu pai!

Ele assentiu.

– Este baile se transformou em um evento muito especial, Valette, e meu pai insistiu que eu obedecesse ao protocolo.

– Quando teremos algum tempo para conversar?

Elend se deteve.

– Não tenho certeza de que teremos.

Vin franziu o cenho. Ele parecia... reservado. Seu traje habitual, levemente usado e amassado, fora substituído por um novo e elegante. Seu cabelo estava até penteado.

– Elend? – ela disse, dando um passo para frente.

Ele levantou a mão, detendo-a.

– As coisas mudaram, Valette.

*Não, ela pensou. Isso não pode mudar, não ainda!*

– Coisas? Que “coisas”? Elend, do que está falando?

– Sou herdeiro da Casa Venture – ele disse. – E tempos perigosos estão chegando. A Casa Hasting perdeu um comboio inteiro esta tarde, e isso é só o começo. Dentro de um mês, as fortalezas estarão em guerra franca. Não são coisas que posso ignorar, Valette. É hora de eu parar de ser um transtorno para minha família.

– Está bem – Vin disse. – Mas isso não significa...

– Valette – Elend a interrompeu. – Você é um transtorno também. Muito grande. Não vou mentir e dizer que nunca me importei com você... me importei, e ainda me importo. Contudo, eu sabia desde o início – assim como você – que isso nunca seria mais do que um relacionamento passageiro. A verdade é que minha casa precisa de mim... e isso é mais importante do que você.

Vin empalideceu.

– Mas...

Ele deu meia-volta para retornar ao jantar.

– Elend – ela disse com a voz baixa –, por favor, não se afaste de mim.

Ele se deteve, então virou na direção dela.

– Sei a verdade, Valette. Sei que mentiu sobre quem você é. Não me importo, mesmo... não estou zangado, nem desapontado. A verdade é que eu já esperava isso. Você só está... jogando o jogo. Como todos nós. – Ele parou, meneou a cabeça, e deu meia-volta. – Como eu.

– Elend? – ela disse, indo atrás dele.

– Não me faça envergonhá-la em público, Valette.

Vin se deteve, sentindo-se aturdida. E, então, estava zangada demais para estar aturdida – muito zangada, muito frustrada... e muito aterrorizada.

– Não me deixe – ela sussurrou. – Não me deixe você também.

– Sinto muito – ele disse. – Mas tenho que me encontrar com meus amigos. Foi... divertido.

E partiu.

Vin ficou parada no corredor escuro. Sentiu-se estremecer silenciosamente, ela se virou e se dirigiu, cambaleando, de volta para o balcão principal. Ao seu lado, pôde ver Elend desejar boa-noite para sua família e sair por um corredor traseiro em direção à parte privada da fortaleza.

*Ele não pode fazer isso comigo. Não, Elend. Não agora...*

Contudo, uma voz vinda de dentro – uma voz que ela quase esquecera – começou a falar. *É claro que ele a deixou*, Reen sussurrou. *É claro que a abandonou. Todo mundo a trairá. O que eu te ensinei?*

*Não!*, Vin pensou. *É só a tensão política. Uma vez que isso tiver acabado, serei capaz de convencê-lo a voltar...*

*Eu nunca voltei para você,* Reen sussurrou. *Ele não voltará tampouco.* A voz parecia tão real – era quase como se pudesse ouvi-lo ao seu lado.

Vin se inclinou contra a grade do balcão, usando a barra de ferro como apoio, para ficar em pé. Não deixaria que ele a destruísse. Uma vida nas ruas não fora capaz de quebrá-la; não deixaria que um nobre cheio de si fizesse isso. Ficou se repetindo isso.

Mas por que isso doía muito mais do que a fome – muito mais do que um dos espancamentos de Camon?

– Bem, Valette Renoux – uma voz veio de trás.

– Kliss – Vin disse. – Eu... não estou com disposição para conversar agora.

– Ah – Kliss disse. – Então Elend Venture finalmente a desdenhou. Não se preocupe, criança... ele terá o que merece em breve.

Vin se virou, franzindo o cenho ao tom de voz estranho de Kliss. A mulher não parecia consigo mesma. Parecia muito mais... controlada.

– Entregue uma mensagem para seu tio por mim, sim, querida? – Kliss perguntou suavemente. – Diga que um homem como ele... sem alianças... pode ter dificuldade para conseguir informações nos próximos meses. Se precisar de uma boa fonte, diga-lhe para me procurar. Sei de muitas coisas interessantes.

– Você é uma informante! – Vin disse, deixando de lado sua dor por um momento. – Mas, você é...

– Uma fofoqueira tola? – a mulher baixinha perguntou. – Ora, sim, eu sou. É fascinante o tipo de coisa que se pode ouvir quando se é conhecida como a fofoqueira da corte. As pessoas vêm até você para espalhar mentiras óbvias; como as coisas que me contou sobre a Casa Hasting semana passada. Por que queria que eu espalhasse tais inverdades? Estaria a Casa Renoux fazendo uma oferta pelo mercado de armas durante a guerra entre as casas? E mais... poderia Renoux estar por trás do recente ataque às barcaças Hasting?

Os olhos de Kliss brilharam.

– Diga a seu tio que posso guardar silêncio do que sei... por um pequeno preço.

– Tem me enganado todo esse tempo... – Vin disse, aturdida.

– É claro, querida – Kliss disse, dando um tapinha no braço de Vin. – É o que fazemos aqui na corte. Você aprenderá com o tempo... se sobreviver. Agora, seja uma boa menina e entregue a mensagem, certo?

Kliss deu meia-volta, sua figura atarracada e espalhafatosa repentinamente pareceu um disfarce brilhante para Vin.

– Espere! – Vin disse. – O que disse sobre Elend antes? Que ele vai ter o que merece?

– Humm? – Kliss disse, virando-se. – Ora... é isso mesmo. Esteve perguntando sobre os planos de Shan Elariel, não esteve?

*Shan?*, Vin pensou, com preocupação crescente.

– O que ela está planejando?

– Agora, *isso*, minha querida, é um segredo caro, de fato. Eu poderia lhe dizer... mas o que teria em troca? Uma mulher de uma casa sem importância como eu precisa encontrar sustento em algum lugar...

Vin tirou seu colar de safiras, a única peça de joia que estava usando.

– Aqui. Tome.

Kliss aceitou o colar com expressão pensativa.

– Humm, sim, muito bonito, de fato.

– O que sabe? – Vin replicou.

– Temo que o jovem Elend será uma das primeiras baixas dos Venture na guerra entre as



casas – Kliss disse, guardando o colar em um bolso na manga. – É um azar... realmente parece ser um bom garoto. Bom demais, provavelmente.

– Quando? – Vin exigiu saber. – Onde? Como?

– Tantas questões, mas só um colar – Kliss disse indolentemente.

– É tudo o que tenho agora! – Vin disse sinceramente. Sua bolsa de moedas só continha alguns tostões de bronze para *empurrar* metal.

– Mas é um segredo  *muito* valioso, como eu disse – Kliss prosseguiu. – Ao dizer para você, minha vida poderia...

*É isso!*, Vin pensou, furiosa. *Estúpidos jogos da aristocracia!*

Vin queimou zinco e bronze, atingindo Kliss com um poderoso golpe de alomancia emocional. *Abrandou* todos os sentimentos da mulher, exceto medo, então agarrou esse medo e deu um *puxão* firme.

– Diga! – Vin grunhiu.

Kliss engasgou, cambaleando e quase caindo no chão.

– Uma alomântica! Não *admira* que Renoux tenha trazido uma sobrinha tão distante com ele para Luthadel!

– Fale! – Vin exigiu, dando um passo para frente.

– É tarde demais para ajudá-lo – Kliss disse. – Nunca venderia um segredo desses se houvesse uma chance de ele se voltar contra mim!

– Diga!

– Ele será assassinado por alomânticos de Elariel esta noite – Kliss sussurrou. – Já deve estar morto... deveria acontecer assim que se retirasse da mesa do lorde. Mas, se quer vingança, devia olhar na direção de Lorde Straff Venture também.

– O pai de Elend? – Vin perguntou, surpresa.

– É claro, criança tola – Kliss disse. – Não há nada que Lorde Venture deseje mais do que uma desculpa para dar o título de sua casa para o sobrinho. Tudo o que Venture teve que fazer foi retirar alguns de seus soldados do telhado próximo ao quarto de Elend para que os assassinos de Elariel entrem. E, já que o assassinato ocorrerá durante um dos encontros filosóficos de Elend, Lorde Venture conseguirá se livrar de um Hasting e de um Lekal também!

Vin deu meia-volta. *Tenho que fazer alguma coisa!*

– É claro – Kliss disse com riso abafado, erguendo-se –, Lorde Venture vai se surpreender. Ouvi dizer que Elend tem alguns... livros muito selecionados em seu poder. O jovem Venture devia ser mais cuidadoso com o que diz para suas mulheres, creio.

Vin se voltou para uma sorridente Kliss. A mulher piscou para ela.

– Mantereí sua alomancia em segredo, criança. Só se assegure de me entregar o pagamento amanhã à tarde. Uma dama precisa comprar comida... como pode ver, preciso de bastante. Quanto à Casa Venture... eu manteria distância deles, se fosse você. Os assassinos de Shan vão criar um *belo* alvoroço esta noite. Não me surpreenderia se metade da corte acabasse no quarto do garoto para ver qual o motivo do tumulto. Quando a corte vir esses livros que Elend tem... bem, vamos apenas dizer que os obrigadores ficarão muito interessados na Casa Venture por um tempo. Pena que Elend já estará morto... não vemos a execução de um nobre há muito tempo!

*O quarto de Elend*, Vin pensou desesperadamente. *É onde devem estar!* Deu meia-volta, erguendo a saia e se movendo freneticamente na direção do corredor que deixara momentos antes.

– Onde está indo? – Kliss perguntou, surpresa.

– Tenho que impedir isso! – Vin falou.

Kliss deu uma gargalhada.

– Já lhe disse que é tarde demais. Venture é uma fortaleza antiga, e as passagens que levam aos aposentos dos lordes são quase um labirinto. Se não souber o caminho, vai acabar perdida por horas.

Vin olhou a sua volta, sentindo-se desesperada.

– Além disso, criança – Kliss acrescentou, preparando-se para partir. – O garoto não acaba de desprezá-la? O que deve a ele?

Vin se deteve.

*Ela está certa. O que devo a ele?*

A resposta veio imediatamente. *Eu o amo.*

Com esse pensamento, recuperou as forças. Começou a correr, apesar das gargalhadas de Kliss. Tinha que tentar. Entrou no corredor e chegou às passagens. Contudo, as palavras de Kliss se revelaram certas: os escuros corredores de pedra eram estreitos e sem adornos. Nunca encontraria o caminho a tempo.

*O telhado, pensou. O quarto de Elend deve ter uma sacada. Preciso de uma janela!*

Saiu correndo pelo corredor, arrancando os sapatos e tirando as meias. Correu o mais que pôde com o vestido. Procurava freneticamente por uma janela grande o bastante para passar por ela. Disparou por um corredor mais largo, vazio exceto pelas tochas que brilhavam.

Uma imensa janela circular, cor de lavanda, estava do outro lado do aposento.

*Bom o bastante*, Vin pensou. Avivando aço, atirou-se no ar, *empurrando* a imensa porta de ferro atrás de si. Voou por um momento, então *empurrou* com força contra o marco de ferro da janela.

Deteve-se no ar, *empurrando* ao mesmo tempo para frente e para trás. Esforçou-se, flutuando no corredor vazio, avivando o peltre para não ser esmagada. A janela circular era enorme, mas era principalmente composta por vidro. Quão resistente poderia ser?

Muito resistente. Vin grunhiu com a força que fazia. Ouviu um estalo atrás de si, e a porta começou a ceder nos batentes.

*Tem... que... ceder!*, ela pensou irada, avivando seu aço. Pedacos de pedra caíram ao redor da janela.

Então, com um *crack*, a janela se soltou da parede de pedra. Despençou na noite escura, e Vin disparou atrás dela.

As brumas frias a envolveram. Ela *puxou* levemente a porta dentro do quarto, impedindo-se de ir longe demais, então *empurrou* com força a janela que caía. A enorme janela girou embaixo dela, agitando as brumas, enquanto Vin saía voando direto na direção do telhado.

A janela se espatifou no chão bem quando Vin chegou à beira do telhado, seu vestido tremulando loucamente no vento. Aterrissou no telhado de bronze com um golpe, sem conseguir se agachar. Sentiu o metal frio sob seus pés e mãos.

O estanho avivado iluminou a noite. Não viu nada fora do normal.

Queimou bronze, usando-o como Marsh a ensinara, em busca de sinais de alomancia. Não havia nada – os assassinos tinham um esfumaçador com eles.

*Não posso procurar pelo edifício todo!*, Vin pensou, desesperada, avivando seu bronze. *Onde estão?*

Então, estranhamente, pensou ter sentido algo. Um pulso alomântico na noite. Fraco. Escondido. Mas era o bastante.

Vin se levantou e saiu correndo pelo telhado, confiando em seus instintos. Enquanto corria, avivou peltre e agarrou o vestido perto do pescoço, arrancando o traje com um único puxão.

Pegou a bolsa de moedas e o frasco de metais de um bolso escondido, e então – ainda correndo – rasgou o vestido, as anáguas, e a meia-calça, jogando tudo de lado. Seu corpete e luvas foram na sequência. Por baixo, usava uma camisa fina, sem mangas, e calções brancos.

Corria freneticamente. *Não posso chegar tarde*, pensou. *Por favor. Não posso*.

Figuras se moviam nas brumas adiante. Estavam perto de uma claraboia do telhado; Vin passara por várias outras similares enquanto corria. Uma das figuras apontou para a claraboia, empunhando uma arma que brilhava em sua mão.

Vin gritou, *empurrando-se* para longe do telhado de bronze e traçando um arco ao saltar. Aterrissou bem no meio do grupo surpreso, então jogou sua bolsa de moedas, rasgando-a em duas.

As moedas se espalharam no ar, refletindo a luz da janela abaixo. Enquanto a chuva cintilante de metal caía ao redor de Vin, ela *empurrou*.

Moedas dispararam como um enxame de insetos, cada uma deixando um rastro nas brumas. As figuras gritaram quando as moedas acertaram suas carnes, e várias das formas escuras caíram.

Várias, não. Algumas das moedas foram desviadas, *empurradas* de lado por invisíveis mãos alomânticas. Quatro pessoas permaneceram em pé: dois deles usavam capas de bruma; uma delas era familiar.

Shan Elariel. Vin não precisava ver a capa para entender; era a única razão pela qual uma mulher tão importante quanto Shan estaria na cena de um assassinato como esse. Era uma Nascida das Brumas.

– *Você?* – Shan perguntou, surpresa. Usava calça e camisa negras, o cabelo escuro preso para trás, a capa de bruma parecendo quase elegante.

*Dois nascidos das brumas*, Vin pensou. *Isso não é bom*. Começou a correr, desviando, quando um dos assassinos brandiu seu bastão de duelo contra ela.

Vin deslizou pelo telhado, então se *puxou* para parar, girando com uma mão apoiada no frio bronze. Estendeu o braço e *puxou* as poucas moedas que não tinham se perdido na noite, atraindo-as para sua mão.

– Matem-na! – Shan exclamou. Os dois homens que Vin derrubara gemiam no telhado. Não estavam mortos – na verdade, um estava tentando ficar em pé.

*Brutamontes*, Vin pensou. *Os outros dois são provavelmente Lançamoedas*.

Como se para provar que ela estava certa, um dos homens tentou *empurrar* o frasco de metais de Vin para longe. Felizmente, não havia metal suficiente no frasco para lhe dar uma boa âncora, e ela o segurou com facilidade.

Shan voltou sua atenção para a claraboia.

*Não, não vai!*, Vin pensou, avançando na direção dela.

O Lançamoedas gritou quando ela se aproximou. Vin derrubou uma moeda e a atirou nele. Ele, é claro, a *empurrou* – mas Vin se ancorou contra o telhado de bronze e, avivando aço, *empurrou* contra ele com força.

O *empurrão* de aço do homem – transmitido da moeda para Vin e dela para o telhado – o lançou no ar. Ele gritou, despencando na escuridão. Era só um brumoso, e não podia se *puxar* de volta para o telhado.

O outro Lançamoedas tentou atingir Vin com moedas, mas ela as desviou com facilidade. Infelizmente, não era tão tolo quanto seu companheiro, e soltou as moedas logo depois de *empurrá-la*. Contudo, era óbvio que não podia acertá-la. Por que continuava...

*O outro Nascido das Brumas!*, Vin pensou, rolando enquanto uma figura saltava na escuridão, facas de vidro cintilando no ar.

Vin mal conseguiu desviar, avivando peltre para recuperar o equilíbrio. Ficou em pé ao lado do Brutamontes ferido, que tentava se levantar, debilitado. Avivando peltre de novo, Vin acertou o ombro no peito do homem, jogando-o de lado.

O homem cambaleou, desajeitado, ainda segurando a lateral do corpo, que sangrava. Então tropeçou e caiu sobre a claraboia. O fino vidro pintado se espatifou quando ele caiu, e os ouvidos de Vin, amplificadas pelo estanho, puderam ouvir gritos de surpresa vindos de baixo, seguidos por um golpe quando o Brutamontes atingiu o chão.

Vin olhou para cima, sorrindo malevolmente para a atônita Shan. Atrás dela, o segundo Nascido das Brumas – um homem – praguejava em voz baixa.

– Você... você... – Shan balbuciou, os olhos ardendo perigosamente de fúria na noite.

*Aceite o aviso, Elend, Vin pensou, e fuja. É hora de eu partir.*

Não podia encarar dois nascidos das brumas de uma vez – não conseguia nem derrotar Kelsier na maioria das noites. Avivando aço, Vin se lançou para trás. Shan deu um passo adiante – parecendo determinada – *empurrando-se* atrás de Vin. O segundo Nascido das Brumas se juntou a ela.

*Maldição!*, Vin pensou, rodopiando no ar e se *empurrando* contra o beiral do telhado perto de onde quebrara a janela circular. No chão, figuras corriam de um lado para o outro com suas lanternas iluminando as brumas. Provavelmente Lorde Venture pensava que a confusão significava que seu filho estava morto. Ficaria surpreso.

Vin se lançou no ar mais uma vez, saltando no vazio cheio de brumas. Ouviu os dois nascidos das brumas aterrissando atrás dela, então se impulsionou de novo.

*Isso não é bom*, Vin pensou, nervosa, enquanto percorria as correntes de ar por entre as brumas. Não tinha mais moedas, nem adagas – e enfrentava dois nascidos das brumas bem treinados.

Queimou ferro, procurando freneticamente por uma âncora na noite. Uma linha azul, movendo-se lentamente, apareceu à sua direita.

Vin *puxou* a linha, mudando sua trajetória. Lançou-se para baixo, a muralha da Fortaleza Venture apareceu como uma sombra escura sob ela. Sua âncora era a placa peitoral de um guarda desafortunado, que se agarrava loucamente a um dos dentes das ameias para não ser *puxado* na direção de Vin.

Vin se chocou contra o homem com os pés, então girou no ar brumoso, rodopiando para aterrissar na pedra fria. O guarda caiu na pedra e gritou, agarrando desesperadamente a pedra enquanto outra força alomântica o *puxava*.

*Sinto muito, amigo*, Vin pensou, chutando a mão do homem para soltá-lo da ameia. Ele imediatamente foi lançado para cima, como se *puxado* por um poderoso cabo.

O som de corpos colidindo soou na escuridão acima dela, e Vin viu um par de formas flácidas cair no pátio dos Venture. Ela sorriu e saiu correndo pela muralha. *Espero que tenha sido Shan.*

Vin saltou, aterrissando em cima da guarita dos guardas. Perto da fortaleza, as pessoas se reuniam, subindo em suas carruagens para fugir.

*E assim começa a guerra entre as casas*, Vin pensou. *Não pensei que seria eu que a iniciaria oficialmente.*

Uma figura despencou sobre ela, vinda das brumas acima. Vin gritou, avivando peltre e saltando de lado. Shan aterrissou com destreza – as tiras de sua capa de brumas ondulando –

sobre a guarita. Empunhava duas adagas, e seus olhos resplandeciam de raiva.

Vin saltou de lado, rolando para fora da guarita, e pousando na muralha abaixo. Dois guardas se alarmaram, surpresos em ver uma garota seminha cair entre eles. Shan saltou na muralha atrás deles, então *empurrou*, atirando um dos guardas na direção de Vin.

O homem gritou quando Vin *empurrou* sua placa peitoral também – mas ele era muito mais pesado, e ela foi jogada de costas. *Puxou* o guarda para diminuir sua velocidade, e ele se chocou contra a parte superior da muralha. Vin aterrissou com agilidade ao lado dele, então agarrou o bastão, que já rolava das mãos do homem.

Shan atacou com um clarão de adagas giratórias, e Vin foi obrigada a saltar para trás novamente. *Ela é tão boa!*, Vin pensou, ansiosa. Treinara pouco com adagas; agora, desejava ter pedido um pouco mais de prática para Kelsier. Brandiu o bastão, mas nunca usara uma arma dessas antes, e seu ataque foi risível.

Shan golpeou, Vin sentiu uma ardência de dor na bochecha enquanto se esquivava. Derrubou o bastão, surpresa, levando a mão ao rosto e sentindo sangue. Recuou, cambaleando, vendo o sorriso no rosto de Shan.

Então Vin se lembrou do frasco. Aquele que ainda carregava – aquele que Kelsier lhe dera. Atium.

Não se preocupou em tirá-lo do lugar em que o colocara na cintura. Queimou aço, *puxando* a conta de atium. O frasco se estilhaçou e a conta disparou na direção de Vin. Ela a pegou com a boca e a tragou no ato.

Shan se deteve. Então, antes que Vin pudesse fazer qualquer coisa, engoliu algo de seu próprio frasco.

*É claro que ela tem atium!*

Mas, quanto teria? Kelsier não dera muito para Vin – só o suficiente para uns trinta segundos. Shan pulou para frente, sorrindo, seu longo cabelo escuro ondulando no ar. Vin cerrou os dentes. Não tinha muita escolha.

Queimou atium. Imediatamente, a forma de Shan disparou dezenas de sombras fantasmagóricas de atium. Era um impasse entre as Nascidas das Brumas: a primeira que ficasse sem atium ficaria vulnerável. Não se podia escapar de um oponente que sabia exatamente o que outro ia fazer.

Vin cambaleou para trás, mantendo os olhos em Shan. A nobre avançou, suas formas fantasmagóricas faziam uma bolha insana de movimento transparente ao seu redor. Parecia calma. Segura.

*Ela tem atium o bastante*, Vin pensou, sentindo seu próprio estoque se esgotar. *Preciso escapar.*

De repente, uma sombra de pedaço de madeira disparou em direção ao peito de Vin. Ela desviou para o lado bem quando a flecha verdadeira – aparentemente feita sem ponta de metal – passou pelo ar onde estava parada antes. Olhou na direção da guarita, onde vários soldados erguiam seus arcos.

Praguejou, olhando de relance para as brumas. Ao fazer isso, notou um sorriso em Shan.

*Ela só está esperando que meu atium acabe. Quer que eu corra – sabe que pode me alcançar.*

Havia só uma alternativa: atacar.

Shan franziu o cenho, surpresa, quando Vin avançou, flechas fantasmas acertaram as pedras um pouco antes de suas congêneres verdadeiras chegarem. Vin desviou-se entre duas flechas – sua mente amplificada pelo atium sabendo exatamente como se mover –, passando tão

perto que pôde sentir os projéteis no ar em cada lado de seu corpo.

Shan brandiu as adagas, e Vin se virou de lado, desviando de um golpe e bloqueando o outro com o antebraço, sentindo um corte profundo. Seu sangue jorrou no ar quando ela girou – cada gota desprendendo uma imagem transparente de atium –, avivou seu peltre e acertou Shan bem no estômago.

Shan grunhiu de dor, dobrou levemente o corpo, mas não caiu.

*O atium está quase acabando*, Vin pensou, desesperada. *Só sobram alguns segundos.*

Então, apagou seu atium, expondo-se.

Shan sorriu com malícia, erguendo-se, empunhando a adaga com confiança na mão direita. Presumira que Vin estava sem atium – e, portanto, presumira que estava exposta. Vulnerável.

Nesse momento, Vin queimou o último resto de atium. Shan se deteve brevemente, confusa, dando a Vin uma oportunidade quando uma flecha fantasma passou pelas brumas sobre elas.

Vin pegou a flecha verdadeira que veio em seguida – a madeira granulosa queimando seus dedos – e a cravou no peito de Shan. A vareta se quebrou nas mãos de Vin, deixando aproximadamente uns três centímetros no corpo de Shan. A mulher cambaleou para trás, permanecendo em pé.

*Maldito peltre*, Vin pensou, desembainhando a espada do soldado inconsciente que tinha a seus pés. Saltou para frente, rangendo os dentes com determinação, e Shan – ainda aturdida – levantou uma mão para *empurrar* a espada.

Vin soltou a arma – era apenas uma distração – enquanto cravava a outra metade da flecha quebrada no peito de Shan, bem ao lado da primeira.

Desta vez, Shan caiu. Tentou se levantar, mas um dos pedaços de flecha devia ter causado um dano sério ao coração, pois seu rosto empalideceu. Lutou por um momento, então caiu sem vida nas pedras.

Vin ficou parada, respirando profundamente enquanto limpava o sangue da bochecha – só para perceber que seu braço ensanguentado só estava deixando o rosto pior. Atrás dela, os soldados gritavam, disparando mais flechas.

Vin olhou para trás, na direção da fortaleza, despedindo-se de Elend, e então se *empurrou* na noite.

*Outros homens se preocupam se serão ou não lembrados. Não tenho tais temores; mesmo desconsiderando as profecias de Terris, tenho trazido tanto caos, conflito e esperança para este mundo que há poucas chances de eu ser esquecido.*

*Preocupa-me o que dirão de mim. Historiadores podem fazer o que quiserem com o passado. Daqui a mil anos, serei recordado como o homem que protegeu a humanidade de um mal poderoso? Ou serei lembrado como o tirano que arrogantemente tentou se converter em lenda?*

---

# 31

---

– Não sei – Kelsier disse, sorrindo, enquanto dava de ombros. – Brisa daria um bom Ministro do Saneamento.

O grupo gargalhou, embora Brisa simplesmente revirasse os olhos.

– Honestamente, não sei por que sempre sou o alvo das piadas de vocês. Por que precisam escolher a única pessoa digna desta gangue como objeto de zombaria?

– Porque, meu caro – Ham disse, imitando o jeito de Brisa falar –, você é, de longe, o melhor “objeto” que temos.

– Ah, por favor – Brisa disse, enquanto Fantasma quase caía no chão de tanto rir. – Isso está ficando infantil. O adolescente é o único que achou esse comentário engraçado, Hammond.

– Sou um soldado – Ham disse, erguendo a taça. – Seus engenhosos ataques verbais não têm nenhum efeito sobre mim, pois sou muito estúpido para entendê-los.

Kelsier gargalhou, com as costas apoiadas no armário. O problema de trabalhar à noite era que perdia as reuniões noturnas na cozinha de Trevo. Brisa e Ham continuavam com suas brincadeiras habituais. Dox estava sentado na ponta da mesa, olhando livros-caixa e relatórios, enquanto Fantasma estava perto de Ham, ansioso, tentando fazer o melhor possível para participar da conversa. Trevo estava sentado em seu canto, supervisionando, sorrindo de vez em quando, e em geral desfrutando de sua capacidade de fazer as melhores caretas da sala.

– Eu devia ir embora, Mestre Kelsier – Sazed disse, olhando para o relógio da parede. – A senhora Vin deve estar pronta para partir.

Kelsier assentiu.

– Eu também preciso ir. Ainda tenho que...

A porta dos fundos da cozinha se abriu de repente. A silhueta de Vin apareceu recortada nas brumas escuras, vestindo nada mais do que roupas íntimas – uma camisa fina branca e calções. Ambos estavam manchados de sangue.

– Vin! – Ham exclamou, levantando-se.

A bochecha dela tinha um corte longo e fino, e tinha amarrado uma bandagem no antebraço.

– Estou bem – ela disse, cansada.

– O que aconteceu com seu vestido? – Dockson imediatamente quis saber.

– Quer dizer isso? – Vin perguntou, desculpando-se, segurando um emaranhado de tecido azul manchado de fuligem e rasgado. – Eu... o peguei no caminho. Desculpe, Dox.

– Pelo Senhor Soberano, garota! – Brisa disse. – Esqueça o vestido. O que aconteceu com  *você* ?

Vin balançou a cabeça, fechando a porta. Fantasma corou violentamente vendo-a como estava, e Sazed se dirigiu até ela no mesmo instante, examinando o corte em seu rosto.

– Acho que fiz algo errado – Vin disse. – Eu... meio que matei Shan Elariel.

– Você fez o  *quê* ? – Kelsier perguntou enquanto Sazed estalava a língua em desaprovação, deixando o corte menor, na bochecha, de lado para desfazer a bandagem do braço.

Vin estremeceu de leve com as inspeções de Sazed.

– Ela era uma Nascida das Brumas. Nós lutamos. Eu venci.

*Você matou uma Nascida das Brumas completamente treinada?* , Kelsier pensou, surpreso.

*Mal está praticando há oito meses!*

– Mestre Hammond – Sazed pediu –, poderia buscar minha bolsa de curandeiro?

Ham assentiu, levantando-se.

– Poderia trazer algo para ela vestir também – Kelsier sugeriu. – Acho que o pobre Fantasma está prestes a ter um ataque do coração.

– O que está errado com isso? – Vin perguntou, apontando com a cabeça para suas roupas. – Não é muito mais revelador do que outras roupas de ladra que já usei.

– São roupas de baixo, Vin – Dockson explicou.

– E?

– É o princípio da questão – Dockson disse. – Jovens damas não correm por aí em roupas de baixo, não importa o quanto essas roupas possam parecer roupas normais.

Vin deu de ombros, sentando-se enquanto Sazed tirava a bandagem de seu braço. Parecia... exausta. E não só por causa da luta.  *O que mais teria acontecido na festa?*

– Onde lutou com a mulher Elariel? – Kelsier perguntou.

– Do lado de fora da Fortaleza Venture – Vin disse, abaixando o olhar. – Eu... acho que alguns guardas me viram. Alguns dos nobres devem ter visto também, não tenho certeza.

– Isso vai trazer problemas – Dockson disse, suspirando. – É claro, esse ferimento na bochecha vai ser bastante óbvio, mesmo com maquiagem. Sinceramente, vocês, alomânticos... Nem mesmo se preocupam em como vão parecer no dia  *seguinte*  a uma dessas lutas?

– Eu estava meio que concentrada em permanecer viva, Dox – Vin disse.

– Ele só está reclamando porque está preocupado com você – Kelsier disse, enquanto Ham voltava com a bolsa. – É o que ele faz.

– Os dois ferimentos requerem pontos imediatamente, senhora – Sazed disse. – O do braço



chegou ao osso, creio.

Vin assentiu, e Sazed esfregou o braço dela com um unguento anestésico antes de começar a trabalhar. Ela suportou sem muito desconforto visível – embora, obviamente, tivesse avivado seu peltre.

*Parece tão esgotada*, Kelsier pensou. Era uma coisinha de aparência tão frágil, na sua maioria só braços e pernas. Hammond colocou uma capa ao redor de seus ombros, mas ela parecia cansada demais para se importar.

*E eu a levei a isso.*

É claro, ela sabia muito bem que não precisava se meter nesse tipo de encrenca. Depois de um tempo, Sazed terminou sua eficiente costura, e amarrou uma bandagem nova ao redor de seu braço. Ia agora para a bochecha.

– Por que lutar com uma Nascida das Brumas? – Kelsier perguntou, severo. – Tinha que ter fugido. Não aprendeu nada com sua batalha contra os Inquisidores?

– Não tinha como fugir sem dar as costas para ela – Vin contou. – Além disso, ela tinha mais atium do que eu. Se eu não atacasse, ela teria me alcançado. Tive que golpear enquanto estávamos em condições iguais.

– Mas como se meteu nisso, antes de mais nada? – Kelsier exigiu saber. – Ela a atacou?

Vin olhou para seus pés.

– Eu ataquei primeiro.

– Por quê? – Kelsier perguntou.

Vin ficou em silêncio por um momento, enquanto Sazed trabalhava em sua bochecha.

– Ela ia matar Elend – disse, finalmente.

Kelsier bufou de exasperação.

– Elend Venture? Você arriscou sua vida... arriscou o plano e nossas vidas... por esse garoto tolo?

Vin olhou para ele, encarando-o.

– Sim.

– O que há de errado com você, garota? – Kelsier perguntou. – Elend Venture não vale isso.

Ela ficou em pé, zangada. Sazed recuou e a capa caiu no chão.

– Ele é um bom homem!

– Ele é um nobre!

– *Assim como vocês!* – Vin exclamou. Acenou, frustrada, em direção à cozinha e à gangue.

– O que acha que *isso* é, Kelsier? A vida de um skaa? O que qualquer um de vocês sabe sobre os skaa? Roupas aristocráticas, perseguições noturnas, refeições completas e drinques ao redor da mesa com os amigos? Essa não é a vida de um skaa!

Deu um passo adiante, encarando Kelsier. Ele pestanejou, surpreso com a explosão dela.

– O que sabe sobre eles, Kelsier? – ela perguntou. – Quando foi a última vez que dormiu em um beco, tremendo embaixo da chuva fria, ouvindo o mendigo perto de você tossir com uma doença que sabe que vai matá-lo? Quando foi a última vez que ficou acordado à noite, aterrizado porque um dos homens de sua gangue poderia tentar estuprá-lo? Já se ajoelhou alguma vez, morrendo de fome, desejando ter coragem de esfaquear o integrante da gangue ao seu lado só para tomar o pedaço de pão dele? Já se acovardou diante do seu irmão enquanto ele o espancava, agradecendo todo o tempo porque alguém pelo menos *prestava atenção em você*?

Ficou em silêncio, arfando de leve, os membros da gangue a encarando.

– Não me fale dos nobres – Vin disse. – E não fale coisas sobre pessoas que não conhece. Vocês não são skaa... são apenas nobres sem títulos.

Deu meia-volta, saindo do aposento. Kelsier a observou partir, surpreso, ouvindo os passos

dela na escada. Ficou parado, estupefato, sentindo um arrebatador surpreendente de culpa e vergonha.

E, pela primeira vez, encontrou-se sem ter o que dizer.

Vin não foi para seu quarto. Subiu até o telhado, onde as brumas se revolviam silenciosamente, na noite sem luzes. Sentou-se em um canto, sentindo a borda de pedra do telhado plano e a madeira contra suas costas quase nuas.

Estava com frio, mas não se importava. Seu braço doía um pouco, mas estava quase entorpecido. Era ela que não se sentia entorpecida o suficiente.

Cruzou os braços, encolhendo-se e observando as brumas. Não sabia o que pensar, muito menos o que sentir. Não devia ter explodido com Kelsier, mas tudo o que acontecera... a luta, a traição de Elend... a fazia se sentir frustrada. Precisava ficar brava com *alguém*.

*Devia estar brava consigo mesma*, a voz de Reen sussurrou. *Você que os deixou se aproximar. Agora, todos vão abandoná-la.*

Não podia fazer a dor parar. Só podia ficar sentada e estremecer enquanto as lágrimas caíam, perguntando-se como tudo desmoronara tão rapidamente.

O alcapão do telhado se abriu com um rangido baixo, e a cabeça de Kelsier apareceu.

*Ah, Senhor Soberano! Não quero encará-lo agora.* Tentou secar as lágrimas, mas só conseguiu agravar o machucado recém-costurado em sua bochecha.

Kelsier fechou o alcapão atrás de si, então ficou parado, alto e orgulhoso, encarando as brumas. *Ele não merece as coisas que eu disse. Nenhum deles merece.*

– Observar as brumas é reconfortante, não é? – Kelsier perguntou.

Vin assentiu.

– O que eu lhe disse uma vez? As brumas lhe protegem, lhe dão poder... lhe escondem...

Olhou para baixo, então se aproximou e se agachou atrás dela, segurando uma capa.

– Há algumas coisas das quais não é possível se esconder, Vin. Eu sei... eu tentei.

Ela aceitou a capa, e a enrolou nos ombros.

– O que aconteceu esta noite? – ele perguntou. – O que *realmente* aconteceu?

– Elend me disse que não queria mais estar comigo.

– Ah – Kelsier disse, sentando-se ao lado dela. – Isso foi antes ou depois de você matar a ex-noiva dele?

– Antes – Vin contou.

– E ainda assim o protegeu?

Vin assentiu, fungando em silêncio.

– Eu sei. Sou uma idiota.

– Não mais que o resto de nós – Kelsier disse, com um suspiro. Olhou para as brumas. – Eu também amava Mare, mesmo depois que ela me traiu. Nada pode mudar o que eu sentia.

– E é por isso que dói tanto – Vin disse, lembrando-se do que Kelsier dissera antes. *Acho que finalmente entendo.*

– Não se deixa de amar alguém simplesmente porque essa pessoa te machucou – ele comentou. – Certamente tornaria as coisas mais fáceis se isso acontecesse.

Ela começou a fungar novamente, e ele colocou um braço paternal ao redor dela. Ela se aproximou, tentando usar o calor dele para afastar a dor.

– Eu o amava, Kelsier – ela sussurrou.

– Elend? Eu sei.

– Não, não Elend – Vin disse. – Reen. Ele me batia, uma vez, e outra, e outra. Ele me

xingava, gritava comigo, dizia que me trairia. Todo dia eu pensava no quanto eu o odiava. E eu o amava. Ainda amo. Dói tanto pensar que ele se foi, mesmo que sempre dissesse que partiria.

– Ah, criança – Kelsier disse, abraçando-a. – Sinto muito.

– Todo mundo me deixa – ela murmurou. – Mal consigo me lembrar da minha mãe. Ela tentou me matar, sabe. Ouvia vozes em sua cabeça, e as vozes a fizeram matar minha irmãzinha. Provavelmente ia me matar na sequência, mas Reen a deteve. De qualquer jeito, ela me deixou. Depois disso, me apeguei a Reen. Ele partiu também. Amo Elend, mas ele não me quer mais. – Olhou para Kelsier. – Quando você vai partir? Quando vai me deixar?

Kelsier pareceu entristecido.

– Eu... Vin, não sei. Esse trabalho, esse plano...

Ela o olhou nos olhos, buscando os segredos por trás deles. *O que está escondendo de mim, Kelsier? Algo tão perigoso assim?* Secou os olhos de novo, afastando-se dele, sentindo-se uma tola.

Ela abaixou os olhos, balançando a cabeça.

– Olhe, agora você deixou sangue sobre todo o meu belo, sujo e falso traje de informante.

Vin sorriu.

– Pelo menos, em parte, é sangue nobre. Mande bem com Shan.

Kelsier gargalhou.

– Provavelmente está certa sobre mim, sabe. Não dou muita chance para a nobreza, não é?

Vin corou.

– Kelsier, eu não devia ter dito aquelas coisas. Vocês são boas pessoas, e esse seu plano... bem, eu percebo o que está tentando fazer pelos skaa.

– Não, Vin – Kelsier falou, negando com a cabeça. – O que disse é verdade. Não somos skaa de verdade.

– Mas isso é bom – Vin comentou. – Se fossem skaa comuns, não teriam a experiência ou a coragem de planejar algo assim.

– Eles podem não ter experiência – Kelsier falou. – Mas têm coragem. Nosso exército perdeu, é verdade, mas estive disposto – com treinamento mínimo – a enfrentar uma força superior. Não, os skaa não têm falta de coragem. Só de oportunidade.

– Então é sua posição, meio skaa, meio nobre, que *lhe* dá a oportunidade, Kelsier. E você escolheu usar essa oportunidade para ajudar sua metade skaa. Isso o faz digno de ser um skaa, se nada mais fizer.

Kelsier sorriu.

– Digno de ser um skaa. Gostei de como soa. De qualquer forma, talvez eu precise passar um pouco menos de tempo me preocupando com quais nobres matar e um pouco mais me preocupando com quais camponeses ajudar.

Vin assentiu, puxando a capa de encontro ao corpo, enquanto encarava as brumas. *Elas nos protegem... nos dão poder... nos escondem...*

Não sentia que precisava se esconder há muito tempo. Mas agora, depois das coisas que dissera lá embaixo, quase desejava poder sumir como um punhado de bruma.

*Tenho que contar para ele. Pode significar o sucesso ou o fracasso do plano.* Respirou profundamente.

– A Casa Venture tem uma fraqueza, Kelsier.

Ele se animou.

– Tem?

Vin assentiu.

– Atium. Eles asseguram que o metal seja coletado e entregue... é a fonte da riqueza deles.

Kelsier se deteve por um momento.

– É claro! É como conseguem pagar os impostos, é por isso que são tão poderosos... Ele *precisa* que alguém cuide dessas coisas para ele...

– Kelsier? – Vin perguntou.

Ele olhou para ela.

– Não... faça nada a menos que seja necessário, tudo bem?

Kelsier franziu o cenho.

– Eu... não sei se posso prometer alguma coisa, Vin. Tentarei encontrar outro jeito, mas como as coisas estão agora, Venture tem que cair.

– Eu entendo.

– Estou contente que tenha me contado, no entanto.

Ela assentiu. *E, agora, eu o traí também.* Havia uma paz, no entanto, em saber que não fizera isso por despeito. Kelsier tinha razão: a Casa Venture era um poder que precisava ser derrubado. Estranhamente, sua menção à casa pareceu incomodar mais a Kelsier do que a ela. Ele ficou sentado, encarando as brumas, estranhamente melancólico. Começou a coçar o braço, absorto.

*As cicatrizes, Vin pensou. Não é na Casa Venture que está pensando – é nas Minas. Nela.*

– Kelsier? – ela o chamou.

– Sim? – os olhos dele ainda pareciam um pouco... ausentes enquanto observava as brumas.

– Não acho que Mare o traiu.

Ele sorriu.

– Fico feliz que pense assim.

– Não, realmente quero dizer isso. – Vin falou. – Os Inquisidores estavam esperando por vocês quando chegaram ao centro do palácio, certo?

Kelsier assentiu.

– Estavam esperando por nós também.

Kelsier negou com a cabeça.

– Você e eu lutamos com alguns guardas, fizemos barulho. Quando Mare e eu entramos, estávamos em silêncio. Planejamos por um ano... fomos sigilosos, silenciosos e muito cuidadosos. Alguém armou uma armadilha para nós.

– Mare era uma alomântica, certo? – Vin perguntou. – Eles podem ter sentido vocês chegarem.

Kelsier negou com a cabeça.

– Tínhamos um esfumaçador conosco. Redd era o nome dele... os Inquisidores o mataram no ato. Eu me questioneei se ele era o traidor, mas não se encaixa. Redd nem sabia sobre a infiltração até aquela noite, quando fomos buscá-lo. Só Mare sabia o bastante – datas, horários, objetivos – para nos trair. Além disso, há o comentário do Senhor Soberano. Você não o viu, Vin. Sorrindo enquanto agradecia a Mare. Havia... honestidade nos olhos dele. Dizem que o Senhor Soberano não mente. Por que precisaria?

Vin ficou em silêncio por um momento, considerando o que ele dissera.

– Kelsier – falou, lentamente –, acho que os Inquisidores podem sentir nossa alomancia mesmo quando estamos queimando cobre.

– Impossível.

– Fiz isso essa noite. Perfurei a nuvem de cobre de Shan para localizá-la, junto com os outros assassinos. Foi como cheguei até Elend a tempo.

Kelsier franziu o cenho.

– Deve estar enganada.

– Aconteceu antes, também – Vin contou. – Posso sentir o toque do Senhor Soberano sobre

minhas emoções mesmo quando estou queimando cobre. E juro que quando estava me escondendo daquele Inquisidor que estava me caçando, ele me encontrou quando não devia ter sido capaz. Kelsier, e se for possível? E se se esconder, *esfumaçando*, não for apenas questão de seu cobre estar ou não aceso? E se depender do quão forte você é?

Kelsier ficou pensativo.

– Pode ser possível, suponho.

– Então Mare não teria traído você! – Vin disse, ansiosa. – Inquisidores são extremamente poderosos. Aqueles que estavam esperando por vocês, talvez tivessem sentido vocês queimando metais! Sabiam que um alomântico estava tentando se esgueirar pelo palácio. Então, o Senhor Soberano agradeceu a ela porque foi ela quem os deixou evidentes! Ela era a alomântica, queimando estanho, que os levou até vocês.

O rosto de Kelsier adquiriu uma expressão preocupada. Virou-se, sentando-se bem de frente para ela.

– Faça isso, então. Diga que metal estou queimando.

Vin fechou os olhos, avivando o bronze, ouvindo... sentindo, como Marsh lhe ensinara. Lembrou-se de seus treinamentos solitários, do tempo que passara se concentrando nas ondas que Brisa, Ham ou Fantasma emitiam para ela. Tentou detectar o ritmo difuso da alomancia. Tentou...

Por um instante, pensou ter sentido algo. Algo muito estranho – um pulso lento, como um tambor distante, diferente de qualquer ritmo alomântico que sentira antes. Mas não vinha de Kelsier. Era distante... longe. Concentrou-se mais, tentando descobrir de que direção vinha.

Mas, de repente, ao se concentrar mais, outra coisa chamou sua atenção. Um ritmo mais familiar, vindo de Kelsier. Era fraco, difícil de sentir acima das batidas de seu próprio coração. Era uma batida ousada, rápida.

Abriu os olhos.

– Peltre! Está queimando peltre.

Kelsier pestanejou, surpreso.

– Impossível! – murmurou. – De novo!

Ela fechou os olhos.

– Estanho – disse, depois de um instante. – Agora, aço; você mudou enquanto eu falava.

– Maldição!

– Eu estava certa – Vin disse, ansiosa. – É possível *sentir* pulsos alomânticos através do cobre! São baixos, mas acho que você tem que se concentrar o bastante para...

– Vin – Kelsier a interrompeu –, não acha que alomânticos tentaram isso antes? Não acha que depois de mil anos, alguém teria notado que se pode perfurar uma nuvem de cobre? *Eu mesmo* tentei. Eu me concentrei por horas em meu mestre, tentando sentir algo através da nuvem de cobre dele.

– Mas... – Vin falou. – Mas por que...?

– Dever ter relação com a força, como você disse. Inquisidores podem *empurrar* e *puxar* com mais força do que qualquer Nascido das Brumas comum... talvez sejam tão fortes que podem superar o metal de outra pessoa.

– Mas, Kelsier – ela disse em voz baixa –, eu não sou um Inquisidor.

– Mas você é forte – ele respondeu. – Mais forte do que tinha o direito de ser. Matou uma Nascida das Brumas experiente esta noite!

– Por sorte – Vin falou, corando. – Só a enganei.

– Alomancia é feita de truques, Vin. Não, há algo especial em você. Notei no primeiro dia, quando lutou contra minhas tentativas de *empurrar* e *puxar* suas emoções.

Ela corou.

– Não pode ser, Kelsier. Talvez eu só tenha praticado mais com bronze do que você... eu não sei, eu só...

– Vin – Kelsier falou –, você ainda é muito modesta. É boa nisso... é mais do que óbvio. Se é por isso que pode ver através das nuvens de cobre... bem, não sei. Mas aprenda a ter um pouco de orgulho de si mesma, menina! Se há algo que posso lhe ensinar, é como ser autoconfiante.

Vin sorriu.

– Vamos – ele disse, levantando-se e estendendo a mão para ajudá-la. – Sazed vai se preocupar a noite toda se não deixá-lo terminar de dar pontos nessa bochecha machucada, e Ham está ansioso para ouvir sobre a batalha. Foi um bom trabalho deixar o corpo de Shan na Fortaleza Venture, a propósito; quando a Casa Elariel souber que ela foi encontrada morta na propriedade Venture...

Vin permitiu que ele a puxasse, mas olhou para o alçapão, apreensiva.

– Eu... não sei se quero descer ainda, Kelsier. Como posso encará-los?

Kelsier gargalhou.

– Ah, não se preocupe. Se não diz coisas estúpidas de vez em quando, certamente não se encaixa neste grupo. Vamos.

Vin hesitou, então o deixou levá-la para o calor da cozinha.

– Elend, como pode ler em tempos como este? – Jastes perguntou.

Elend ergueu os olhos do livro.

– Isso me acalma.

Jastes ergueu uma sobrancelha. O jovem Lekal estava sentado impacientemente na carruagem, tamborilando com os dedos no apoio de braço. As cortinas da janela estavam fechadas, em parte para ocultar a luz da lanterna de leitura de Elend, em parte para manter as brumas do lado de fora. Embora, Elend jamais admitiria, a névoa rodopiante o deixasse um pouco nervoso. Nobres não deviam temer tais coisas, mas isso não mudava o fato de que as brumas densas e pegajosas eram bem assustadoras.

– Seu pai ficará lívido quando voltar – Jastes observou, ainda tamborilando.

Elend deu de ombros, apesar do comentário o deixar um pouco mais nervoso. Não por causa de seu pai, mas pelo que acontecera naquela noite. Alguns alomânticos, aparentemente, estavam espionando o encontro de Elend com seus amigos. Que informações teriam reunido? Sabiam sobre os livros que lera?

Felizmente, um deles tropeçara, caindo pela claraboia de Elend. Depois disso, tudo virou confusão e caos – soldados e pessoas da festa correndo quase em pânico. O primeiro pensamento de Elend fora para os livros – os perigosos, aqueles que, se os obrigadores descobrissem que possuía, o deixariam em sérios apuros.

Então, no meio da confusão, enfiara todos os volumes em uma mala e seguira Jastes até a saída lateral do palácio. Pegar uma carruagem e se esgueirar pelo pátio do palácio fora um ato extremo, talvez, mas fora ridiculamente fácil. Com a quantidade de carruagens fugindo da propriedade dos Venture, nem uma única pessoa parou para observar que o próprio Elend estava em uma carruagem com Jastes.

*Deve estar tudo terminado, agora,* Elend disse para si mesmo. *As pessoas vão perceber que a Casa Venture não estava tentando atacá-las, e que não havia realmente perigo algum. Só alguns espíões descuidados.*

Já devia ter retornado. Contudo, sua ausência conveniente do palácio lhe dera a desculpa perfeita para conferir outro grupo de espíões. Desta vez, o próprio Elend os enviara.

Uma súbita batida na porta fez Jastes dar um salto, e Elend fechou seu livro, abrindo a porta da carruagem. Felt, um dos espiões-chefe da Casa Venture, subiu na carruagem, assentindo com seu rosto aquilino e bigodudo para Elend e, depois, para Jastes.

– Bem? – Jastes perguntou.

Felt se sentou com a leveza apurada de sua espécie.

– O edifício é ostensivamente uma loja de carpintaria, senhor. Um dos meus homens ouviu falar do lugar: é dirigido por um tal de Mestre Cladent, carpinteiro skaa de razoável habilidade.

Elend franziu o cenho.

– Por que o mordomo de Valette viria para cá?

– Achamos que a loja é uma fachada, senhor – Felt disse. – Estivemos observando desde que o mordomo nos conduziu até aqui, como ordenou. Mas tivemos que ser muito cuidadosos... há vários postos de vigilância escondidos no telhado e nos andares de cima.

Elend franziu o cenho.

– Uma precaução estranha para uma simples loja de um artesão, eu diria.

Felt assentiu.

– Isso não é nem metade, senhor. Conseguimos que um de nossos melhores homens se esgueirasse para dentro do edifício... não cremos que o tenham visto... mas ele teve muita dificuldade para ouvir o que estava acontecendo lá dentro. As janelas estão trancadas e forradas para impedir o som.

*Outra estranha preocupação*, Elend pensou.

– O que acha que isso quer dizer? – perguntou para Felt.

– Deve ser um esconderijo do submundo, senhor – Felt falou. – E um dos bons. Se não tivéssemos vigiado com atenção, e com certeza do que procurar, nunca teríamos notado os sinais. Meu palpite é que os homens lá dentro – incluindo terrisanos – são membros de uma gangue de ladrões skaa. Uma bem dotada e habilidosa.

– Uma gangue de ladrões skaa? – Jastes perguntou. – E Lady Valette também?

– Provavelmente, senhor – Felt assegurou.

Elend se deteve.

– Uma... gangue de ladrões skaa... – disse, atônito. *Por que mandariam um de seus membros para bailes? Para executar um golpe de algum tipo, talvez?*

– Senhor? – Felt perguntou. – Quer que ataquemos? Tenho homens suficientes para pegar a gangue inteira.

– Não – Elend disse. – Chame seus homens de volta, e não digam a ninguém o que viram esta noite.

– Sim, senhor – Felt respondeu, descendo da carruagem.

– Pelo Senhor Soberano! – Jastes disse quando a porta da carruagem se fechou. – Não admira que ela não parecesse uma nobre normal. Não era por sua educação rural... não é nada mais que uma ladra!

Elend assentiu, pensativo, sem saber ao certo o que achar de tudo aquilo.

– Você me deve desculpas – Jastes disse. – Eu estava certo sobre ela, hein?

– Talvez – Elend concordou. – Mas... de certo modo, estava errado sobre ela também. Não estava tentando me espiar... estava só tentando me roubar.

– Então?

– Eu... preciso pensar sobre isso. – Elend disse, estendendo o braço e batendo no teto da carruagem para começarem a se mover. Ele se acomodou no assento enquanto percorriam o caminho de volta para a Fortaleza Venture.

Valette não era a pessoa que dissera ser. Mas ele já estava preparado para essa notícia. Não

só as palavras de Jastes sobre ela o tinham deixado desconfiado, como a própria Valette não negara as acusações de Elend mais cedo, naquela mesma noite. Era óbvio; ela estivera mentindo para ele. Interpretava um papel.

Devia ter ficado furioso. Percebia isso, logicamente, e uma parte dele se lamentava pela traição. Mas, estranhamente, a emoção primária que sentia era... alívio.

– O que foi? – Jastes perguntou, estudando Elend com o cenho franzido.

Elend balançou a cabeça.

– Você fez com que me preocupasse com isso por dias, Jastes. Eu me sentia tão mal que quase não conseguia fazer mais nada... tudo porque pensava que Valette era uma traidora.

– Mas ela é. Elend, provavelmente ela está tentando dar um golpe em você!

– Sim – Elend concordou. – Mas, pelo menos, ela provavelmente não é uma espiã de outra casa. Em meio a todas essas intrigas, manobras políticas e punhaladas pelas costas que estão acontecendo ultimamente, algo tão simples como um roubo parece ligeiramente refrescante.

– Mas...

– É só dinheiro, Jastes.

– Dinheiro é meio que importante para alguns de nós, Elend.

– Não tão importante quanto Valette. Aquela pobre garota... todo esse tempo, deve ter se preocupado com o golpe que ia tentar aplicar em mim.

Jastes ficou em silêncio por um momento, então finalmente balançou a cabeça.

– Elend, só  *você*  ficaria aliviado em descobrir que alguém estava tentando roubá-lo. Preciso lembrá-lo de que a garota esteve mentindo todo o tempo? Você pode ter se ligado a ela, mas duvido que os sentimentos dela sejam genuínos.

– Você pode estar certo – Elend admitiu. – Mas... não sei, Jastes. Sinto como se  *conhecesse*  aquela garota. As emoções dela... pareciam muito reais, muito honestas para serem falsas.

– Duvido – Jastes comentou.

Elend negou com a cabeça.

– Não temos informações suficientes para julgá-la ainda. Felt acha que ela é uma ladra, mas deve haver outras razões para um grupo como esse enviar alguém para os bailes. Talvez seja apenas uma informante. Ou, talvez ela seja uma ladra... mas uma que jamais pretendeu me roubar. Passou muitíssimo tempo se misturando com os outros nobres; por que faria isso se eu era o alvo? De fato, passou relativamente  *pouco*  tempo comigo, e jamais me pediu nenhum presente.

Ele se deteve – imaginando seu encontro com Valette como um agradável acaso, um acontecimento que havia causado uma reviravolta terrível em suas vidas. Sorriu, então balançou a cabeça.

– Não, Jastes. Há mais aqui do que estamos vendo. Algo nela ainda não faz sentido.

– Suponho... que sim, El – Jastes disse, franzindo o cenho.

Elend se endireitou em seu assento quando um súbito pensamento lhe ocorreu – um pensamento que fazia suas especulações sobre as motivações de Valette parecerem muito menos importantes.

– Jastes – ele disse –, ela é skaa!

– E?

– E me enganou... enganou a nós dois. Atuou como parte da aristocracia quase que perfeitamente.

– Uma aristocrata inexperiente, talvez.

– Tinha uma ladra skaa de verdade comigo – Elend exclamou. – Pense nas perguntas que eu poderia ter feito a ela.



– Perguntas? Que tipo de perguntas?

– Perguntas sobre como é ser skaa – Elend explicou. – Esse não é o ponto. Jastes, ela nos enganou. Se não conseguimos ver diferença entre uma skaa e uma dama, isso significa que os skaa não devem ser muito diferentes de nós. E, se não são tão diferentes de nós, que direito temos de tratá-los como fazemos?

Jastes deu de ombros.

– Elend, não acho que esteja olhando isso em perspectiva. Estamos no meio de uma guerra entre as casas.

Elend assentiu, distraído. *Fui tão duro com ela esta noite. Duro demais?*

Ele queria que ela acreditasse, total e completamente, que não queria nada mais com ela. Parte daquilo fora genuíno, pois suas próprias preocupações o convenceram de que ela não era de confiança. E ela não podia ser, não naquele momento. De qualquer modo, queria que ela deixasse a cidade. Pensara que a melhor coisa a fazer era romper o relacionamento até que a guerra entre as casas acabasse.

*Mas, presumindo que ela não é realmente uma nobre, não há razão para que parta.*

– Elend? – Jastes perguntou. – Está pelo menos prestando atenção em mim?

Elend ergueu o olhar.

– Acho que fiz uma coisa errada esta noite. Queria tirar Valette de Luthadel. Mas, agora, acho que a machuquei sem motivo.

– Maldição, Elend – Jastes exclamou. – Alomânticos estavam escutando nossas conversas esta noite. Percebe o que teria acontecido? E se decidissem nos matar, em vez de apenas nos espionar?

– Ah, sim, você está certo – Elend disse, assentindo distraidamente. – É melhor que Valette parta, de qualquer jeito. Qualquer um que fique perto de mim estará em perigo nos dias que estão por vir.

Jastes se deteve, seu aborrecimento aumentando, então finalmente gargalhou.

– Você não tem jeito.

– Eu me esforço ao máximo – Elend disse. – Mas, falando sério, não adianta se preocupar. Os espões foram embora, e provavelmente foram perseguidos – e talvez até capturados – em meio ao caos. Agora sabemos alguns dos segredos que Valette está escondendo, então estamos em vantagem também. Foi uma noite muito produtiva!

– É um jeito otimista de ver as coisas, creio...

– Mais uma vez, me esforço ao máximo. – Mesmo assim, ia se sentir mais confortável quando voltassem à Fortaleza Venture. Talvez tivesse sido uma tolice escapar do palácio daquele jeito antes de ouvir os detalhes do que acontecera, mas Elend não estava exatamente pensando com calma naquele momento. Além disso, já havia combinado previamente de se encontrar com Felt, e o caos lhe proporcionara uma oportunidade perfeita para escapular.

A carruagem cruzou lentamente os portões dos Venture.

– Você devia ir embora – Elend disse enquanto descia. – Leve os livros.

Jastes assentiu, segurando a mala, e se despediu de Elend enquanto fechava a porta da carruagem. Elend esperou que o veículo saísse pelos portões, então deu meia-volta e percorreu o resto do caminho até a fortaleza, os guardas dos portões, surpresos, deixaram-no passar com facilidade.

A propriedade ainda estava iluminada. Os guardas já estavam esperando por ele diante da fortaleza, e um grupo correu pelas brumas para se encontrar com ele. E o cercaram.

– Meu senhor, seu pai...

– Sim – Elend interrompeu, suspirando. – Presumo que devo ser levado até ele

imediatamente?

– Sim, meu senhor.

– Vamos, então, Capitão.

Entraram por uma porta privada, na lateral do edifício. Lorde Straff Venture estava em seu estúdio, falando com um grupo de oficiais da guarda. Elend podia ver, pelos rostos pálidos, que haviam recebido uma reprimenda firme, talvez até ameaças de açoites. Eram nobres, então Venture não podia executá-los, mas gostava muito das formas mais brutais de disciplinar.

Lorde Venture mandou os soldados embora com um aceno brusco de mão, e se voltou para Elend, com olhos hostis. Elend franziu o cenho, observando os soldados partirem. Tudo parecia um pouco... tenso demais.

– Bem? – Lorde Venture exigiu saber.

– Bem o quê?

– Por onde esteve?

– Ah, eu saí – Elend disse, despreocupado.

Lorde Venture suspirou.

– Bom. Coloque-se em perigo se quiser, garoto. De certo modo, foi uma pena que aquela Nascida das Brumas *não* o tenha pegado. Teria me poupado de muita frustração.

– Nascida das Brumas? – Elend perguntou, franzindo o cenho. – Que Nascida das Brumas?

– Aquela que estava planejando assassinar você – Lorde Venture replicou.

Elend pestanejou, atônito.

– Então... não era só uma equipe de espionagem?

– Ah, não – Venture disse, sorrindo de modo meio maligno. – Uma equipe inteira de assassinos, enviada atrás de você e dos seus amigos.

*Pelo Senhor Soberano!*, Elend pensou, percebendo o quão tolo tinha sido ao sair sozinho. *Não esperava que a guerra entre as casas ficasse tão perigosa tão rápido! Pelo menos, não para mim...*

– Como sabe que era uma Nascida das Brumas? – Elend perguntou, recuperando-se.

– Nossos guardas conseguiram matá-la – Straff disse. – Quando estava tentando fugir.

Elend franziu o cenho.

– Uma Nascida das Brumas? Morta por soldados comuns?

– Arqueiros – Lorde Venture contou. – Aparentemente, pegaram-na de surpresa.

– E o homem que caiu da minha claraboia? – Elend perguntou.

– Morto – Lorde Venture confirmou. – Pescoço quebrado.

Elend franziu o cenho. *Esse homem ainda estava vivo quando fugimos. O que está escondendo, pai?*

– A Nascida das Brumas. Alguém que conheço?

– Eu diria que sim – Lorde Venture disse, acomodando-se em sua cadeira, sem levantar o olhar. – Era Shan Elariel.

Elend franziu o cenho, surpreso. *Shan?*, pensou, atônito. Estiveram comprometidos, e ela nunca mencionara que era uma alomântica. Isso provavelmente significava...

Ela estivera plantada todo o tempo. A Casa Elariel talvez planejasse matar Elend assim que um neto Elariel nascesse para herdar o título da casa.

*Você está certo, Jastes. Não posso evitar a política ignorando-a. Faço parte de tudo isso há muito mais tempo do que presumia.*

Seu pai estava obviamente satisfeito consigo mesmo. Um membro importante da Casa Elariel fora morto na propriedade Venture, depois de tentar assassinar Elend... com tal triunfo, Lorde Venture ficaria insuportável por dias.

Elend suspirou.

– Capturamos algum dos assassinos com vida, então?

Straff negou com a cabeça.

– Um caiu no jardim quando estava tentando fugir. Escapou... devia ser um Nascido das Brumas também. Encontramos um homem morto no telhado, mas não temos certeza se havia outros na equipe ou não. – Fez uma pausa.

– O quê? – Elend perguntou, notando uma leve confusão nos olhos do pai.

– Nada – Straff disse, acenando com a mão depreciativamente. – Alguns dos guardas afirmam que havia um terceiro Nascido das Brumas lutando contra os outros dois, mas duvido dos relatos... não era um dos nossos.

Elend vacilou. *Um terceiro Nascido das Brumas, lutando contra os outros dois...*

– Alguém que talvez tenha ficado sabendo dos assassinatos e tentou impedir.

Lorde Venture bufou.

– Por que um Nascido das Brumas de outra casa tentaria proteger *você*?

– Talvez só quisesse impedir que matassem um homem inocente.

Lorde Venture meneou a cabeça, dando uma gargalhada.

– Você é um idiota, garoto. Entende isso, certo?

Elend corou e deu meia-volta. Não parecia que Lorde Venture quisesse mais alguma coisa, então Elend foi embora. Não podia voltar para seus aposentos, não com a janela quebrada e os guardas por lá, então foi para o quarto de hóspedes, chamando um grupo de matabrumas para vigiar do lado de fora de sua porta e na varanda – por precaução.

Preparou-se para dormir, pensando na conversa que tivera. Seu pai provavelmente estava certo sobre o terceiro Nascido das Brumas. Não era assim que as coisas funcionavam.

*Mas... é o jeito que deviam ser. O jeito que poderiam ser, talvez.*

Havia tantas coisas que Elend desejava poder fazer. Mas seu pai era saudável e jovem para um lorde com seu poder. Demoraria décadas até que Elend assumisse o título da casa, presumindo que sobrevivesse até lá. Desejava poder ir até Valette, conversar com ela, explicar suas frustrações. Ela entenderia o que ele estava pensando; por algum motivo, sempre parecera entendê-lo melhor do que qualquer um.

*E ela é uma skaa!* Ele não conseguia deixar esse pensamento de lado. Tinha tantas perguntas, tantas coisas que queria descobrir sobre ela.

*Mais tarde*, ele pensou, indo para a cama. *Por enquanto, concentre-se em manter a casa unida.* As palavras que disse para Valette a respeito disso não tinham sido falsas – ele precisava se assegurar de que sua família sobreviveria à guerra entre as casas.

Depois disso tudo... bem, talvez conseguissem encontrar um jeito de superar as mentiras e os enganos.

*Ainda que muitos terrisanos expressem certo ressentimento por Khlenium, também sentem inveja. Ouvi os carregadores falarem com assombro das catedrais de Khleni, com seus surpreendentes vitrais nas janelas e seus amplos salões. Também parecem gostar muito da nossa moda – nas cidades, vi que muitos jovens terrisanos trocaram suas peles e couros por trajes bem confeccionados de cavalheiros.*

---

## 32

---

A duas ruas acima da loja de Trevo havia um edifício de altura incomum, se comparado com os que estavam ao seu redor. Era uma espécie de cortiço, Vin pensou – um lugar para famílias skaa morarem. Nunca tinha estado lá dentro, no entanto.

Derrubou uma moeda e se lançou pela lateral do edifício de cinco andares. Aterrissou com agilidade no telhado, fazendo uma figura agachada na escuridão pular de susto.

– Sou só eu – Vin sussurrou, caminhando em silêncio pelo telhado inclinado.

Fantasma sorriu para ela em meio à noite. Como o melhor olho de estanho da gangue, ele em geral ficava com as vigias mais importantes. Recentemente, aquelas durante as primeiras horas da noite. Era o momento em que o conflito entre as Grandes Casas costumava se transformar em luta aberta.

– Ainda estão nisso? – Vin perguntou em voz baixa, queimando estanho e perscrutando a cidade. Havia uma névoa brilhante ao longe, dando às brumas uma luminescência estranha.

Fantasma assentiu, apontando para a luz.

– Fortaleza Hasting. Soldados Elariel atacando esta noite.

Vin assentiu. A destruição da Fortaleza Hasting era esperada há algum tempo – haviam sofrido meia dúzia de ataques de diferentes casas na última semana. Com os aliados se retirando e as finanças na bancarrota, era só questão de tempo antes que caísse.

Estranhamente, nenhuma das casas atacava durante o dia. Havia um ar fingido de sigilo sobre a guerra, como se a aristocracia reconhecesse o domínio do Senhor Soberano e não

quisesse aborrecê-lo recorrendo à guerra diurna. Era tudo arranjado à noite, sob um manto de brumas.

– Querendo *querer* isso – Fantasma falou.

Vin se deteve.

– Ah, Fantasma. Poderia tentar falar... normal?

Fantasma acenou com a cabeça na direção de uma estrutura sombria e distante.

– Senhor Soberano. Provável que gosta da luta.

Vin assentiu. *Kelsier estava certo. Não houve muito clamor vindo do Ministério ou do palácio com relação à guerra entre as casas, e a Guarnição está levando um tempo para voltar para Luthadel. O Senhor Soberano esperava pela guerra entre as casas – e pretende deixar que siga seu curso. Como uma queimada, ateadada para arrasar e renovar o campo.*

Mas, desta vez, quando um fogo se apagasse, outro começaria – o ataque de Kelsier à cidade.

*Presumindo que Marsh descubra como deter os Inquisidores de Aço. Presumindo que consigamos tomar o palácio. E, é claro, presumindo que Kelsier encontre um jeito de lidar com o Senhor Soberano...*

Vin balançou a cabeça. Não queria pensar mal de Kelsier, mas não via como tudo aquilo ia acontecer. A Guarnição ainda não voltara, mas os relatos diziam que estava perto, talvez a uma semana ou duas de viagem. Algumas casas nobres estavam caindo, mas o cenário não parecia ser de caos geral, como Kelsier queria. O Império Final estava tensionado, mas ela duvidava que fosse se quebrar.

No entanto, talvez aquele não fosse o ponto. A gangue fizera um trabalho surpreendente ao instigar a guerra entre as casas; três Grandes Casas inteiras já não existiam, e o resto estava seriamente enfraquecido. Levaria décadas para a aristocracia se recuperar de suas próprias disputas.

*Fizemos um trabalho incrível, Vin decidiu. Mesmo que não ataquemos o palácio – ou que o ataque fracasse – teremos conseguido algo maravilhoso.*

Com os dados de Marsh sobre o Ministério e a tradução de Sazed do livro de viagem, a rebelião teria informações novas e úteis para uma resistência futura. Não era o que Kelsier tinha desejado; não era a derrocada completa do Império Final. Mas, mesmo assim, era uma vitória importante – uma para a qual os skaa poderiam olhar por anos como fonte de coragem.

E, com um sobressalto de surpresa, Vin percebeu que se sentia orgulhosa de ter feito parte disso. Talvez, no futuro, pudesse começar uma rebelião real – em um lugar onde os skaa não estivessem tão submetidos.

*Se existir um lugar assim...* Vin estava começando a entender que não era só Luthadel e suas estações de abrandamento que tornavam os skaa subservientes. Era *tudo* – os obrigadores, o trabalho constante no campo e nas fábricas, sua maneira de pensar, encorajada por mil anos de opressão. Havia uma razão para que as rebeliões skaa sempre fossem tão pequenas. As pessoas sabiam – ou pensavam que sabiam – que não era possível lutar contra o Império Final.

Mesmo Vin – que sempre se vira como uma ladra “libertada” – acreditara no mesmo. Fora necessário o plano insano e impossível de Kelsier para convencê-la do contrário. Talvez fosse por isso que ele tinha estabelecido objetivos tão elevados para a gangue – sabia que só algo muito desafiador os faria perceber, de um jeito estranho, que *podiam* resistir.

Fantasma olhou para ela. A presença de Vin ainda o deixava desconfortável.

– Fantasma – Vin disse –, sabe que Elend rompeu o relacionamento comigo.

Fantasma assentiu, ficando levemente animado.

– Mas – Vin disse, lamentando –, eu ainda o amo. Sinto muito, Fantasma. Mas é a verdade. Ele abaixou o olhar, entristecido.

– Não é você – Vin prosseguiu. – De verdade, não é. É só que... bem, não se pode escolher quem se ama. Acredite em mim, há pessoas que eu realmente queria *não* ter amado. Não mereciam.

Fantasma assentiu.

– Eu entendo.

– Ainda posso ficar com o lenço?

Ele deu de ombros.

– Obrigada – ela disse. – Significa muito para mim.

Ele levantou a cabeça e encarou as brumas.

– Não sou nenhum tolo. Eu... sabia que não ia acontecer. Vejo coisas, Vin. Vejo muitas coisas.

Ela colocou uma mão reconfortante no ombro dele. *Vejo coisas...* Uma declaração apropriada para um olho de estanho como ele.

– É alomântico há muito tempo? – ela perguntou.

Fantasma assentiu.

– Tive o estalo com cinco anos. Mal me lembro.

– E desde essa época vem praticando com o estanho?

– Praticamente. – ele disse. – Foi uma coisa boa para mim. Deixar ver, deixar ouvir, deixar sentir.

– Tem alguma dica para me dar? – Vin perguntou, esperançosa.

Ele se deteve, pensativo, sentado na borda do telhado inclinado, com um pé pendurado na lateral do edifício.

– Queimar estanho... Não é como ver. É como *não* ver.

Vin franziu o cenho.

– O que quer dizer?

– Quando queima – ele explicou – tudo vem. Muito de tudo. Distrações aqui, ali. Consegue o poder que quer, *ignorando* as outras distrações.

*Se quer ser bom queimando estanho*, ela pensou, traduzindo o melhor que pôde, *tem que aprender a lidar com as distrações. Não é o que se vê – é o que se consegue ignorar.*

– Interessante – Vin comentou, pensativa.

Fantasma assentiu.

– Quando olhar, ver as brumas e ver as casas, e sentir a madeira e ouvir os ratos lá embaixo. Escolha um, e não se distraia.

– Bom conselho – Vin falou.

Fantasma assentiu, então algo soou atrás deles. Ambos se sobressaltaram e se abaixaram, e Kelsier começou a rir enquanto cruzava o telhado.

– Realmente precisamos encontrar um modo melhor de avisar as pessoas que estamos chegando. Cada vez que visito um ponto de espionagem, me preocupo que alguém caia de susto do telhado.

Vin se levantou, e sacudiu o pó da roupa. Estava usando capa de bruma, camisa e calça; há dias não usava um vestido. Só os usava em suas aparições protocolares na Mansão Renoux. Kelsier estava muito preocupado com assassinos para deixá-la ficar lá por muito tempo.

*Pelo menos compramos o silêncio de Kliss*, Vin pensou, aborrecida com a despesa.

– Já é hora? – ela perguntou.

Kelsier assentiu.

– Quase, pelo menos. Quero fazer uma pequena parada no caminho.

Vin assentiu. Para seu segundo encontro, Marsh escolhera um lugar que supostamente estava explorando para o Ministério. Era a oportunidade perfeita para se encontrarem, já que Marsh teria uma desculpa para ir até o edifício à noite, buscando ostensivamente por qualquer atividade alomântica nas redondezas. Teria um abrandador consigo grande parte do tempo, mas haveria um espaço de tempo, perto da meia-noite, em que Marsh calculava que poderia estar sozinho quase por uma hora. Não era muito tempo para escapulir e voltar, mas tempo suficiente para que dois sigilosos nascidos das brumas lhe fizessem uma rápida visita.

Despediram-se de Fantasma e se lançaram na noite. Mas não viajaram muito pelos telhados antes que Kelsier descesse até a rua, aterrissando e caminhando para conservar força e metais.

*É meio estranho*, Vin pensou, lembrando-se da primeira noite em que praticara alomancia com Kelsier. *Nem mesmo penso nas ruas vazias como assustadoras agora.*

Os paralelepípedos estavam escorregadios pela umidade das brumas, e a rua deserta desaparecia depois de um tempo na névoa distante. Estava escuro, silencioso e solitário; nem mesmo a guerra mudara muito isso. Grupos de soldados, quando atacavam, o faziam em bando, combatendo rapidamente e tentando invadir as defesas de uma casa inimiga.

Mesmo assim, apesar do vazio noturno da cidade, Vin se sentia confortável. As brumas estavam com ela.

– Vin – Kelsier disse, enquanto caminhavam –, preciso lhe agradecer.

Ela se virou para ele, uma figura alta e orgulhosa em sua capa de bruma majestosa.

– Agradecer? Por quê?

– Pelas coisas que me disse sobre Mare. Estive pensando muito sobre aquele dia... pensando nela. Não sei se sua habilidade de ver através de nuvens de cobre explica tudo, mas... bem, me dá uma opção, e eu prefiro acreditar que Mare *não* me traiu.

Vin assentiu, sorrindo.

Ele sacudiu a cabeça, pesaroso.

– Parece loucura, não? Como se... todos estes anos, eu estivesse esperando por uma razão para ceder ao autoengano.

– Não sei – Vin comentou. – Antigamente, talvez eu tivesse pensado que você era louco, mas... bem, é nisso que consiste a confiança, não é? Um desejo de enganar a si mesmo? Você tem que calar essa voz que sussurra sobre traição, e só esperar que seus amigos não o machuquem.

Kelsier deu uma gargalhada.

– Não acho que está melhorando o argumento, Vin.

Ela deu de ombros.

– Faz sentido para mim. A desconfiança é realmente a mesma coisa... só que ao contrário. Posso ver como uma pessoa, tendo que escolher entre duas hipóteses, escolhe confiar.

– Mas não você? – Kelsier perguntou.

Vin deu de ombros novamente.

– Não sei mais.

Kelsier hesitou.

– Esse... seu Elend. Há uma chance de que ele simplesmente estivesse tentando assustá-la para que abandonasse a cidade, certo? Talvez tenha dito aquelas coisas para seu próprio bem.

– Talvez – Vin concordou. – Mas havia algo diferente nele... no jeito que olhava para mim. Sabia que eu estava mentindo para ele, mas não acho que percebeu que eu era skaa. Provavelmente pensou que eu era uma espiã de uma das outras casas. De qualquer modo,

pareceu honesto em seu desejo de se livrar de mim.

– Talvez pense isso porque já estava convencida de que ele iria deixá-la.

– Eu... – Vin se calou, olhando para a rua escorregadia e suja de cinzas enquanto andavam.

– Não sei... e é sua culpa, eu sei. Eu costumava entender tudo. Agora está tudo confuso.

– Sim, bagunçamos bem sua cabeça – Kelsier disse com um sorriso.

– Não parece incomodado com isso.

– Não – Kelsier confirmou. – Nem um pouco. Ah, aqui estamos.

Parou diante de um edifício largo e grande – provavelmente outro cortiço skaa. Estava escuro lá dentro; os skaa não podiam se dar ao luxo de ter lâmpadas a óleo, e deviam ter apagado a fogueira no centro do edifício depois de preparar a refeição noturna.

– Aqui? – Vin perguntou, insegura.

Kelsier assentiu, aproximando-se para bater na porta de leve. Para surpresa de Vin, a porta se abriu vacilante, e o rosto magro de um skaa apareceu nas brumas.

– Lorde Kelsier! – o homem disse em voz baixa.

– Disse que viria visitá-los – Kelsier falou, sorrindo. – Esta noite pareceu um bom momento.

– Entrem, entrem – o homem disse, abrindo a porta. Deu um passo para trás, com cuidado para não deixar que nenhuma bruma o tocasse enquanto Kelsier e Vin entravam.

Vin estivera em cortiços skaa antes, mas nunca antes tinham parecido tão... deprimentes. O cheiro de fumaça e dos corpos sem banho era quase avassalador, e ela teve que apagar o estanho para não se asfixiar. A luz tênue de uma pequena estufa de carvão mostrava um monte de pessoas juntas, dormindo no chão. Mantinham o aposento livre de cinzas, mas era só o que podiam fazer – manchas negras ainda cobriam suas roupas, as paredes e os rostos. Havia poucos móveis, sem mencionar escassos cobertores para repartir entre eles.

*Eu costumava viver assim*, Vin pensou, horrorizada. *Os covis das gangues eram iguais – às vezes mais abarrotados. Esta... era a minha vida.*

As pessoas acordaram ao perceber que tinham visita. Kelsier havia arregaçado as mangas, Vin notou, e as cicatrizes em seus braços eram visíveis mesmo à luz das brasas. Elas se destacavam claramente, desde seus pulsos até acima dos cotovelos, entrecruzando-se e sobrepondo-se.

Os sussurros começaram imediatamente.

– O Sobrevivente...

– Está aqui!

– Kelsier, o Lorde das Brumas...

*Essa é nova*, Vin pensou, erguendo uma sobrancelha. Ficou para trás, enquanto Kelsier sorria e avançava para se encontrar com os skaa. As pessoas se reuniram em volta dele, com entusiasmo, estendendo as mãos para tocar seus braços e sua capa. Outros simplesmente o encaravam, observando-o com reverência.

– Vim espalhar esperança – Kelsier disse para eles em voz baixa. – A Casa Hasting caiu esta noite.

Houve murmúrios de surpresa e admiração.

– Sei que muitos de vocês trabalhavam nas forjas e fábricas de aço de Hasting – Kelsier prosseguiu. – E, honestamente, não sei o que isso significa para vocês. Mas é uma vitória para todos nós. Ao menos por um tempo, vocês, homens, não morrerão diante das forjas ou sob os chicotes dos capatazes Hasting.

Houve murmúrios entre a pequena multidão, e uma voz finalmente expressou a preocupação em voz alta o bastante para que Vin pudesse escutar.



– A Casa Hasting se foi? Quem vai nos alimentar?

*Tão assustado, Vin pensou. Nunca fui assim... fui?*

– Mandarei outro carregamento de comida – Kelsier prometeu. – O suficiente para mantê-los por um tempo, ao menos.

– Tem feito tanto por nós – outro homem disse.

– Bobagem – Kelsier falou. – Se quiserem retribuir o favor, andem um pouco mais erguidos. Tenham um pouco menos de medo. Eles *podem* ser derrotados.

– Por homens como você, Lorde Kelsier – uma mulher sussurrou. – Mas não por nós.

– Vocês se surpreenderiam – Kelsier disse, enquanto a multidão começou a abrir espaço para que os pais trouxessem os filhos para frente. Parecia que todo mundo no aposento queria que os filhos conhecessem Kelsier pessoalmente. Vin observou com sentimentos misturados. A gangue ainda tinha suas reservas quanto à fama crescente de Kelsier entre os skaa, embora mantivesse a palavra e fizesse silêncio quanto a isso.

*Ele realmente parece se importar com eles, Vin pensou, vendo Kelsier segurar uma criancinha no colo. Não acho que seja apenas um espetáculo. É como ele é – ele ama o povo, ama os skaa. Mas... é mais como o amor de um pai pelo filho do que o amor de um homem por seus iguais.*

Seria isso tão errado? Ele era, no final das contas, um tipo de pai para os skaa. Era o nobre senhor que eles sempre *deveriam* ter tido. Mesmo assim, Vin não pôde deixar de se sentir incomodada enquanto observava os rostos sujos e fracamente iluminados daquelas famílias skaa, com seus olhos cheios de adoração e reverência.

Depois de um tempo, Kelsier se despediu do grupo, dizendo para eles que tinha um compromisso. Vin e ele deixaram o aposento lotado, saindo para o abençoado ar fresco. Kelsier ficou em silêncio durante o trajeto para a nova estação de abrandamento de Marsh, embora andasse com um pouco mais de pressa do que fazia normalmente.

Depois de um tempo, Vin teve que dizer algo.

– Você os visita com frequência?

Kelsier assentiu.

– Pelo menos umas duas casas por noite. Quebra a monotonia do meu outro trabalho.

*Matar nobres e espalhar falsos rumores, Vin pensou. Sim, visitar os skaa deve ser uma boa mudança.*

O ponto de encontro estava a poucas ruas de distância. Kelsier se deteve perto de uma porta enquanto se aproximavam, perscrutando a noite escura. Finalmente, apontou para uma janela levemente iluminada.

– Marsh disse que deixaria uma luz acesa se os outros obrigadores se fossem.

– Janela ou escadas? – Vin perguntou.

– Escadas – Kelsier falou. – A porta deve estar destrancada, o Ministério é dono do prédio inteiro. Estará vazio.

Kelsier estava certo quanto às duas coisas. O edifício não cheirava a mofo o suficiente para estar abandonado, mas os andares inferiores obviamente não eram utilizados. Vin e ele subiram as escadas rapidamente.

– Marsh deveria ser capaz de nos dizer a reação do Ministério com relação à guerra entre as casas – Kelsier disse quando chegaram ao piso superior. A luz da lanterna tremeluzia através da porta, e ele a abriu, ainda falando. – Com sorte, aquela Guarnição não voltará logo. O dano está feito em grande parte, mas eu gostaria que a guerra continuasse...

Ele parou na porta, bloqueando a vista de Vin.

Ela avivou peltre e estanho imediatamente, agachando-se, esperando pelo ataque. Não havia ninguém. Apenas silêncio.

– Não... – Kelsier sussurrou.

Então Vin viu o escuro líquido vermelho que escorria e se juntava junto ao pé de Kelsier. Formou uma pequena poça e então começou a escorrer pelo primeiro degrau.

*Ah, Senhor Soberano...*

Kelsier cambaleou para dentro do aposento. Vin o seguiu, mas já sabia o que veria. O cadáver jazia no centro da câmara, esfolado e desmembrado, a cabeça completamente esmagada. Mal podia ser reconhecido como humano. As paredes estavam manchadas de sangue.

*Um corpo pode ter realmente tanto sangue?* Era exatamente como antes, no sótão do covil de Camon – só que com uma única vítima.

– Inquisidor – Vin sussurrou.

Kelsier, sem se importar com o sangue, caiu de joelhos ao lado do cadáver de Marsh. Ergueu a mão, como se fosse tocar o corpo esfolado, mas permaneceu paralisado, atônito.

– Kelsier – Vin disse, com urgência. – Isso é recente... o Inquisidor ainda pode estar por perto.

Ele não se moveu.

– Kelsier! – Vin exclamou.

Kelsier estremeceu, olhou ao redor. Seus olhos se encontraram com os dela, e sua lucidez voltou. Ficou em pé.

– Janela – Vin disse, correndo pelo quarto. Deteve-se, no entanto, quando viu algo sobre uma mesinha ao lado da parede. Uma perna de mesa de madeira, meio escondida sob uma folha de papel branco. Vin a agarrou enquanto Kelsier chegava à janela.

Ele se virou, olhando para o aposento mais uma vez, então saltou na noite.

*Adeus, Marsh,* Vin pensou, pesarosa, e seguiu Kelsier.

– “Creio que os inquisidores suspeitam de mim” – Dockson leu. O papel, uma única folha recuperada de dentro da perna de mesa, estava limpo e branco, sem manchas do sangue que sujava os joelhos de Kelsier e a bainha da capa de Vin.

Dockson continuou a ler, sentado à mesa da cozinha da oficina de Trevo.

Como feito perguntas demais, e sei que enviaram ao menos uma mensagem para o obrigador corrupto que supostamente me treinou como acólito. Quero descobrir os segredos que a rebelião sempre precisou saber. Como o Ministério recruta nascidos das brumas para serem Inquisidores? Por que os Inquisidores são mais poderosos do que alomânticos normais? Qual é a fraqueza deles – se é que existe uma? Infelizmente, não descobri quase nada sobre os Inquisidores; embora a politicagem dentro das fileiras regulares do Ministério continue a me surpreender. É como se os obrigadores comuns nem mesmo se importassem com o mundo lá fora, exceto pelo prestígio que adquirem ao serem os mais espertos ou exitosos em aplicar as leis do Senhor Soberano. Os Inquisidores, no entanto, são diferentes. São muito mais leais ao Senhor Soberano do que os obrigadores comuns; e essa, talvez, seja parte da divisão entre os dois grupos. Apesar disso, sinto que estou perto. Eles *têm* um segredo, Kelsier. Uma fraqueza. Estou certo disso. Os outros obrigadores sussurram, embora nenhum deles saiba o que é. Temo ter sondado demais. Os Inquisidores me seguem, me observam, perguntam por mim. Por isso, preparei este bilhete. Talvez minha cautela seja desnecessária. Talvez não.

Dockson levantou os olhos.

– É... tudo o que diz.

Kelsier estava em pé do outro lado da cozinha, as costas apoiadas no armário, em sua posição habitual. Mas... não havia levandade em sua postura desta vez. Estava com os braços cruzados, a cabeça ligeiramente inclinada. Sua dor incrível parecia ter desaparecido, substituída por outra emoção – uma que Vin de vez em quando via ardendo sombriamente atrás de seus olhos. Normalmente quando falava da nobreza.

Ela estremeceu sem querer. De pé como ele, Vin subitamente notou as roupas dele – a capa de brumas cinza-escura, camisa de mangas compridas, calça da mesma cor. Na noite, a roupa servia unicamente como camuflagem. No aposento iluminado, no entanto, as cores escuras o tornavam ameaçador.

Ele se endireitou, e a sala ficou tensa.

– Diga a Renoux para desaparecer – Kelsier disse em voz baixa, a voz como ferro. – Ele pode usar a história que inventamos para esse caso... que se “retira” para suas terras por causa da guerra entre as casas... mas quero que esteja longe amanhã. Mandem um Brutamontes e um olho de estanho com ele, como proteção, mas diga para abandonar seu barco a um dia de viagem da cidade e então voltar até nós.

Dockson se deteve, então olhou para Vin e os outros.

– Ok...

– Marsh sabia de tudo, Dox – Kelsier disse. – Eles o torturaram antes de matá-lo... é assim que os Inquisidores trabalham.

Lançou as palavras no ar. Vin sentiu um arrepio. O covil estava comprometido.

– Para o esconderijo de emergência, então? – Dockson perguntou – Só você e eu sabemos a localização.

Kelsier assentiu com firmeza.

– Quero todo mundo fora desta loja, incluindo aprendizes, em quinze minutos. Eu me encontrarei com vocês no esconderijo de emergência em dois dias.

Dockson olhou para Kelsier, o cenho franzido.

– Dois dias? Kell, o que está planejando?

Kelsier se dirigiu até a porta. Abriu-a, deixando as brumas entrarem, e então olhou novamente para a gangue, os olhos tão duros quanto qualquer prego dos Inquisidores.

– Eles me acertaram onde mais doeria. Vou fazer o mesmo.

Walin abriu caminho na escuridão, apalpando através das cavernas estreitas, obrigando seu corpo a passar por fendas quase pequenas demais. Continuou descendo, tateando com os dedos, ignorando os inúmeros arranhões e cortes.

*Preciso continuar, preciso continuar...* A sanidade que lhe restava dizia que este seria seu último dia. Havia passado seis dias desde seu último sucesso. Se fracassasse uma sétima vez, morreria.

*Preciso continuar.*

Não conseguia ver; estava muito abaixo da superfície para captar sequer um mínimo vislumbre do reflexo de um raio de sol. Mas, mesmo sem luz, podia encontrar o caminho. Só existiam duas direções: para cima e para baixo. Movimentos para o lado não tinham importância, eram facilmente desconsiderados. Não podia se perder enquanto continuasse descendo.

Enquanto isso, buscava com os dedos, tateando a aspereza delatadora de cristais brotando. Não podia voltar desta vez, não até que tivesse êxito, não até...

*Preciso continuar.*

Suas mãos raspavam em algo macio e frio enquanto se movia. Um cadáver, apodrecendo entre duas rochas. Walin prosseguiu. Corpos não eram incomuns nas cavernas apertadas; alguns

dos cadáveres eram frescos, a maior parte era simplesmente ossos. Com frequência, Walin se perguntava se os mortos não eram os sortudos, na verdade.

*Preciso continuar.*

Não havia “tempo” nas cavernas, realmente. Em geral, ele voltava para cima para dormir – embora na superfície houvesse capatazes com chicotes, também havia comida. Era escassa, apenas o suficiente para mantê-lo vivo, mas era melhor que a fome que o assaltaria caso ficasse lá embaixo muito tempo.

*Preciso...*

Deteve-se. Tinha o torso enfiado em uma fenda estreita na rocha, e estava a ponto de seguir em frente. Contudo, seus dedos – sempre tateando, ainda que quase inconscientemente – continuaram apalpando as paredes. E haviam encontrado algo.

Suas mãos tremeram de expectativa, enquanto sentia o afloramento de cristal. Sim, sim, eram eles. Cresciam em um padrão largo e circular na parede; eram pequenos nas bordas, mas iam ficando gradualmente maiores em direção ao centro. Bem no centro do padrão circular, os cristais se curvavam para dentro, seguindo um pequeno buraco na parede. Ali, os cristais eram maiores, cada um com uma borda irregular e afiada. Como dentes ao redor da mandíbula de uma besta de pedra.

Inspirando e rezando para o Senhor Soberano, Walin meteu a mão na abertura circular do tamanho de um punho. Os cristais arranharam seu braço, marcando sulcos compridos e finos ao longo de sua pele. Ignorou a dor, forçando o braço ainda mais, acima do cotovelo, buscando com os dedos por...

*Ali!* Seus dedos encontraram uma pequena rocha de cristal no meio do buraco – uma rocha formada por misteriosas gotas de cristal. Um geodo de Hathsin.

Agarrou-o ansiosamente, puxando-o para fora, arranhando o braço novamente enquanto o retirava do buraco forrado de cristais. Embalou a pequena rocha esférica, respirando pesadamente de alegria.

Outros sete dias. Viveria por mais sete dias.

Antes que a fome e a fadiga o enfraquecessem ainda mais, Walin começou a laboriosa escalada. Ele se espremeu entre fendas, subindo por saliências na parede. Às vezes tinha que se mover para a direita ou para a esquerda até que o teto se abrisse, mas ele sempre se abria. Havia, na verdade, apenas duas direções: para cima ou para baixo.

Ficou com o ouvido atento: já vira escaladores mortos, assassinados por homens mais jovens e mais fortes que esperavam para roubar um geodo. Felizmente, não encontrou ninguém. Isso era bom. Era um homem mais velho – velho o bastante para saber que nunca deveria ter tentado roubar comida do lorde de sua plantação.

Talvez merecesse o castigo. Talvez merecesse morrer nas Minas de Hathsin.

*Mas não morrerei hoje,* pensou, sentindo finalmente o cheiro do ar doce e fresco. Era noite lá fora. Ele não se importava. As brumas não o incomodavam mais – nem mesmo os espancamentos o incomodavam tanto agora. Estava cansado demais para se incomodar.

Walin começou a escalar a fenda – uma das dúzias no pequeno e plano vale conhecido como Minas de Hathsin. Então se deteve.

Um homem estava parado diante dele, em meio à noite. Estava vestido com uma capa comprida, que parecia ter sido rasgada em tiras. O homem olhou para Walin, silencioso e poderoso em suas roupas negras. Então lhe estendeu a mão.

Walin se encolheu. O homem, no entanto, agarrou sua mão e o tirou da fenda.

– Vá! – o homem disse em voz baixa, em meio ao turbilhão de brumas. – A maior parte dos guardas está morta. Reúna o máximo de prisioneiros que conseguir e fuja deste lugar. Têm um

geodo?

Walin se encolheu novamente, levando a mão ao peito.

– Ótimo – disse o desconhecido. – Quebre-o. Vai encontrar uma conta de metal dentro dele: é muito valiosa. Venda-a no submundo de qualquer cidade que encontrar; vai ganhar o suficiente para viver por anos. Vá, rápido! Não sei quanto tempo tem até que o alarme seja dado.

Walin cambaleou para trás, confuso.

– Quem... quem é você?

– Sou o que *você* será em breve – o desconhecido disse, aproximando-se da fenda. As tiras de sua capa escura se enroscavam ao seu redor, misturando-se com as brumas quando ele se virou na direção de Walin. – Sou um sobrevivente.

Kelsier olhou para baixo, estudando a cicatriz escura na rocha, ouvindo enquanto o prisioneiro se perdia na distância.

– E assim estou de volta – Kelsier sussurrou. Suas cicatrizes ardiam, e as lembranças retornaram. Lembranças dos meses passados se espremendo entre as fendas, dos braços arranhados nas facas cristalinas, tentando, a cada dia, encontrar um geodo... apenas um, para que pudesse continuar vivendo.

Conseguiria realmente descer mais uma vez naquelas profundezas apertadas e silenciosas? Conseguiria entrar na escuridão de novo? Kelsier ergueu os braços, olhando para as cicatrizes, ainda brancas e destacadas.

Sim. Pelos sonhos dela, ele podia.

Aproximou-se da fenda e se forçou a descer por ela. Então queimou estanho. Imediatamente ouviu um estalido.

O estanho iluminava a fenda embaixo de Kelsier. Embora ficasse mais larga, também se dividia, abrindo-se em todas as direções. Parte caverna, parte fenda, parte túnel. Logo pôde ver seu primeiro buraco cristalino de atium – ou o que restara dele. Os compridos cristais prateados estavam fraturados e quebrados.

Usar alomancia perto dos cristais fazia com que estilhaçassem. Por isso o Senhor Soberano tinha que usar escravos, não alomânticos, para coletar atium para ele.

*Agora, o teste verdadeiro*, Kelsier pensou, entrando ainda mais na fenda. Queimou ferro, e imediatamente viu várias linhas azuis apontando para baixo, na direção dos buracos de atium. Embora os buracos em si provavelmente não tivessem nenhum geodo dentro deles, os próprios cristais emitiam leves linhas azuis. Tinha quantidades residuais de atium.

Kelsier se concentrou em uma das linhas azuis, e *puxou* de leve. Seus ouvidos amplificadas pelo estanho ouviram algo se estilhaçar na fenda abaixo dele.

Kelsier sorriu.

Quase três anos atrás, parado sobre os cadáveres ensanguentados dos capatazes que haviam espancado Mare até a morte, notara pela primeira vez que podia usar ferro para sentir onde estavam os buracos de cristal. Mal compreendia seus poderes alomânticos naquela época, mas, então, um plano começou a se formar em sua mente. Um plano de vingança.

Esse plano tinha evoluído, crescido para abarcar muito mais do que pretendia originalmente. Mas uma das peças-chave permanecera guardada em um canto de sua mente. Podia encontrar os buracos de cristal. Podia destruí-los, usando alomancia.

E eles eram o único meio de produzir atium em todo o Império Final.

*Vocês tentaram me destruir, Minas de Hathsin*, ele pensou, descendo ainda mais pela fenda. *Chegou a hora de retribuir o favor.*

*Estamos perto, agora. Estranhamente, nessa altura das montanhas, parecemos finalmente livres do toque opressivo das Profundezas. Já faz um tempo desde que eu soube como era.*

*O lago que Fedik descobriu está abaixo de nós – posso vê-lo daqui. Parece ainda mais estranho desta perspectiva, com seu brilho vítreo – quase metálico. Quase desejo ter permitido que ele pegasse uma amostra da água.*

*Talvez o interesse dele tenha sido o que enfureceu a criatura de brumas que nos segue. Talvez... tenha sido por isso que decidiu atacá-lo, apunhalando-o com sua faca invisível.*

*Curiosamente, o ataque me conforta. Pelo menos sei, desde então, que alguém mais a viu. Isso significa que não estou louco.*

---

## 33

---

– Então... acabou? – Vin perguntou. – O plano, quero dizer.

Ham deu de ombros.

– Se os Inquisidores torturaram Marsh, quer dizer que sabem de tudo. Ou, pelo menos, sabem o bastante. Sabem que planejamos atacar o palácio, e que vamos usar a guerra entre as casas como cobertura. Nunca conseguiremos que o Senhor Soberano saia da cidade, agora, e certamente nunca conseguiremos que ele mande a guarda do palácio para a cidade. As coisas não parecem boas, Vin.

Vin permaneceu em silêncio, digerindo a informação. Ham estava sentado de pernas cruzadas no chão sujo, recostado em uma parede de tijolos. O esconderijo de emergência era um porão frio e úmido com apenas três aposentos, e o ar cheirava a pó e cinzas. Os aprendizes de Trevo pegaram um dos quartos só para si, ainda que Dockson tivesse mandado embora todos os outros criados antes de irem para o refúgio.

Brisa estava parado do outro lado. De vez em quando lançava um olhar desconfortável para o chão sujo e os bancos cheios de pó, então decidia continuar em pé. Vin não entendia por que

ele se incomodava – seria impossível manter as roupas limpas enquanto estivessem vivendo no que era, essencialmente, um buraco no chão.

Brisa não era o único que lamentava o cativeiro autoimposto; Vin ouvira vários dos aprendizes reclamando que quase preferiam terem sido pegos pelo Ministério. Mesmo assim, durante os dois dias em que estiveram no porão, todos permaneceram no refúgio, exceto quando era absolutamente necessário sair. Entendiam o perigo: Marsh podia ter dado aos Inquisidores as descrições e os pseudônimos de cada membro da gangue.

Brisa meneou a cabeça.

– Talvez, cavalheiros, seja hora de dar a operação por encerrada. Tentamos com todas as nossas forças, e, considerando o fato de que nosso plano original – reunir o exército – terminou de maneira tão trágica, eu diria que fizemos um trabalho maravilhoso.

Dockson suspirou.

– Bem, certamente não poderemos viver com os fundos economizados durante muito tempo... especialmente se Kelsier continuar dando nosso dinheiro para os skaa. – Estava sentado à mesa, que era o único móvel do aposento, seus cadernos de contabilidade, anotações e contratos mais importantes organizados em pilhas diante dele. Fora incrivelmente eficaz em recolher cada pedaço de papel que pudesse incriminar a gangue ou dar mais informações sobre o plano deles.

Brisa assentiu.

– Eu, pela primeira vez, estou querendo mudar. Tudo isso tem sido divertido, delicioso, e todas essas outras emoções positivas, mas trabalhar com Kelsier pode ser um pouco desgastante.

Vin franziu o cenho.

– Não vai ficar com a gangue?

– Depende do próximo trabalho – Brisa disse. – Não somos como as outras gangues, sabe... trabalhamos porque nos agrada, não porque nos mandam. Nos recompensa ser muito exigentes com os trabalhos que aceitamos. As recompensas são grandes, mas também os riscos.

Ham sorriu, apoiando os braços atrás da cabeça, completamente despreocupado com a sujeira.

– Isso meio que me faz perguntar como acabamos neste trabalho em particular, hein? Risco muito grande, recompensa muito pequena.

– Nenhuma, na verdade – Brisa observou. – Nunca teremos aquele atium agora. As palavras de Kelsier sobre altruísmo e trabalhar para ajudar os skaa foram todas muito bonitas, mas eu sempre esperei que conseguíssemos pôr a mão naquele tesouro.

– Certo – Dockson disse, erguendo os olhos de suas anotações. – Mas, valeu a pena, pelo menos? O trabalho que fizemos... as coisas que conseguimos?

Brisa e Ham se detiveram, então ambos assentiram.

– E por isso ficamos – Dockson prosseguiu. – O próprio Kell disse: ele nos escolheu porque sabia que tentaríamos algo um pouco diferente para conseguir um objetivo digno. Vocês são bons homens... até mesmo você, Brisa. Pare de fazer cara feia para mim.

Vin sorriu com a brincadeira familiar. Havia um sentimento de pesar em relação a Marsh, mas aqueles eram homens que sabiam ir em frente apesar de suas perdas. De certo modo, realmente eram como os skaa, no final das contas.

– Uma guerra entre as casas – Ham disse despreocupadamente, sorrindo para si. – Quantos nobres acham que vão morrer?

– Centenas, pelo menos – Dockson respondeu, sem levantar o olhar. – Todos mortos por suas próprias mãos nobres gananciosas.

– Vou admitir que tinha minhas dúvidas sobre todo esse fiasco – Brisa falou. – Mas a interrupção que isso causará no comércio, sem mencionar a desordem no governo... bem, você

está certo, Dockson. Valeu a pena.

– Por suposto! – Ham disse, imitando a voz pedante de Brisa.

*Vou sentir falta deles*, Vin pensou, pesarosa. *Talvez Kelsier me deixe fazer parte do próximo trabalho.*

As escadas rangeram, e Vin se escondeu instintivamente nas sombras. A porta lascada se abriu, e uma forma familiar, vestida de negro, entrou. Levava a capa de brumas no braço, e seu rosto parecia incrivelmente esgotado.

– Kelsier! – Vin exclamou, dando um passo para frente.

– Olá, pessoal – ele disse, com voz cansada.

*Conheço esse cansaço*, Vin pensou. *Recurso de peltre. Onde ele esteve?*

– Está atrasado, Kell – Dockson disse, ainda sem levantar os olhos de seus livros-caixa.

– Eu me esforço para manter a consistência – Kelsier disse, largando a capa de brumas no chão, espreguiçando-se e sentando. – Onde estão Trevo e Fantasma?

– Trevo está dormindo no quarto dos fundos – Dockson falou. – Fantasma foi com Renoux. Imaginamos que queria que ele levasse nosso melhor olho de estanho como vigia.

– Boa ideia – Kelsier disse, soltando um profundo suspiro e fechando os olhos enquanto se recostava na parede.

– Meu caro – Brisa disse –, está com uma aparência terrível.

– Não é tão ruim quanto parece... voltei com mais calma, até parei para dormir algumas horas no meio do caminho.

– Sim, mas onde *esteve*? – Ham perguntou com severidade. – Estávamos morrendo de preocupação que estivesse fazendo algo... bem, estúpido.

– Na verdade – Brisa observou –, tínhamos por certo que estava fazendo algo estúpido. Só nos perguntávamos o *quão* estúpido esse acontecimento em particular poderia ser. Então, o que foi? Assassinou o Sumo Prelado? Massacrrou dezenas de nobres? Roubou a capa dos ombros do próprio Senhor Soberano?

– Destruí as Minas de Hathsin – Kelsier disse em voz baixa.

O aposento ficou em silêncio, atônito.

– Sabe – Brisa finalmente disse –, é de se pensar por que a essa altura ainda não aprendemos a não subestimá-lo.

– Destruíu as minas? – Ham perguntou. – Como é possível destruir as Minas de Hathsin? Não são mais do que um punhado de fendas no chão!

– Bem, eu não destruí as minas em si – Kelsier explicou. – Apenas arrebentei os cristais que produzem geodos de atium.

– Todos eles? – Dockson perguntou, aturdido.

– Todos os que consegui encontrar – Kelsier afirmou. – E foram várias centenas de buracos. Foi realmente muito mais fácil me mover lá embaixo, agora que domino a alomancia.

– Cristais? – Vin perguntou, confusa.

– Cristais de atium, Vin – Dockson disse. – Eles produzem os geodos... não acho que alguém saiba como... e esses geodos contêm contas de atium dentro deles.

Kelsier assentiu.

– Os cristais são o motivo pelo qual o Senhor Soberano não pode mandar alomânticos para *puxar* os geodos de atium. Usar alomancia perto dos cristais os faz se esfaquear... e levarão séculos para crescerem novamente.

– Séculos durante os quais não produzirão atium – Dockson acrescentou.

– E, então, você... – Vin se calou.

– Pus fim à produção de atium do Império Final, pelo menos pelos próximos trezentos anos



aproximadamente.

*Elend. A Casa Venture. Estão a cargo das Minas. Como o Senhor Soberano reagirá quando se inteirar disso?*

– Seu louco – Brisa disse em voz baixa, os olhos arregalados – O atium é a base da economia imperial... controlá-lo é uma das principais maneiras que o Senhor Soberano tem de manter controle sobre a nobreza. Pode ser que não consigamos pegar suas reservas, mas em algum momento isso terá o mesmo efeito. Seu bendito lunático... seu bendito *gênio*!

Kelsier sorriu com tristeza.

– Agradeço os dois elogios. Os Inquisidores já atacaram a loja de Trevo?

– Não que nossos vigias tenham visto – Dockson respondeu.

– Bom – Kelsier falou. – Talvez não tenham conseguido dobrar Marsh. Na melhor das hipóteses, eles talvez não saibam que suas estações de *abrandamento* estão comprometidas. Agora, se não se importam, vou dormir. Temos muita coisa para planejar amanhã.

O grupo se deteve.

– Planejar? – Dox finalmente perguntou. – Kell... estávamos meio que pensando que devíamos desistir. Provocamos uma guerra entre as casas, e você acaba de se encarregar da economia imperial. Com nosso disfarce e nosso plano comprometidos... Bem, honestamente não espera que façamos mais nada, certo?

Kelsier sorriu, ficando em pé, cambaleante, e partindo para o quarto de trás.

– Conversaremos amanhã.

– O que acha que ele está planejando, Sazed? – Vin perguntou, sentada em um banco ao lado da lareira do porão, enquanto o terrisano preparava a refeição da tarde. Kelsier dormira a noite toda, e ainda não despertara até agora.

– Não tenho realmente ideia, senhora – Sazed respondeu, provando o guisado. – Embora, neste momento, com a cidade tão desequilibrada, pareça a oportunidade perfeita para atacar o Império Final.

Vin ficou pensativa.

– Suponho que ainda podemos tomar o palácio... é o que Kell sempre quis fazer. Mas, se o Senhor Soberano foi avisado, os outros não vão querer que isso aconteça. Além disso, não parece que temos soldados suficientes para fazer muita coisa na cidade. Ham e Brisa não terminaram o recrutamento.

Sazed deu de ombros.

– Talvez Kelsier tenha outros planos em relação ao Senhor Soberano – Vin meditou.

– Talvez.

– Sazed? – Vin disse lentamente. – Você recompila lendas, certo?

– Como Guardador, recompilo muitas coisas – Sazed comentou. – Histórias, lendas, religiões. Quando eu era jovem, outro Guardador me recitou todo seu conhecimento, para que eu pudesse armazená-lo, e então aumentá-lo.

– Já ouviu sobre essa lenda do “Décimo Primeiro Metal” da qual Kelsier fala?

Sazed se deteve.

– Não, senhora. Esta lenda era nova para mim quando a ouvi de Mestre Kelsier.

– Mas ele jura que é verdade – Vin falou. – E eu... acredito nele, por algum motivo.

– É muito possível que haja lendas que eu não tenha ouvido – Sazed concordou. – Se os Guardadores soubessem tudo, então por que continuar procurando?

Vin assentiu, ainda um pouco incerta.

Sazed continuou a remexer a sopa. Ele parecia tão... digno, mesmo enquanto realizava uma

tarifa tão simples. Vestia sua túnica de mordomo, sem se preocupar em quão simples era o serviço que fazia, substituindo com facilidade os criados da gangue que haviam sido despedidos.

Passos rápidos soaram na escada, e Vin se empertigou, levantando-se de seu banco.

– Senhora? – Sazed perguntou.

– Tem alguém nas escadas – Vin disse, aproximando-se da entrada.

Um dos aprendizes – Vin achava que o nome dele era Tase – irrompeu porta adentro. Agora que Lestibournes se fora, Tase se tornara o principal vigia da gangue.

– As pessoas estão se reunindo na praça – Tase disse, gesticulando na direção das escadas.

– O que foi? – Dockson disse, saindo do outro aposento.

– Pessoas, na praça da fonte, Mestre Dockson – o garoto disse. – Dizem nas ruas que os obrigadores estão planejando mais execuções.

*Retaliação pelas Minas*, Vin pensou. *Não demorou muito.*

A expressão de Dockson ficou sombria.

– Vá acordar Kell.

– Pretendo observá-los – Kelsier disse, andando pelo aposento, vestido com roupas simples de skaa e capa.

O estômago de Vin revirou. *De novo?*

– Vocês podem fazer o que quiserem – Kelsier disse. Parecia muito melhor depois do descanso prolongado; seu esgotamento se fora, substituído pela força característica que Vin sempre esperava dele. – As execuções são, provavelmente, uma retaliação ao que fiz nas minas – Kelsier prosseguiu. – Vou observar as mortes daquelas pessoas... porque, indiretamente, eu as causei.

– Não é culpa sua, Kell – Dockson observou.

– É culpa de todos nós – Kelsier disse abruptamente. – Isso não torna o que fizemos errado... mas, se não fosse por nós, aquelas pessoas não teriam que morrer. Eu, pelo menos, acho que o mínimo que podemos fazer por aquelas pessoas é testemunhar sua passagem.

Abriu a porta, subindo os degraus. Lentamente, o resto da gangue o seguiu – embora Trevo, Sazed e os aprendizes tivessem ficado no refúgio.

Vin subiu os degraus com cheiro de mofo, juntando-se aos outros depois de um tempo em uma rua encardida no meio de um bairro pobre skaa. As cinzas caíam do céu, flutuando preguiçosamente em flocos. Kelsier já descia a rua, e o restante deles – Brisa, Ham, Dockson e Vin – apertou o passo para alcançá-lo.

O esconderijo deles não estava muito longe da praça da fonte. Kelsier, no entanto, parou algumas ruas antes do destino deles. Skaa de olhos turvos continuavam andando, unindo-se à multidão. Sinos soavam ao longe.

– Kell? – Dockson perguntou.

Kelsier inclinou a cabeça.

– Vin, ouviu isso?

Ela fechou os olhos e avivou o estanho. *Concentre-se*, pensou. *Como Fantasma disse. Deixe de lado os passos e os murmúrios. Ouça sobre as portas batendo e as pessoas respirando. Ouça...*

– Cavalos – ela disse, reduzindo o estanho e abrindo os olhos. – E carruagens.

– Carroças – Kelsier disse, dirigindo-se para a lateral da rua. – As carroças dos prisioneiros. Estão vindo por aqui.

Olhou para os edifícios ao seu redor, então agarrou uma calha e começou a escalar a parede. Brisa revirou os olhos, cutucando Dockson e acenando com a cabeça na direção da frente do edifício, mas Vin e Ham – acendendo peltre – seguiram Kelsier com facilidade até o

telhado.

– Ali – Kell disse, apontando para uma rua não muito longe dali. Vin mal podia ver a fila de carroças com grades dos prisioneiros dirigindo-se para a praça.

Dockson e Brisa entraram no telhado inclinado por uma janela. Kelsier ficou onde estava, parado na beira do telhado, contemplando as carroças dos prisioneiros.

– Kell – Ham disse com severidade –, no que está pensando?

– Ainda estamos a uma certa distância da praça – respondeu lentamente. – E os Inquisidores não viajam com os prisioneiros; virão do palácio, como da última vez. Não deve haver mais que uma centena de soldados vigiando aquelas pessoas.

– Cem homens são bastante, Kell – Ham comentou.

Kelsier não pareceu ouvir suas palavras. Deu outro passo adiante, aproximando-se da borda do telhado.

– Posso deter isso... posso salvá-los.

Vin parou ao lado dele.

– Kell, pode ser que não haja muitos guardas com os prisioneiros, mas a praça da fonte está a poucos quarteirões de distância. Está repleta de soldados, sem falar de Inquisidores!

Ham, inesperadamente, não a apoiou. Deu meia-volta, olhando para Dockson e Brisa. Dox se deteve, então deu de ombros.

– Estão todos loucos? – Vin exclamou.

– Espere um momento – Brisa disse, apertando os olhos. – Não sou nenhum olho de estanho, mas alguns daqueles prisioneiros não parecem um pouco bem vestidos demais?

Kelsier paralisou, então praguejou. Sem aviso, saltou do telhado, caindo na rua abaixo.

– Kell! – Vin o chamou. – O que...? – Então se deteve, olhando sob a luz vermelha do sol, observando a lenta aproximação da procissão de carroças. Com seus olhos ampliados pelo estanho, pensou ter reconhecido alguém sentado em uma das carroças da frente.

Fantasma.

– Kelsier, o que está acontecendo? – Vin exigiu saber, disparando até a rua ao lado dele.

Ele reduziu um pouco a velocidade.

– Vi Renoux e Fantasma na primeira carroça. O Ministério deve ter atacado o comboio de Renoux no canal... as pessoas naquelas gaiolas são criados, pessoal da casa e guardas que contratamos para trabalhar na mansão.

*O comboio no canal... Vin pensou. O Ministério deve saber que Renoux era uma fraude. Marsh confessou, no final das contas.*

Atrás deles, Ham saiu do edifício. Brisa e Dockson demoraram mais para os alcançar.

– Temos que agir rápido! – Kelsier disse, apressando o passo novamente.

– Kell! – Vin disse, agarrando seu braço. – Kelsier, não pode salvá-los. Estão muito bem vigiados, e estamos em pleno dia no meio da cidade. Só conseguirá que o matem!

Ele se deteve, indeciso, no meio da rua, voltando-se para Vin. Olhou-a nos olhos, desapontado.

– Não entende do que se trata tudo isso, não é, Vin? Nunca entendeu. Eu deixei que me detivesse uma vez, na colina, junto ao campo de batalha. Não desta vez. Desta vez posso fazer alguma coisa.

– Mas...

Ele soltou o braço.

– Ainda precisa aprender algumas coisas sobre amizade, Vin. Espero que algum dia entenda quais são.

E começou a correr na direção das carroças. Ham ultrapassou Vin, tomando outra direção, abrindo caminho entre os skaa que seguiam para a praça.

Vin ficou estupidamente parada por alguns segundos, sentindo a cinza cair, quando Dockson a alcançou.

– É insanidade – ela murmurou. – Não podemos fazer isso. Não somos invencíveis.

Dockson fez um careta.

– Tampouco somos indefesos.

Brisa chegou, arfando, e apontou para uma rua lateral.

– Ali. Precisamos de um lugar onde eu possa ver os soldados.

Vin os seguiu, sentindo de repente uma vergonha misturada à preocupação.

*Kelsier...*

Kelsier jogou dois frascos vazios, depois de ingerir seus conteúdos. Os frascos cintilaram no chão, mas não chegaram a se quebrar contra as pedras. Entrou em um último beco, correndo por uma rua estranhamente vazia.

As carroças dos prisioneiros seguiam na direção dele, entrando em uma pequena praça formada pela interseção de duas ruas. Cada veículo retangular estava cercado de grades; cada um deles estava lotado de pessoas agora claramente familiares. Criados, soldados, amas – alguns eram rebeldes, mas a maioria era pessoas comuns. Nenhum deles merecia morrer.

*Tantos skaa já morreram*, ele pensou, avivando seus metais. *Centenas. Milhares. Centenas de milhares.*

*Não hoje. Não mais.*

Jogou uma moeda e saltou, *empurrando-se* pelo ar em um arco amplo. Os soldados olharam para cima, apontando para ele. Kelsier aterrissou bem no meio deles.

Houve um momento de silêncio, enquanto os soldados se viravam, surpresos. Kelsier se agachou entre eles, pedaços de cinzas caindo do céu.

Então *empurrou*.

Avivou seu aço com um grito, erguendo-se e *empurrando* para fora. A explosão de seus poderes alomânticos arremessou os soldados para longe, pelas placas peitorais, atirando uma dúzia de homens no ar, e fazendo-os se chocarem contra os companheiros e as paredes.

Os homens gritaram, Kelsier girou, *empurrando* um grupo de soldados, e saiu voando na direção de uma das carroças. Chocou-se contra ela, avivou seu aço e agarrou a porta de metal com as mãos.

Os prisioneiros recuaram, surpresos. Kelsier arrancou a porta com um estalo de poder aumentado pelo peltre, e a jogou na direção dos soldados que se aproximavam.

– Vão! – disse para os prisioneiros, saltando para longe e aterrissando com suavidade na rua. Ele se virou.

E se viu cara a cara com uma figura alta usando uma túnica marrom. Kelsier se deteve, recuando enquanto a figura alta abaixava o capuz, revelando um par de olhos empalados com pregos.

O Inquisidor sorriu, e Kelsier ouviu passos se aproximando pelos becos. Dezenas. Centenas.

– Maldição! – Brisa praguejou quando os soldados inundaram a praça.

Dockson empurrou Brisa para um beco. Vin os seguiu, agachada nas sombras, ouvindo os soldados gritarem nas encruzilhadas.

– O que foi? – ela quis saber.

– Um Inquisidor! – Brisa disse, apontando para uma figura com túnica parada diante de Kelsier.

– *O quê?* – Dockson disse, ficando em pé.

*É uma armadilha*, Vin percebeu, horrorizada. Soldados começavam a chegar na praça, saindo de esconderijos nas ruas laterais. *Kelsier, saia daí!*

Kelsier *empurrou* um guarda caído, atirando-se de costas em um giro sobre uma das carroças dos prisioneiros. Aterrissou agachado, observando os novos esquadrões de soldados. Muitos deles levavam bastões e não usavam armaduras. Matabrumas.

O Inquisidor se *empurrou* pelo ar cheio de cinzas, aterrissando com um estampido diante de Kelsier. A criatura sorriu.

*É o mesmo homem. O Inquisidor da outra vez.*

– Onde está a garota? – a criatura disse em voz baixa.

Kelsier ignorou a pergunta.

– Por que só um de vocês? – ele exigiu saber.

O sorriso da criatura aumentou.

– Ganhei o sorteio.

Kelsier avivou peltre, correndo para o lado enquanto o Inquisidor desembainhava um par de machados de obsidiana. A praça estava se enchendo rapidamente de soldados. De dentro das carroças, podia ouvir as pessoas gritando.

– Kelsier! Lorde Kelsier! Por favor!

Kelsier praguejou baixinho enquanto o Inquisidor se lançava sobre ele. Estendeu a mão, *puxando* uma das carroças ainda cheias e arrancando-se no ar sobre um grupo de soldados. Aterrissou e correu até o veículo, pretendendo libertar seus ocupantes. Quando chegou, no entanto, a carroça balançou. Kelsier levantou os olhos bem a tempo de ver o monstro com olhos de aço sorrindo para ele do alto do veículo.

Kelsier se *empurrou* para trás, sentindo o vento da machadada perto de sua cabeça. Aterrissou com agilidade, mas imediatamente teve que saltar de lado, enquanto um grupo de soldados o atacava. Ao pousar, estendeu a mão – *puxando* uma das carroças para se ancorar – e *empurrou* a porta de ferro que havia jogado antes. A porta de grades voou pelos ares e se chocou contra o esquadrão de soldados.

O Inquisidor atacou por trás, e Kelsier se afastou, dando um salto. A porta, ainda aos trambolhões, resvalou pelo chão e, ao passar sobre ela, Kelsier *empurrou*, lançando-se no ar.

*Vin estava certa*, Kelsier pensou, frustrado. Embaixo, o Inquisidor o observava, seguindo-o com seus olhos antinaturais. *Não devia ter feito isso*. Um grupo de soldados cercava os skaa que tinha libertado.

*Eu devia fugir – tentar despistar o Inquisidor. Já fiz isso antes.*

Mas... não podia. Não faria isso, não desta vez. Havia se comprometido vezes demais antes. Mesmo que isso lhe custasse tudo, *tinha* que libertar esses prisioneiros.

E, então, quando começou a cair, viu um grupo de homens atacando a encruzilhada. Tinham armas, mas não uniformes. Diante deles, havia uma figura familiar.

*Ham! Então foi para lá que você foi.*

– O que está acontecendo? – Vin perguntou, ansiosa, ficando na ponta dos pés para ver a praça. Lá embaixo, a figura de Kelsier mergulhou novamente na luta, a capa escura ondulando

atrás dele.

– É uma das nossas unidades de soldados! – Dockson falou. – Ham deve ter ido buscá-los.

– Quantos?

– Formavam grupos de cerca de duzentos.

– Então estão em desvantagem numérica.

Dockson assentiu.

Vin se levantou.

– Vou para lá.

– Não, não vai – Dockson disse com firmeza, agarrando-a pela capa e puxando-a de volta. – Não quero que se repita o que aconteceu da última vez que você enfrentou um daqueles monstros.

– Mas...

– Kell se sairá bem – Dockson falou. – Vai tentar ganhar tempo para que Ham liberte os prisioneiros, então fugirá. Observe.

Vin deu um passo para trás.

Ao lado dela, Brisa murmurava consigo mesmo.

– Sim, estão com medo. Vamos nos concentrar nisso. *Abrandar* todo o resto. Deixá-los aterrorizados. É, um Inquisidor e um Nascido das Brumas lutando... não vão querer interferir nisso...

Vin olhou novamente para a praça, onde viu um soldado largar o bastão e sair correndo. *Há outras maneiras de lutar*, percebeu, ajoelhando-se ao lado de Brisa.

– Como posso ajudar?

Kelsier desviou de novo do Inquisidor, enquanto a unidade de Ham enfrentava os soldados imperiais e começava a abrir caminho até as carroças de prisioneiros. O ataque dividiu a atenção dos soldados, que pareceram muito contentes em deixar Kelsier e o Inquisidor em sua batalha solitária.

De um lado, Kelsier viu os skaa que começavam a lotar as ruas ao redor da pequena praça, a luta chamando a atenção daqueles que esperavam na praça da fonte. Kelsier podia ver outros esquadrões de guardas imperiais tentando abrir caminho até a luta, mas os milhares de skaa que abarrotavam as ruas dificultavam seriamente o avanço deles.

O Inquisidor atacou, e Kelsier se esquivou. A criatura estava ficando cada vez mais frustrada. De um lado, um pequeno grupo dos homens de Ham alcançou uma das carroças e arrebentou o cadeado, libertando os prisioneiros. O resto dos homens de Ham mantinha os soldados ocupados enquanto os prisioneiros fugiam.

Kelsier sorriu, olhando para o Inquisidor irritado. A criatura grunhiu.

– Valette! – uma voz gritou.

Kelsier se virou, surpreso. Um nobre bem vestido abria caminho entre os soldados, na direção do centro da luta. Levava um bastão de duelo e era protegido por dois guarda-costas que o cercavam, mas não era atacado principalmente porque nenhum dos lados tinha certeza de querer atacar um homem de evidente sangue nobre.

– Valette! – Elend Venture gritou de novo. Virou-se para um dos soldados. – Quem ordenou o ataque ao comboio Renoux? Quem autorizou isso?

*Maravilha*, Kelsier pensou, mantendo um olho cauteloso no Inquisidor. A criatura olhava para Kelsier com uma expressão odiosa e retorcida.

*Continue me odiando*, Kelsier pensou. *Só tenho que aguentar o suficiente para que Ham liberte os prisioneiros. Então, poderei me livrar de você.*

O Inquisidor estendeu a mão e decapitou casualmente uma criada em fuga que passava por ele.

– Não! – Kelsier gritou, enquanto o cadáver caía aos pés do Inquisidor. A criatura agarrou outra vítima e levantou o machado.

– Tudo bem! – Kelsier disse, avançando e tirando um par de frascos de sua bolsa. – Tudo bem. Quer lutar comigo? Vamos!

A criatura sorriu, jogando a mulher capturada de lado e avançando na direção de Kelsier.

Kelsier tirou as tampas e bebeu o conteúdo dos dois frascos de uma vez, jogando-os de lado. Os metais arderam em seu peito, queimando junto com sua fúria. Seu irmão, morto. Sua esposa, morta. Família, amigos e heróis. Todos mortos.

*Está me forçando a buscar vingança?*, pensou. *Bem, você a terá.*

Kelsier se deteve a poucos passos do Inquisidor. Com os punhos fechados, avivou seu aço em um enorme *empurrão*. Ao seu redor, as pessoas foram atiradas para trás por seus metais, ao serem atingidas por uma onda espantosa e invisível de poder. A praça – lotada de soldados imperiais, prisioneiros e rebeldes – se abriu em um pequeno espaço livre ao redor de Kelsier e do Inquisidor.

– Vamos fazer isso, então – Kelsier disse.

*Eu nunca quis ser temido.*

*Se me arrependo de alguma coisa, é do temor que tenho causado. O medo é a ferramenta dos tiranos. Infelizmente, quando o destino do mundo está em jogo, deve-se usar as ferramentas que estão disponíveis.*

---

# 34

---

Homens mortos e moribundos despencaram no chão de paralelepípedos. Os skaa abarrotavam as ruas. Os prisioneiros gritavam, chamando seu nome. O calor do sol avermelhado queimava.

E cinzas caíam do céu.

Kelsier avançou, avivando peltre e brandindo suas adagas. Queimou atium, assim como o Inquisidor – e ambos provavelmente tinham o suficiente para um longo combate.

Kelsier golpeou duas vezes o ar quente, atingindo o Inquisidor, seus braços um borrão. A criatura desviou no meio de um vórtice louco de sombras de atium, e então deu um golpe com seu machado.

Kelsier saltou, o peltre garantiu uma altura sobre-humana ao seu pulo, e passou por sobre a arma. Estendeu a mão e *empurrou* um grupo de soldados que estava atrás dele, lançando-se para frente. Plantou os dois pés no rosto do Inquisidor e o chutou, rodopiando para trás no ar.

O Inquisidor cambaleou. Enquanto Kelsier caía, *puxou* um soldado, lançando-se para trás. O soldado saiu em disparada pela força do *puxão* de ferro, e se precipitou na direção de Kelsier. Os dois homens voaram no ar.

Kelsier avivou ferro, *puxando* um grupo de soldados à sua direita, enquanto ainda *puxava* o outro soldado. O resultado foi um giro em volta de seu eixo. Kelsier voou de lado, e o soldado – preso como se por um cabo ao corpo de Kelsier – traçou um arco amplo como uma bola na



outra extremidade de uma corrente.

O infeliz soldado se chocou contra o Inquisidor, e ambos caíram contra as grades de uma carroça vazia.

O soldado ficou inconsciente no chão. O Inquisidor ricocheteou na jaula de ferro e caiu de quatro. Um filete de sangue escorreu pelo rosto da criatura, cruzando as tatuagens de seus olhos, mas ele ergueu a cabeça, sorrindo. Não parecia nem um pouco atordoado quando se levantou.

Kelsier aterrissou, amaldiçoando-se em voz baixa.

Com uma incrível explosão de velocidade, o Inquisidor agarrou a carroça vazia, por duas barras da grade, e a arrancou das rodas.

*Maldição!*

A criatura girou e arremessou a enorme jaula em Kelsier, que estava parado a poucos metros. Não havia tempo para desviar. Havia um edifício bem atrás dele; se *empurrasse* para contra-atacar, seria esmagado.

A jaula se precipitou em sua direção, e Kelsier saltou, usando um *empurrão* de aço para guiar seu corpo através da porta aberta da jaula que rodopiava. Espremeu-se dentro da cela, *empurrando* para fora em todas as direções, mantendo-se bem no centro da jaula de metal enquanto esmagava as paredes, até se libertar com um salto.

A jaula rolou e começou a deslizar pelo chão. Kelsier se deixou cair, aterrissando na parte inferior de um telhado enquanto a jaula parava lentamente. Através das grades, pôde ver o Inquisidor olhando para ele em meio a um mar de soldados lutando, seu corpo cercado por uma nuvem retorcida e em movimento de imagens de atium. O Inquisidor meneou a cabeça para Kelsier, em leve sinal de respeito.

Kelsier *empurrou* com um grito, avivando peltre para não ser esmagado. A jaula explodiu, a parte superior do metal voou pelos ares, as grades foram soltas em todas as direções. Kelsier *puxou* as barras atrás de si e *empurrou* as que estavam a sua frente, disparando um fluxo de metal contra o Inquisidor.

A criatura levantou uma mão, desviando habilmente os enormes projéteis. Kelsier, no entanto, seguiu as barras com seu próprio corpo – lançando-se na direção do Inquisidor com um *empurrão* de aço. O Inquisidor *puxou-se* para o lado, usando um desafortunado soldado como âncora. O homem gritou quando foi arrancado de seu duelo – mas se calou quando o Inquisidor saltou, *empurrando* contra ele e o esmagando no chão.

O Inquisidor disparou no ar. Kelsier freou com um *empurrão* contra um grupo de soldados, seguindo seu inimigo. Atrás dele, a parte superior da jaula se chocou contra o chão, arrancando lascas de pedra. Kelsier se lançou contra ela e disparou para cima, atrás do Inquisidor.

Flocos de cinzas passavam ao lado dele. Adiante, o Inquisidor se virou, *puxando* algo que estava embaixo. A criatura mudou imediatamente de direção, lançando-se ao encontro de Kelsier.

*Uma colisão de frente. Má ideia para o cara sem pregos na cabeça.* Kelsier *puxou* freneticamente um soldado, lançando-se para baixo enquanto o Inquisidor passava diagonalmente por cima dele.

Kelsier avivou peltre, chocando-se contra o soldado que havia *puxado*. Os dois giraram no ar. Felizmente, o soldado não era um dos de Ham.

– Sinto muito, amigo – Kelsier disse casualmente, *empurrando-se* para o lado.

O soldado saiu em disparada, chocando-se, depois de um tempo, contra a lateral de um edifício, enquanto Kelsier o usava para voar sobre o campo de batalha. Lá embaixo, o esquadrão principal de Ham havia alcançado a última carroça de prisioneiros. Infelizmente, vários grupos

de soldados imperiais tinham aberto caminho entre os assombrados skaa. Um deles era uma grande equipe de arqueiros – armados com flechas com ponta de obsidiana.

Kelsier praguejou, deixando-se cair. Os arqueiros se prepararam para disparar contra a multidão que combatia. Matariam alguns de seus próprios soldados, mas o grosso do ataque atingiria os prisioneiros.

Kelsier caiu no chão de paralelepípedos. Estendeu a mão para o lado, *puxando* algumas barras caídas da jaula que destruíra. Elas voaram em sua direção.

Os arqueiros apontaram. Mas ele podia ver suas sombras de atium.

Kelsier soltou as barras e se *empurrou* de lado levemente, permitindo que os ferros voassem entre os arqueiros e os prisioneiros que fugiam.

Os arqueiros dispararam.

Kelsier agarrou as barras, avivando tanto aço quanto ferro, *empurrando* a ponta de cada barra, e *puxando* a ponta oposta. As barras dispararam no ar, começando imediatamente a rodopiar como moinhos de vento furiosos e lunáticos. A maioria das flechas foi desviada pelas barras de ferro giratórias.

As barras caíram no chão, entre as flechas dispersas e quebradas. Os arqueiros ficaram parados, estupefatos, enquanto Kelsier saltava para o lado novamente, e *puxava* levemente as barras, fazendo-as saltar no ar, diante dele. *Empurrou*, mandando as barras na direção dos arqueiros. Deu meia-volta enquanto os homens gritavam e morriam, seus olhos procurando seu verdadeiro inimigo.

*Onde a criatura está se escondendo?*

Contemplou uma cena caótica. Homens lutavam, corriam, fugiam e morriam – cada um com uma sombra profética de atium aos olhos de Kelsier. Neste caso, contudo, as sombras efetivamente dobravam o número de pessoas se movendo no campo de batalha, e só serviam para aumentar sua sensação de confusão.

Mais e mais soldados chegavam. Muitos dos homens de Ham estavam mortos, mas a maioria estava se retirando – felizmente, podiam simplesmente descartar a armadura e se misturar na multidão skaa. Kelsier estava mais preocupado com a última carroça de prisioneiros, onde estavam Renoux e Fantasma. A trajetória do grupo de Ham na batalha exigia que se movessem pela fila de carroças, de trás para frente. Tentar chegar primeiro em Renoux teria exigido passar pelas outras cinco carroças, deixando as pessoas presas lá dentro.

Ham obviamente não pretendia partir até que Fantasma e Renoux estivessem livres. E, enquanto Ham lutasse, os soldados rebeldes aguentariam. Havia uma razão pela qual os Braços de Peltre também eram conhecidos como Brutamontes: não havia sutileza alguma em sua forma de lutar, nenhum *puxão* de ferro ou *empurrão* de aço astuto. Ham simplesmente atacava com velocidade e força bruta, lançando inimigos para longe do seu caminho, derrubando suas fileiras, liderando seu esquadrão de cinquenta homens em direção à última carroça de prisioneiros. Quando alcançaram o veículo, Ham recuou para lutar contra um grupo de soldados inimigos, enquanto um de seus homens arrebatava o cadeado da carroça.

Kelsier sorriu, com orgulho, seus olhos ainda procuravam pelo Inquisidor. Seu homens eram poucos, mas os soldados inimigos pareciam visivelmente inquietos com a determinação dos rebeldes skaa. Os homens de Kelsier lutavam com paixão – apesar de seus outros numerosos defeitos, ainda tinham essa vantagem.

*Isso é o que acontece quando finalmente são convencidos a lutar. É o que está escondido dentro de todos eles. Só é difícil de soltar...*

Renoux saiu da carroça e parou ao lado dela para supervisionar seus criados escapando da

jaula. De repente, uma figura bem vestida surgiu do meio da turba, agarrando Renoux pela frente de seu terno.

– Onde está Valette? – Elend Venture exigiu saber, sua voz desesperada chegando aos ouvidos amplificadas pelo estanho de Kelsier. – Em que jaula ela está?

*Garoto, está começando a me incomodar de verdade,* Kelsier pensou, *empurrando-se* através dos soldados que corriam para a carroça.

O Inquisidor apareceu, saltando detrás de um grupo de soldados. Aterrissou no alto da jaula, balançando a estrutura inteira, empunhando um machado de obsidiana em cada mão em forma de garra. A criatura olhou Kelsier nos olhos e sorriu, então enterrou um machado nas costas de Renoux.

O kandra estremeceu, os olhos arregalados. O Inquisidor se voltou para Elend. Kelsier não tinha certeza se a criatura reconheceria o garoto. Talvez o Inquisidor pensasse que Elend fosse um membro da família Renoux. Talvez não se importasse.

Kelsier se deteve por um instante.

O Inquisidor levantou o machado para atacar.

*Ela o ama.*

Kelsier avivou o aço dentro de si, agitando-o, inflamando-o até que seu peito ardeu como as próprias Montanhas de Cinzas. *Empurrou-se* contra os soldados que estavam atrás de si – atirando dezenas deles para trás – e disparou na direção do Inquisidor. Chocou-se contra a criatura quando ela começava a descarregar o golpe.

O machado se perdeu contra as pedras, a alguns passos de distância. Kelsier agarrou o Inquisidor pelo pescoço, quando os dois atingiram o chão; e começou a apertar com os músculos amplificadas pelo peltre. O Inquisidor estendeu a mão, agarrando os braços de Kelsier, tentando desesperadamente se soltar.

*Marsh estava certo,* Kelsier pensou em meio ao caos. *Ele teme por sua vida. Pode ser morto.*

O Inquisidor engasgou asperamente, os pregos de metal que se sobressaíam de seus olhos a poucos centímetros do rosto de Kelsier. A seu lado, Kelsier viu Elend Venture cambalear para trás.

– A garota está bem! – Kelsier disse, entredentes. – Não estava nas barcaças de Renoux. Vá!

Elend se deteve, incerto; então, um de seus guarda-costas finalmente apareceu. O garoto se deixou ser levado.

*Não posso acreditar que acabei de salvar um nobre,* Kelsier pensou, lutando para esganar o Inquisidor. *É melhor que aprecie isso, garota.*

Lentamente, com músculos tensos, o Inquisidor forçou Kelsier a afastar as mãos. A criatura começou a sorrir novamente.

*Eles são tão fortes!*

O Inquisidor *empurrou* Kelsier para trás, então *puxou* um soldado, fazendo-se escorregar pelos paralelepípedos. Bateu em um cadáver e se lançou para trás, ficando em pé. Seu pescoço estava vermelho por causa do aperto de Kelsier, e pedaços de carne foram arrancados pelas unhas dele, mas ainda sorria.

Kelsier *empurrou* um soldado, lançando-se também. Ao seu lado, viu Renoux apoiado contra a carroça. Kelsier olhou o kandra nos olhos e assentiu de leve.

Renoux caiu no chão com um suspiro, o machado nas costas.

– Kelsier! – Ham gritou na multidão.

– Vá! – Kelsier lhe disse. – Renoux está morto.

Ham olhou para o corpo de Renoux, então assentiu. Virou-se para seus homens, gritando ordens.

– Sobrevivente – uma voz áspera disse.

Kelsier deu meia-volta. O Inquisidor avançou, inflamado por seu poder de peltre, rodeado por uma neblina de sombras de atium.

– Sobrevivente de Hathsin – disse. – Você me prometeu uma luta. Preciso matar mais skaa?

Kelsier avivou seus metais.

– Nunca disse que tínhamos acabado. – Então sorriu. Estava preocupado, estava dolorido, mas também entusiasmado. Durante toda sua vida, havia uma parte dele que queria ficar e lutar. Sempre quisera ver se podia derrotar um Inquisidor.

Vin estava parada, tentando desesperadamente ver por cima da multidão.

– O quê? – Dockson perguntou.

– Pensei ter visto Elend!

– Aqui? Isso parece um pouco ridículo, não acha?

Vin corou. *Provavelmente.*

– Mesmo assim, vou tentar conseguir uma vista melhor. – Dirigiu-se para o lado do beco.

– Tome cuidado – Dox disse. – Se aquele Inquisidor vir você...

Vin assentiu, subindo pelos tijolos. Assim que conseguiu altura suficiente, perscrutou a encruzilhada em busca de figuras familiares. Dockson estava certo: Elend não estava em parte alguma. Uma das carroças – aquela da qual o Inquisidor arrancara a jaula – estava de lado. Os cavalos pisavam nela, presos entre a luta e a multidão skaa.

– O que vê? – Dox chamou de baixo.

– Renoux está caído! – Vin disse, apertando os olhos e queimando estanho. – Parece que tem um machado nas costas.

– Talvez não seja fatal para ele – Dockson disse, enigmaticamente. – Não sei muito sobre os kandra.

*Kandra?*

– E quanto aos prisioneiros? – Dox perguntou.

– Estão todos livres – Vin falou. – As jaulas estão vazias. Dox, há *um monte* de skaa lá fora. – Parecia que toda a população da praça da fonte havia se aglomerado no pequeno cruzamento. A área formava uma pequena depressão, e Vin pôde ver milhares de skaa amontoados nas ruas que subiam em todas as direções.

– Ham está livre! – Vin disse. – Não o vejo... vivo ou morto... em lugar algum! Fantasma se foi também.

– E Kell? – Dockson perguntou com urgência.

Vin se deteve.

– Ainda está lutando com o Inquisidor.

\*\*\*

Kelsier avivou seu peltre, golpeando o Inquisidor, tomando cuidado para evitar os discos planos de metal que saltavam de seus olhos. A criatura cambaleou, e Kelsier enterrou o punho em seu estômago. O Inquisidor grunhiu e esbofetou Kelsier, derrubando-o com um só golpe.

Kelsier sacudiu a cabeça. *O que falta para matar essa coisa?*, pensou, *empurrando-se* para ficar em pé e retrocedendo.

O Inquisidor avançou. Alguns dos soldados tentavam procurar Ham e seus homens na multidão, mas muitos apenas ficaram parados. Uma luta entre dois poderosos alomânticos era algo comentado em sussurros, mas nunca visto antes. Soldados e camponeses ficaram ali, boquiabertos, observando a batalha com assombro.

*Ele é mais forte do que eu*, Kelsier reconheceu, olhando o Inquisidor com cautela. *Mas força não é tudo.*

Kelsier estendeu a mão, agarrando pequenas fontes de metal, e arrancando-as de seus donos com um *puxão* – tampas de metal, elegantes espadas de aço, moedeiras, adagas. Lançou-as contra o Inquisidor – manipulando com cuidado os *empurrões* de aço e os *puxões* de ferro –, mantendo seu atum ardendo para que cada peça que controlava tivesse uma multidão crescente de imagens de atum diante dos olhos do Inquisidor.

O Inquisidor praguejou baixinho enquanto desviava do enxame de peças de metal. Kelsier, no entanto, usou os próprios *empurrões* do Inquisidor, *puxando* cada item de volta, fazendo-os girar ao redor da criatura. O Inquisidor *empurrou* para fora todas as peças de uma só vez, e Kelsier as soltou. Assim que o Inquisidor parou de *empurrar*, no entanto, Kelsier *puxou* as armas de volta.

Os soldados imperiais formavam um círculo. Kelsier os usou, *empurrando* suas placas peitorais, balançando-se para trás e para frente no ar. As rápidas mudanças de posição deixaram seu movimento constante, desorientando o Inquisidor, permitindo que *empurrasse* suas diferentes peças de metal onde quisesse.

– Fique de olho na fivela do meu cinto – Dockson pediu, balançando levemente enquanto se agarrava aos tijolos, do lado de Vin. – Se eu cair, me dê um *puxão* para me segurar, sim?

Vin assentiu, mas não estava prestando muita atenção em Dox. Estava observando Kelsier.

– Ele é incrível!

Kelsier balançava no ar, para frente e para trás, seus pés jamais tocando o chão. Pedacos de metal zuniram ao seu redor, respondendo aos seus *empurrões* e *puxões*. Ele os controlava com tal habilidade que seria possível pensar que eram seres vivos. O Inquisidor os afastava com fúria, mas obviamente estava tendo dificuldades em acompanhar todos eles.

*Eu subestimei Kelsier*, Vin pensou. *Presumi que era menos habilidoso do que os Brumosos porque abarcava coisas demais. Mas não é nada disso. Essa. Essa é a especialidade dele – empurrar e puxar com perfeito controle.*

*Ele ferro e aço são os metais nos quais me treinou pessoalmente. Talvez ele soubesse o tempo todo.*

Kelsier girava e voava no meio de um redemoinho de metal. Cada vez que alguma coisa acertava o chão, ele a erguia novamente. As peças voavam em linha reta, mas ele se mantinha em movimento, *empurrando-se* de um lado para outro, mantendo as peças no ar, disparando-as periodicamente contra o Inquisidor.

A criatura rodopiava, confusa. Tentou *empurrar-se* para cima, mas Kelsier disparou várias peças de metal maiores na cabeça do Inquisidor, e ele teve que *empurrá-las*, interrompendo o salto.

Uma barra de ferro acertou a criatura na cara.

O Inquisidor cambaleou, o sangue manchando as tatuagens na lateral de seu rosto. Um elmo de aço o atingiu de lado, atirando-o para trás.

Kelsier começou a lançar peças de metal rapidamente, sentindo que sua ira e sua fúria aumentavam.

– Foi você quem matou Marsh? – gritou, sem se importar em esperar uma resposta. – Estava presente quando eu fui condenado, anos atrás?

O Inquisidor levantou uma mão protetora, *empurrando* o enxame seguinte de metal. Cambaleou para trás, apoiando as costas na carroça de metal capotada.

Kelsier ouviu a criatura grunhir, e um súbito *empurrão* de força percorreu a multidão, derrubando os soldados e fazendo com que as armas de metal de Kelsier se dispersassem

Kelsier as soltou. Avançou correndo na direção do desorientado Inquisidor, empunhando um paralelepípedo solto da rua.

A criatura se virou na direção dele, e Kelsier gritou, descarregando um golpe com o paralelepípedo, sua força aumentada ainda mais pela fúria e pelo peltre.

Acertou o Inquisidor entre os olhos. A cabeça da criatura foi para trás, chocando-se contra o fundo da carroça virada. Kelsier atacou de novo, gritando, esmagando o rosto da criatura repetidamente com seu paralelepípedo.

O Inquisidor uivou de dor, estendendo as mãos em forma de garras na direção de Kelsier, como se fosse saltar para frente. Então, de repente, ficou quieto, a cabeça se chocando contra a madeira da carroça. As pontas dos pregos que saíam pela parte de trás de seu crânio se cravaram na madeira com o ataque de Kelsier.

Kelsier sorriu enquanto a criatura gritava de raiva, lutando para libertar a cabeça da madeira. Kelsier se virou de lado, buscando um objeto que vira no solo há alguns instantes. Chutou um cadáver, agarrando o machado de obsidiana do chão. A lâmina de pedra afiada brilhava sob o sol vermelho.

– Estou feliz que tenha me convencido a fazer isso – ele disse, em voz baixa. Então deu um golpe com as duas mãos, cravando o machado no pescoço do Inquisidor e na madeira atrás.

O corpo do Inquisidor despencou no chão de paralelepípedos. A cabeça permaneceu onde estava, encarando com seus olhos estranhos, tatuados e não naturais – preso na madeira pelos próprios pregos.

Kelsier se voltou para a multidão, sentindo-se, de repente, incrivelmente cansado. Seu corpo coberto por dezenas de hematomas e cortes doía, e não sabia quando sua capa havia caído. Mas encarou os soldados, desafiador, com seus braços cheios de cicatrizes plenamente visíveis.

– O Sobrevivente de Hathsin – alguém murmurou.

– Ele matou um Inquisidor... – disse outro.

E, então, o cântico começou. Os skaa nas ruas ao redor começaram a gritar seu nome. Os soldados olhavam ao redor, percebendo, horrorizados, que estavam cercados. Os camponeses começaram a pressioná-los, e Kelsier pôde sentir a raiva e a esperança deles.

*Talvez isso não tenha que ser como presumi*, Kelsier pensou, triunfante. *Talvez eu não tenha que...*

Então o golpe veio. Como uma nuvem cobrindo o sol, uma súbita tempestade em uma noite tranquila, como dedos apagando uma vela. Uma mão opressiva sufocou as emoções acumuladas dos skaa. As pessoas se encolheram, e seus gritos morreram. O fogo que Kelsier acendera neles era novo demais.

*Tão perto...* ele pensou.

Diante deles, uma carruagem negra apareceu no alto da colina e começou a descer vinda da praça da fonte.

O Senhor Soberano chegara.

Vin quase se soltou dos tijolos quando a onda de depressão a atingiu. Avivou seu cobre, mas – como sempre – ainda podia sentir levemente a mão opressiva do Senhor Soberano.

– Senhor Soberano! – Dockson disse, embora Vin não soubesse dizer se era uma observação ou uma maldição.

Os skaa reunidos para ver a batalha conseguiram, de algum modo, abrir espaço para a carruagem escura. O veículo percorreu um corredor de pessoas na direção da praça coberta de cadáveres.

Os soldados recuaram, e Kelsier se afastou da carroça caída, disposto a enfrentar a carruagem que se aproximava.

– O que ele está fazendo? – Vin perguntou, voltando-se para Dox, que estava pendurado em uma pequena saliência. – Por que ele não foge? Não é um Inquisidor... não é algo contra o que se pode lutar!

– É isso, Vin – Dockson disse, assombrado. – É isso o que ele estava esperando. Uma chance de encarar o Senhor Soberano... uma chance de provar uma dessas lendas dele.

Vin se virou para a praça. A carruagem havia parado.

– Mas... – ela disse, em voz baixa. – O Décimo Primeiro Metal. Ele o trouxe?

– Deve ter trazido.

*Kelsier sempre disse que o Senhor Soberano era tarefa sua, Vin pensou. Deixou o resto de nós trabalhando com a nobreza, a Guarnição, e o Ministério. Mas isso... Kelsier sempre planejou fazer isso ele mesmo.*

O Senhor Soberano desceu da carruagem, e Vin se inclinou para frente, queimando estanho. Ele parecia...

Um homem.

Estava vestido com um uniforme negro e branco, parecido com o traje de um nobre, mas muito mais exagerado. O casaco chegava aos pés, e arrastava no chão enquanto ele andava. O colete não era colorido, mas totalmente negro, ainda que acentuado por brilhantes marcas brancas. Como Vin tinha ouvido, seus dedos cintilavam com anéis, o símbolo de seu poder.

*Sou tão mais forte do que você, os anéis proclamavam, que não importa que esteja usando metal.*

Bonito, com o cabelo negro e a pele clara, o Senhor Soberano era alto, magro e confiante. E era jovem – mais jovem do que Vin esperava, mais jovem até do que Kelsier. Cruzou a praça, evitando os cadáveres, enquanto seus soldados forçavam os skaa para trás.

De repente, um grupo abriu caminho entre a fileira de soldados. Usavam as armaduras desconjuntadas dos rebeldes, e o homem que os liderava era um pouco familiar. Um dos Brutamontes de Ham.

– Pela minha esposa! – disse o Brutamontes, levantando uma lança e atacando.

– Por Lorde Kelsier! – Gritaram os outros quatro.

*Ah, não, Vin pensou.*

O Senhor Soberano, no entanto, ignorou os homens. O líder rebelde lançou um grito de desafio, então cravou sua lança em seu peito.

O Senhor Soberano continuou a caminhar, passando pelos soldados, com a lança se sobressaindo de seu corpo.

O líder rebelde vacilou, então agarrou uma lança de um de seus amigos e a cravou nas costas do Senhor Soberano. Mais uma vez, o Senhor Soberano ignorou o homem – como se ele e suas armas não merecessem sequer seu desprezo.

O líder rebelde recuou, e deu meia-volta, enquanto seus amigos gritavam sob o machado de um Inquisidor. Juntou-se a eles rapidamente, e o Inquisidor se ergueu sobre os cadáveres por um momento, cortando alegremente.

O Senhor Soberano continuou em frente, com duas lanças saindo de seu corpo, como se não as notasse. Kelsier o esperou. Parecia esfarrapado em sua roupa skaa rasgada. Mesmo assim, se mostrou orgulhoso. Não se inclinou nem abaixou a cabeça sob o peso do *abrandamento* do Senhor Soberano.

O Senhor Soberano parou a alguns passos de distância, com uma das lanças quase encostando no peito de Kelsier. A cinza negra caía levemente ao redor dos dois homens, e alguns pedaços rodopiavam com o vento fraco. A praça caiu em um silêncio horrível – até mesmo o Inquisidor interrompeu sua terrível tarefa. Vin se inclinou para frente, pendurada precariamente no tijolo áspero.

*Faça algo, Kelsier! Use o metal!*

O Senhor Soberano olhou para o Inquisidor que Kelsier matara.

– Esses são muito difíceis de substituir – Sua voz carregada de sotaque chegou com facilidade aos ouvidos amplificadas pelo estanho de Vin.

Mesmo com a distância, pôde ver Kelsier sorrir.

– Eu o matei uma vez – O Senhor Soberano disse, voltando-se para Kelsier.

– Você tentou – Kelsier respondeu, com voz alta e firme, ouvida em toda a praça. – Mas não pode me matar, Lorde Tirano. Represento o que você *nunca* foi capaz de matar, não importa o quanto tente. Eu sou a esperança.

O Senhor Soberano bufou de desprezo. Levantou um braço casualmente, e o descarregou em Kelsier com um golpe tão poderoso que Vin pôde ouvir o impacto ressoar em toda a praça.

Kelsier cambaleou e rodopiou, espirrando sangue enquanto caía.

– *NÃO!* – Vin gritou.

O Senhor Soberano arrancou uma das lanças de seu corpo e a cravou no peito de Kelsier.

– Que as execuções comecem – disse, dando meia-volta, caminhando em direção à carruagem, arrancando a segunda lança e jogando-a de lado.

O caos se seguiu. Dirigidos por um Inquisidor, os soldados se viraram e atacaram a multidão. Outros Inquisidores chegaram da outra praça, galopando cavalos negros e empunhando machados de ébano brilhando sob a luz da tarde.

Vin ignorou tudo.

– Kelsier! – gritou. O corpo dele estava no lugar em que caíra, a lança cravada no peito, o sangue escarlate se espalhando ao seu redor.

*Não. Não. NÃO!* Vin saltou do edifício. Empurrando algumas pessoas e jogando-se sobre o massacre. Aterrissou no centro da praça estranhamente vazia – o Senhor Soberano se fora, os Inquisidores estavam ocupados com os skaa. Correu para junto de Kelsier.

Quase nada restava do lado esquerdo do rosto dele. O lado direito, no entanto... ainda sorria levemente, o olho morto contemplando o céu vermelho-escuro. Pedacos de cinzas caíam sobre seu rosto.

– Kelsier, não... – Vin disse, as lágrimas correndo por seu rosto. Tocou seu corpo, tentando sentir seu pulso. Não havia nada.

– Você disse que não podia ser morto! – Ela gritou. – E quanto aos seus planos? E quanto ao Décimo Primeiro Metal? E quanto a *mim*?

Ele não se moveu. Vin teve dificuldade para enxergar entre as lágrimas. *É impossível. Ele sempre disse que não éramos invencíveis... mas isso era eu. Não ele. Não Kelsier. Ele era*



*invencível.*

*Devia ter sido.*

Alguém a agarrou, e ela se debateu, chorando.

– É hora de irmos, garota – Ham falou. Deteve-se, olhando para Kelsier, assegurando-se com seus próprios olhos que o líder da gangue estava morto.

Então levou Vin à força. Ela continuava a se debater debilmente, mas estava cada vez mais aturdida. No fundo de sua mente, ouviu a voz de Reen.

*Vê. Eu disse que ele a deixaria. Eu avisei você.*

*Eu prometi a você...*

QUINTA PARTE

CRENTES DE UM  
MUNDO ESQUECIDO

*Sei o que acontecerá se tomar a decisão errada. Devo ser forte; não devo tomar o poder para mim mesmo.*

*Porque eu vi o que acontecerá se eu o fizer.*

---

## 35

---

*Para trabalhar comigo, Kelsier dissera, só peço que me prometam uma coisa – confiem em mim.*

Vin fluuava em meio às brumas, imóvel. Fluíam ao seu redor como um riacho silencioso. Acima, adiante, dos lados e abaixo. Tudo eram brumas ao seu redor.

*Confie em mim, Vin,* ele dissera. *Confiou em mim o suficiente para saltar da muralha, e eu a peguei. Terá que confiar em mim desta vez também.*

*Eu pegarei você.*

*Eu pegarei você...*

Era como se não estivesse em lugar algum. Em meio às brumas, das brumas. Como Vin invejava as brumas. Elas não pensavam. Não se preocupavam.

Não sofriam.

*Confiar em você, Kelsier,* ela pensou. *Eu realmente confiei – mas me deixou cair. Prometeu que nas suas gangues não havia traições. E quanto a isso? E quanto à sua traição?*

Flutuava com o estanho apagado para ver melhor as brumas. Eram levemente úmidas e frias contra sua pele. Como a pele de um homem morto.

*Por que isso importa, agora?,* pensou, olhando para cima. *Por que alguma coisa importa? O que disse para mim, Kelsier? Que eu nunca entendera realmente? Que ainda precisava aprender sobre amizade? E quanto a você? Você nem lutou com ele.*

Ele estava parado ali novamente, em sua mente. O Senhor Soberano o derrubou com um

golpe desdenhoso. O Sobrevivente morrerá como qualquer outro homem.

*É por isso que estava tão hesitante em prometer que não me abandonaria?*

Desejou poder simplesmente... partir. Flutuar para longe. Transformar-se em bruma. Uma vez ela desejara liberdade – e então presumira que a tinha encontrado. Estava errada. Isso não era liberdade, esse pesar, esse buraco dentro dela.

Era o mesmo que antes, quando Reen a abandonara. Qual era a diferença? Reen ao menos tinha sido honesto. Sempre prometera que partiria. Kelsier a guiara, dizendo para ela confiar e amar, mas Reen sempre fora sincero.

– Não quero mais isso – sussurrou para as brumas. – Não podem simplesmente me levar?

As brumas não responderam. Continuaram a rodopiar, brincalhonas, despreocupadas. Sempre mudando – e, de algum modo, sempre as mesmas.

– Senhora? – uma voz insegura a chamou, vinda de baixo. – Senhora, é você aí em cima?

Vin suspirou, queimando estanho, então apagou aço e deixou-se cair. Sua capa de bruma se agitava enquanto descia; aterrissou silenciosamente no telhado sobre o refúgio. Sazed estava próximo, ao lado da escada que os vigias usavam para chegar ao telhado.

– Sim, Saze? – perguntou, cansada, estendendo a mão para *puxar* as três moedas que estava usando como âncoras para se estabilizar, como pernas de um tripé. Uma delas estava dobrada e retorcida – a mesma moeda que Kelsier e ela haviam usado para competir há vários meses.

– Sinto muito, senhora – Sazed disse. – Simplesmente me perguntava onde tinha ido.

Ela deu de ombros.

– É uma estranha noite silenciosa, creio – Sazed comentou.

– Uma noite de luto.

Centenas de skaa haviam sido massacrados após a morte de Kelsier, e mais centenas foram pisoteados em meio à pressa de fugir.

– Eu me pergunto se a morte dele chegou a significar alguma coisa – ela disse em voz baixa. – Provavelmente salvamos muito menos skaa do que foram mortos.

– Assassinados por homens maus, senhora.

– Ham com frequência se pergunta se *há* mesmo essa coisa chamada “mal”.

– Mestre Hammond gosta de fazer perguntas – Sazed comentou –, mas sequer questiona as respostas. Há homens maus... assim como há homens bons.

Vin balançou a cabeça.

– Eu estava errada sobre Kelsier. Ele não era um homem bom... era só um mentiroso. Nunca teve um plano para derrotar o Senhor Soberano.

– Talvez – Sazed ponderou. – Ou, talvez, não tenha tido a oportunidade de levar o plano a cabo. Talvez nós não tenhamos entendido o plano.

– Soa como se ainda acreditasse nele – Vin se virou e se aproximou da beira do telhado plano, encarando a cidade escura e silenciosa.

– Acredito, senhora – Sazed afirmou.

– Como? Como pode?

Sazed balançou a cabeça, aproximando-se dela.

– A crença não é simplesmente uma coisa para os momentos felizes e os dias brilhantes, creio. O que é a crença, o que é a fé, se você não continuar com ela depois do fracasso?

Vin franziu o cenho.

– Qualquer um pode acreditar em alguém ou em alguma coisa que sempre tem sucesso, senhora. Mas o fracasso... ah sim, isso é difícil de se acreditar, certa e verdadeiramente. Difícil o bastante para ter valor, creio.

Vin negou com a cabeça.

– Kelsier não merece.

– Você não quer dizer isso, senhora – Sazed disse calmamente. – Está só zangada pelo que aconteceu. Está machucada.

– Ah, eu quero dizer isso – Vin disse, sentindo uma lágrima em sua bochecha. – Ele não merece nossa crença. Nunca mereceu.

– Os skaa pensam diferente... as lendas sobre ele estão crescendo rapidamente. Terei que retornar aqui em breve para compilá-las.

Vin franziu o cenho.

– Vai reunir histórias sobre Kelsier?

– É claro – Sazed confirmou. – Eu compilo todas as religiões.

Vin bufou.

– Não é de nenhuma religião que estamos falando, Sazed. É sobre Kelsier.

– Discordo. Ele é certamente uma figura religiosa para os skaa.

– Mas, nós o *conhecíamos* – Vin disse. – Ele não era um profeta ou um deus. Era apenas um homem.

– Assim como muitos deles, creio – Sazed respondeu em voz baixa.

Vin apenas balançou a cabeça. Ficaram em silêncio por um momento, observando a noite.

– E os outros? – ela finalmente perguntou.

– Estão discutindo o que fazer a seguir – Sazed contou. – Creio que estão decidindo deixar Luthadel separadamente e buscar refúgio em outras cidades.

– E... você?

– Devo viajar para o norte... para minha terra natal, o local dos Guardadores... para que possa partilhar o conhecimento que possuo. Devo contar aos meus irmãos e irmãs sobre o diário de viagem, especialmente as palavras a respeito do nosso ancestral, o homem chamado Rashek. Há muito o que se aprender nessa história, creio.

Ele se deteve, então olhou para ela.

– Não é uma jornada que posso fazer com outra pessoa, senhora. Os locais dos Guardadores devem permanecer em segredo, até de você.

*É claro*, Vin pensou. *É claro que ele vai embora também.*

– Voltarei – ele prometeu.

*Claro que vai. Como todos os outros fizeram.*

A gangue a fez se sentir necessária por um tempo, mas ela sempre soube que terminaria. Era hora de voltar para as ruas. Hora de estar sozinha novamente.

– Senhora... – Sazed falou lentamente. – Ouviu isso?

Ela deu de ombros. Mas... havia algo. Vozes. Vin franziu o cenho, andando até o outro lado do edifício. Ficaram mais altas, tornando-se facilmente perceptíveis até mesmo sem estanho. Reclinou-se sobre a beirada do telhado.

Um grupo de skaa, talvez uns dez, estava na rua abaixo. *Uma gangue de ladrões?*, Vin se perguntou, enquanto Sazed se juntava a ela. A quantidade de pessoas aumentava, à medida que mais skaa saíam timidamente de suas habitações.

– Venham – disse um skaa parado na frente do grupo. – Não temam as brumas! O Sobrevivente não chamou a si mesmo de Lorde das Brumas? Não disse que não tínhamos nada a temer nelas? De fato, elas nos protegerão, nos darão segurança. Nos darão poder, até!

Enquanto mais e mais skaa deixavam suas casas sem repercussão óbvia, o grupo começou a aumentar cada vez mais.

– Vá chamar os outros – Vin falou.

– Boa ideia – Sazed concordou, indo rapidamente para as escadas.

– Seus amigos, seus filhos, seus pais, suas mães, esposas e amantes – o skaa disse, acendendo uma lanterna e levantando-a. – Eles morreram nas ruas nem a meia hora daqui. O Senhor Soberano não teve nem a decência de limpar sua matança!

A multidão começou a murmurar, concordando.

– Mesmo quando a limpeza ocorrer – o homem disse –, serão as mãos do Senhor Soberano que vão cavar as covas? Não! Serão nossas mãos. Lorde Kelsier falou sobre isso.

– Lorde Kelsier! – vários homens concordaram. O grupo estava ficando maior, agora, com a presença de mulheres e jovens também.

Um ranger na escada anunciou a chegada de Ham. Pouco depois, ele foi seguido por Sazed, Brisa, Dockson, Fantasma e, até mesmo, Trevo.

– Lorde Kelsier! – proclamou o homem lá embaixo. Outros acenderam tochas, iluminando as brumas. – Lorde Kelsier lutou por nós hoje! Matou um Inquisidor imortal!

A multidão murmurou em acordo.

– Mas então ele morreu! – alguém gritou.

Silêncio.

– E o que fizemos para ajudá-lo? – o líder perguntou. – Muitos de nós estavam lá... milhares de nós. Nós ajudamos? Não! Esperamos e observamos, mesmo enquanto ele lutava por nós. Ficamos ali, estupidamente, e o deixamos cair. Nós o vimos morrer! Ou não? O que o Sobrevivente disse? Que o Senhor Soberano nunca poderia matá-lo realmente? Kelsier é o Senhor das Brumas! Ele não está conosco, agora?

Vin se virou para os outros. Ham observava cuidadosamente, mas Brisa apenas deu de ombros.

– O homem é obviamente maluco. Um fanático religioso.

– Eu digo para vocês, amigos! – gritou o homem na rua. A multidão ainda crescia, e mais tochas eram acesas. – Eu lhes direi a verdade! *Lorde Kelsier apareceu para mim esta noite!* Disse que sempre estaria conosco. Vamos deixá-lo cair novamente?

– Não! – veio a resposta.

Brisa balançou a cabeça.

– Não imaginava que tivessem isso neles. Pena que seja um grupo tão pequeno...

– O que é aquilo? – Dox perguntou.

Vin se virou, franzindo o cenho. Havia um clarão de luz ao longe. Como... tochas acesas nas brumas. Outra apareceu a leste, perto de um bairro pobre skaa. Uma terceira apareceu. Então uma quarta. Em questão de segundos, parecia que toda a cidade estava brilhando.

– Seu gênio maluco... – Dockson sussurrou.

– O quê? – Trevo perguntou, franzindo o cenho.

– Não nos demos conta – Dox explicou. – O atium, o exército, a nobreza... não era isso que Kelsier estava planejando. *Este* era o trabalho dele! Nossa gangue nunca derrubaria o Império Final... éramos muito poucos. A população inteira de uma cidade, no entanto...

– Está dizendo que ele fez isso de propósito? – Brisa perguntou.

– Ele sempre me fazia a mesma pergunta. – Sazed entrevistou, um pouco atrás. – Sempre perguntava o que dava tanto poder às religiões. Toda vez eu respondia o mesmo... – Sazed olhou para eles, inclinando a cabeça. – Eu dizia que era porque seus crentes tinham algo que os fazia sentir paixão. Algo... ou alguém.

– Mas por que ele não nos contou? – Brisa perguntou.

– Porque ele sabia – Dox disse em voz baixa. – Sabia de algo com o qual jamais concordaríamos. Sabia que teria que morrer.

Brisa balançou a cabeça.

– Não acredito nisso. Por que então se incomodar conosco? Ele poderia ter feito isso por conta própria.

*Por que então se incomodar...*

– Dox – Vin falou, virando-se. – Onde é o armazém que Kelsier alugou, onde fazia suas reuniões como informante?

Dockson se deteve.

– Não é muito longe, na verdade. Duas ruas abaixo. Ele disse que queria que fosse perto do esconderijo de emergência...

– Quero que me mostre! – Vin, disse, descendo pela lateral do edifício.

Os skaa reunidos continuavam gritando, cada grito mais forte do que o anterior. Toda a rua ardia com luz, tochas tremeluzindo transformavam as brisas em uma chama brilhante.

Dockson a levou rua abaixo, enquanto o resto da gangue os seguia. O armazém era uma estrutura grande, quadrada e esquecida de uma seção industrial do bairro skaa. Vin se aproximou, avivou peltre e arreventou o cadeado.

A porta se abriu lentamente. Dockson levantou sua lanterna, e a luz revelou pilhas cintilantes de metal. Armas. Espadas, machados, bastões e elmos brilhavam na luz – um incrível tesouro prateado.

A gangue encarou o salão, assombrada.

– *Este* é o motivo – Vin disse em voz baixa. – Ele precisava que a fachada de Renoux comprasse armas em grande número. Sabia que a rebelião precisaria se quisessem tomar a cidade com sucesso.

– Por que reunir um exército, então? – Ham perguntou. – Era só uma fachada, também?

– Acho que sim – Vin falou.

– Errado – uma voz disse, ecoando pelo armazém cavernoso. – Havia muito mais do que isso.

O grupo se sobressaltou, e Vin avivou seus metais... até que reconheceu a voz.

– Renoux?

Dockson levantou ainda mais sua lanterna.

– Mostre-se, criatura.

Uma figura se moveu no fundo do armazém, permanecendo nas sombras. Contudo, quando falou, sua voz era inconfundível.

– Ele precisava de um exército para ter um núcleo de homens treinados para a rebelião. Essa parte do plano foi... prejudicada pelos acontecimentos. Essa era só uma parte do porquê de ele precisar de vocês, no entanto. As casas nobres precisavam cair para deixar um vazio na estrutura política. A Guarnição tinha que deixar a cidade para que os skaa não fossem massacrados.

– Ele planejou tudo isso desde o começo – Ham disse, com assombro. – Kelsier sabia que os skaa não se levantariam. Haviām estado submetidos por tempo demais, e condicionados a pensar que o Senhor Soberano era dono tanto de seus corpos quanto de suas almas. Ele entendeu que nunca se rebelariam... não até terem um *novo* deus.

– Sim – Renoux disse, dando um passo para frente. A luz iluminou seu rosto, e Vin engasgou de susto.

– Kelsier! – exclamou.

Ham a segurou pelo ombro.

– Cuidado, criança. Não é ele.

A criatura olhou para ela. Usava o rosto de Kelsier, mas os olhos... eram diferentes. O rosto não tinha o sorriso característico de Kelsier. Parecia oco. Morto.

– Peço desculpas – ele disse. – Essa seria minha parte no plano, e essa foi a razão original pela qual Kelsier me contratou. Eu teria que tomar seus ossos assim que estivesse morto, e então aparecer para seus seguidores para lhes dar fé e força.

– O que você é? – Vin perguntou, horrorizada.

Renoux-Kelsier olhou para ela, então seu rosto brilhou, tornando-se transparente. Ela pôde ver seus ossos sob a pele gelatinosa. Isso a fez se lembrar de...

– *Um espectro da bruma.*

– Um kandra – a criatura disse enquanto sua pele perdia a transparência. – Um espectro da bruma que... evoluiu, você poderia dizer.

Vin se virou, enojada, lembrando das criaturas que vira nas brumas. Carniceiros, Kelsier dissera... criaturas que digerem os corpos dos mortos, roubando seus esqueletos e imagens. *As lendas são mais verdadeiras do que eu pensava.*

– Vocês eram parte deste plano, também – o kandra disse. – Todos vocês. Vocês se perguntam por que ele precisava de uma gangue? Ele precisava de homens de virtude, homens que pudessem aprender a se preocupar mais com o povo do que com moedas. Ele os colocou diante de exércitos e multidões, deixou que praticassem a liderança. Estava usando vocês... mas também estava treinando vocês.

A criatura olhou para Dockson, Brisa e Ham.

– Burocrata, político, general. Para que uma nova nação surja, serão necessários homens com os talentos individuais de vocês. – O kandra acenou com a cabeça na direção de uma grande folha de papel afixada em uma mesa não muito longe dali. – São instruções, para que sigam. Tenho outras coisas a fazer.

Deu meia-volta, como se fosse partir, então se deteve ao lado de Vin, virando-se para ela com um rosto perturbadoramente parecido com o de Kelsier. Mesmo assim, a criatura não era como Renoux ou Kelsier. Parecia sem paixão.

O kandra pegou uma bolsinha.

– Ele me pediu para lhe dar isso. – Colocou a bolsa na mão dela, então seguiu em frente, enquanto o resto da gangue se afastava, dando-lhe um amplo espaço para sair do armazém.

Brisa começou a caminhar até a mesa, mas Ham e Dockson foram mais rápidos. Vin olhou para a bolsinha. Estava... com medo de ver o que continha. Correu para se juntar à gangue.

A folha tinha o mapa da cidade, aparentemente copiado do que Marsh enviara. No alto, estavam escritas algumas palavras.

*Meus amigos, vocês têm muito trabalho a fazer, e devem fazê-lo rapidamente. Devem organizar e distribuir as armas deste armazém, então fazer o mesmo com os outros dois como este, localizados em outros bairros pobres. Há cavalos em um quarto lateral para facilitar a viagem.*

*Uma vez que tenham distribuído as armas, vocês devem proteger os portões da cidade e submeter os membros restantes da Guarnição. Brisa, sua equipe fará isso – marchará primeiro contra a Guarnição, para que possa tomar os portões em paz.*

*Há quatro Grandes Casas que detêm uma forte presença militar na cidade. Eu as marquei no mapa. Ham, sua equipe lidará com elas. Não queremos outra força armada além da nossa dentro da cidade.*

*Dockson, permaneça na retaguarda, enquanto acontecem os ataques iniciais. Mais e mais skaa virão aos armazéns quando as notícias se espalharem. Os exércitos de Brisa e Ham incluirão as tropas que treinamos, além de novas incorporações – espero – dos skaa que se aglomerarem nas ruas. Vocês precisam se assegurar de que os skaa comuns recebam suas armas para que Trevo possa liderar o assalto ao próprio palácio.*



*As estações de abrandamento já se foram – Renoux entregou a ordem para nossas equipes de assassinos antes de trazer isto para vocês. Se tiverem tempo, enviem alguns dos Brutamontes de Ham para conferir essas estações. Brisa, seus abrandadores serão necessários entre os skaa, para encorajá-los.*

*Acho que é tudo. Foi um trabalho divertido, não foi? Quando se lembrarem de mim, por favor, lembrem-se disso. Lembrem-se de sorrir. Agora, movam-se rapidamente.*

*Governem com sabedoria.*

O mapa da cidade estava dividido em diversas zonas marcadas com os nomes dos membros da gangue. Vin percebeu que ela e Sazed não haviam sido incluídos.

– Voltarei com o grupo que deixamos perto da nossa casa – Trevo resmungou. – Eu os trarei aqui para que recebam suas armas. – Começou a sair, mancando.

– Trevo? – Ham perguntou, virando-se. – Sem ofensa, mas... por que ele o incluiu como líder de exército? O que sabe sobre a guerra?

Trevo fez uma careta, então ergueu a perna da calça, mostrando uma longa cicatriz serpenteante, que corria pela coxa e panturrilha – obviamente a fonte de seu coxear.

– Onde acha que consegui isso? – ele disse, e se dispôs a andar.

Ham se virou novamente, assombrado.

– Não acredito que isso está acontecendo.

Brisa balançou a cabeça.

– E eu presumia que *eu* sabia algo sobre manipular as pessoas. Isso... isso é incrível. A economia está prestes a colapsar, e a nobreza que sobreviver logo estará em guerra em campo aberto. Kell mostrou a todos nós como matar Inquisidores... só precisamos derrubar os outros e decapitá-los. Quanto ao Senhor Soberano...

Os olhos se voltaram para Vin. Ela olhou para a bolsinha em suas mãos, e a abriu. Um saquinho, obviamente cheio de contas de atium, caiu em sua mão, seguido de uma pequena barra de metal enrolada em uma folha de papel. O Décimo Primeiro Metal.

Vin desdobrou o papel.

*Vin, leu. Seu dever original nesta noite seria assassinar os altos nobres que restavam na cidade. Mas, bem, você me convenceu de que talvez devam viver.*

*Nunca descobri como este maldito metal supostamente deveria funcionar. É seguro queimá-lo – não a matará – mas não parece fazer nada útil. Se estiver lendo isso, então eu fracassei em descobrir como usá-lo para enfrentar o Senhor Soberano. Não acho que importe. As pessoas precisam de algo no que acreditar, e esse é o único jeito de dar isso a elas.*

*Por favor, não fique zangada comigo por abandoná-la. Deram a mim uma prorrogação de vida. Eu devia ter morrido no lugar de Mare, há anos. Estava preparado para isso.*

*Os outros ainda precisam de você. Você é a Nascida das Brumas deles, agora – terá que protegê-los nos meses que virão. A nobreza mandará assassinos contra nossos incipientes governantes do reino.*

*Adeus. Falarei de você para Mare. Ela sempre quis ter uma filha.*

– O que diz, Vin? – Ham perguntou.

– Diz... que não sabe como o Décimo Primeiro Metal funciona. Sente muito... não tinha certeza de como derrotar o Senhor Soberano.

– Temos uma cidade inteira, cheia de pessoas para lutar contra ele – Dox falou. – Duvido

seriamente que possa matar todos nós... se não pudermos destruí-lo, podemos prendê-lo e jogá-lo em um calabouço.

Os demais assentiram.

– Tudo bem! – Dockson falou. – Brisa e Ham, precisam ir até os outros armazéns e começar a distribuir as armas. Fantasma, vá reunir os aprendizes... precisamos que entreguem mensagens. Vamos!

Todos começaram a se mexer. Logo, skaa que nunca haviam visto antes irromperam no armazém, empunhando suas tochas e contemplando com assombro a abundância de armas. Dockson trabalhou com eficiência, ordenando que alguns dos recém-chegados se encarregassem de distribuí-las, e enviando outros para reunir seus amigos e família. Os homens começaram a fazer fila, recolhendo as armas. Todo mundo estava ocupado, exceto Vin.

Ela olhou para Sazed, que sorriu para ela.

– Algumas vezes só temos que esperar o tempo suficiente, senhora – ele disse. – Então descobrimos por que exatamente estávamos mantendo a crença. Há um ditado do qual Mestre Kelsier gostava muito...

– Sempre há outro segredo – Vin sussurrou. – Mas, Sazed, todo mundo tem algo para fazer, exceto eu. Originalmente, eu devia assassinar nobres, mas Kell não quer mais que eu faça isso.

– Eles têm que ser neutralizados – Sazed disse –, mas não necessariamente mortos. Talvez sua missão fosse simplesmente mostrar esse fato para Kelsier?

Vin negou com a cabeça.

– Não. Tenho que fazer mais, Saze. – Agarrou a bolsa, frustrada. Algo amassou em seu interior.

Abriu a bolsa e notou um papelzinho que não tinha visto antes. Pegou-o e desdobrou-o com delicadeza. Era o desenho que Kelsier lhe mostrara – a imagem de uma flor. Mare sempre a mantinha com ela, sonhando com um futuro onde o sol não fosse vermelho, onde as plantas fossem verdes...

Vin levantou o olhar.

*Burocrata, político, soldado... há algo mais de que todo reino precisa.*

*Um bom assassino.*

Ela se virou, pegando um frasco de metal e bebendo seu conteúdo, usando o líquido para engolir duas contas de atum. Andou até a pilha de armas, pegando um pequeno maço de flechas. Tinham pontas de pedra. Começou a quebrar as pontas, deixando cerca de um centímetro de madeira em cada uma, descartando as hastes.

– Senhora? – Sazed perguntou, preocupado.

Vin passou por ele, procurando entre os armamentos. Encontrou o que queria em uma pequena cota de malha, feita com grandes anéis de metal entrelaçados. Soltou vários elos com uma adaga e os dedos reforçados pelo peltre.

– Senhora, o que está fazendo?

Vin caminhou até um baú ao lado da mesa, dentro do qual havia visto uma grande coleção de metais em pó. Encheu sua bolsa com vários punhados de peltre em pó.

– Estou preocupada com o Senhor Soberano – disse, pegando uma lima da caixa e raspando várias lascas do Décimo Primeiro Metal. Deteve-se, olhando o metal prateado e desconhecido, então engoliu os flocos com um gole de seu cantil. Colocou mais alguns flocos em um de seus frascos de metais de reserva.

– Certamente a rebelião pode lidar com ele – Sazed disse. – Ele não é tão forte sem todos os seus criados, creio.

– Você está errado – Vin disse, levantando-se e caminhando em direção à porta. – Ele é

forte, Saze. Kelsier não podia senti-lo, não como eu posso. Ele não sabia.

– Onde está indo? – Sazed perguntou atrás dela.

Vin se deteve na porta, virando-se, as brumas se enroscando ao seu redor.

– Dentro do complexo do palácio, há uma câmara protegida por soldados e Inquisidores. Kelsier tentou entrar lá duas vezes. – Ela se virou na direção das brumas escuras. – Esta noite, vou descobrir o que há lá dentro.

*Decidi que sou grato pelo ódio de Rashek. Faz bem recordar que há aqueles que me abominam. Meu dever não é buscar popularidade ou amor; meu dever é garantir a sobrevivência da humanidade.*

## 36

Vin caminhou em silêncio até Kredik Shaw. O céu atrás dela ardia, as brumas refletindo e difundindo a luz de milhares de tochas. Como uma cúpula radiante sobre a cidade.

A luz era amarela, a cor que Kelsier sempre dizia que o sol devia ter.

Quatro guardas nervosos esperavam na mesma porta de entrada que Kelsier e ela atacaram antes. Observavam a aproximação dela. Vin caminhou lentamente, em silêncio, pelas pedras úmidas de bruma, sua capa agitando-se solenemente.

Um dos guardas apontou uma lança para ela, Vin parou bem na frente dele.

– Eu sei – ela disse em voz baixa. – Vocês suportaram as fábricas, as minas e as forjas. Sabiam que um dia os matariam, e suas famílias morreriam de fome. Então, vieram até o Senhor Soberano, sentindo-se culpados, mas determinados, e se juntaram aos guardas deles.

Os quatro homens trocaram olhares, confusos.

– A luz atrás de mim vem de uma rebelião skaa maciça – ela prosseguiu. – Toda a cidade está se erguendo contra o Senhor Soberano. Não culpo vocês por suas escolhas, mas um tempo de mudança está chegando. Esses rebeldes podem usar o treinamento e o conhecimento de vocês. Vão até eles... estão se reunindo na Praça do Sobrevivente.

– Na... Praça do Sobrevivente? – um soldado perguntou.

– O lugar onde o Sobrevivente de Hathsin foi morto mais cedo, hoje.

Os quatro homens trocaram olhares, inseguros.

Vin *tumultuou* as emoções deles levemente.

– Não precisam mais viver com culpa.

Finalmente, um dos homens deu um passo para frente e arrancou o símbolo de seu uniforme, então caminhou decidido pela noite. Os outros três vacilaram, então o seguiram – deixando Vin com entrada livre para o palácio.

Vin caminhou pelo corredor, passando, finalmente, pela mesma câmara da guarda de antes. Entrou, passando por um grupo de soldados conversando, sem ferir nenhum deles, e entrou no corredor seguinte. Atrás dela, os guardas reagiram à surpresa, soaram o alarme e irromperam pelo corredor, mas Vin saltou e *empurrou* os suportes das lanternas, lançando-se pelo corredor.

As vozes dos homens ficaram distantes; nem mesmo correndo poderiam alcançá-la. Ela chegou ao final do corredor, deixando-se cair suavemente no chão, com sua capa ao redor do corpo. Continuou com passo resolutivo e sem pressa. Não havia motivo para correr. Estariam esperando por ela de qualquer jeito.

Passou pelo arco para entrar na câmara central abobadada. Murais prateados cobriam as paredes, os braseiros ardiam nos cantos, o chão era de mármore negro.

E dois Inquisidores bloqueavam seu caminho.

Vin entrou silenciosamente no aposento, aproximando-se do edifício dentro do edifício que era seu objetivo.

– Procuramos todo esse tempo – um Inquisidor disse com voz áspera. – E você veio até nós. Pela segunda vez.

Vin parou a uns vinte passos da dupla. Cada um deles era quase meio metro mais alto do que ela, e ambos sorriam, confiantes.

Vin queimou atium, então tirou as mãos de baixo da capa, atirando dois punhados de pontas de flecha no ar. Avivou aço, *empurrando* poderosamente os anéis de metal enrolados frouxamente nas hastes quebradas das flechas. Os projéteis saíram em disparada, cruzando a sala. O Inquisidor líder gargalhou, erguendo a mão e *empurrando* desdenhosamente os misseis.

Seu *empurrão* soltou os anéis das hastes, lançando os pedaços de metal para trás. As pontas de flecha, contudo, seguiram em frente – não mais *empurradas* por trás, mas ainda transportadas por um impulso letal.

O Inquisidor abriu a boca, surpreso, enquanto duas dúzias de pontas de flecha o atingiam. Várias atravessaram completamente sua carne, cravando-se na parede de pedra que estava atrás dele. Outras atingiram seu companheiro nas pernas.

O Inquisidor líder estremeceu, entre espasmos, enquanto caía. O outro grunhiu, ainda em pé, mas mancando um pouco por causa da perna ferida. Vin avançou, avivando seu peltre. O Inquisidor tentou bloqueá-la, mas ela enfiou a mão dentro de sua capa e jogou um grande punhado de peltre em pé.

O Inquisidor parou, confuso. Seus “olhos” não conseguiam ver nada além de um emaranhado de linhas azuis – cada uma levando a um grão de metal. Com tantos recursos de metal concentrados em um só lugar, as linhas eram praticamente ofuscantes.

O Inquisidor girou, zangado, quando Vin passou por ele. *Empurrou* o pé, mandando-o para longe, mas ao fazer isso, Vin desembainhou uma adaga de vidro e atacou. Na confusão de linhas azuis e sombras de atium, ele não notou a adaga, e ela o acertou bem na coxa. Ele caiu, praguejando com sua voz áspera.

*Ainda bem que funcionou*, Vin pensou, passando sobre o corpo do primeiro Inquisidor, que gemia. *Não tinha certeza de como aqueles olhos funcionavam*.

Vin jogou seu peso contra a porta, avivando peltre e atirando outro punhado de peltre para impedir que o Inquisidor captasse qualquer metal de seu corpo. Não se virou para continuar

lutando com eles – não com o trabalho que uma das criaturas dera para Kelsier. Seu objetivo, nesta infiltração, não era matar, mas reunir informações e, então, fugir.

Vin irrompeu no edifício dentro do edifício, quase tropeçando em um tapete feito de alguma pele exótica. Franziu o cenho, perscrutando a câmara com urgência, buscando o que quer que o Senhor Soberano escondesse lá dentro.

*Tem que estar aqui*, ela pensou, desesperada. *A pista para derrotá-lo – o jeito de vencer esta batalha.* Contava com que os Inquisidores ficassem distraídos com seus ferimentos tempo o bastante para procurar o segredo do Senhor Soberano e escapar.

A sala só tinha uma saída – a entrada pela qual viera – e uma lareira ardia no centro. As paredes eram decoradas com tapeçarias estranhas; peles penduradas de quase todos os lugares, os pelos tingidos em estranhos padrões. Havia algumas pinturas antigas, as cores desbotadas, as telas amareladas.

Vin procurou rapidamente, com urgência, em busca de qualquer coisa que se provasse ser uma arma contra o Senhor Soberano. Infelizmente, não viu nada de útil; a sala parecia exótica, mas não extraordinária. De fato, era tão acolhedora quanto um estúdio ou um recanto. Era cheia de objetos estranhos e decorativos – como os chifres de algum animal exótico e um estranho par de sapatos com solados muito planos e largos. Era uma sala de colecionador, um lugar para guardar lembranças do passado.

Sobressaltou-se quando algo se moveu perto do centro da câmara. Havia uma cadeira giratória perto da lareira, que se virou lentamente, revelando o velho enrugado que a ocupava. Calvo, com a pele manchada, parecia ter mais de setenta anos. Usava roupas caras e escuras, e franzia o cenho com ira para Vin.

*É isso*, Vin pensou. *Fracassei – não há nada aqui. Hora de ir embora.*

No entanto, quando ia dar meia-volta para partir, mãos ásperas a agarraram por trás. Ela praguejou, debatendo-se enquanto olhava para a perna ensanguentada do Inquisidor. Mesmo com peltre, ele não devia conseguir andar com aquilo. Ela tentou se libertar, mas o Inquisidor a segurava com força.

– O que é isso? – o velho exigiu saber, levantando-se.

– Sinto muito, Senhor Soberano – o Inquisidor disse, respeitosamente.

*Senhor Soberano! Mas... eu o vi. Ele era um homem jovem.*

– Mate-a – o velho disse, acenando com a mão.

– Meu senhor – o Inquisidor falou –, esta criança é... de especial interesse. Posso ficar com ela temporariamente?

– Que especial interesse? – o Senhor Soberano perguntou, suspirando enquanto se sentava novamente.

– Desejamos fazer uma petição, Senhor Soberano – o Inquisidor disse. – A respeito do Cantão da Ortodoxia.

– Isso, de novo? – o Senhor Soberano disse, cansado.

– Por favor, meu senhor – o Inquisidor pediu. Vin continuou a se debater, avivando peltre. O Inquisidor, no entanto, mantinha os braços dela presos contra as costas e seus chutes não eram de muita ajuda. *Ele é tão forte!*, pensou, com frustração.

Então se lembrou. O Décimo Primeiro Metal, o poder dentro dela, formando uma reserva desconhecida. Levantou a cabeça, encarando o velho. *É melhor que isso funcione.* Queimou o Décimo Primeiro Metal.

Nada aconteceu.

Vin se debateu, frustrada, o coração na mão. Então o viu. Outro homem, parado bem ao lado do Senhor Soberano. De onde viera? Ela não o vira entrar.

Tinha barba e usava um traje grosso de lã, com capa forrada de pele. Não era uma roupa rica, mas era bem-feita. Estava parado, em silêncio, parecendo... contente. Sorria, feliz.

Vin inclinou a cabeça. Havia algo familiar naquele homem. Suas feições eram muito parecidas com a do homem que matara Kelsier. Contudo, este homem era mais velho... e mais vivo.

Vin se virou para o lado. Havia outra figura desconhecida ao lado dela, um jovem nobre. Era um mercador, pela aparência de seu traje – e muito rico.

*O que está acontecendo?*

O Décimo Primeiro Metal se esgotou. Os dois recém-chegados desapareceram como fantasmas.

– Muito bem – disse o envelhecido Senhor Soberano, suspirando. – Concordo com seu pedido. Nós vamos nos encontrar dentro de várias horas... Tevidian já solicitou uma reunião para discutir o que ocorre fora do palácio.

– Ah – disse o segundo Inquisidor. – Sim... será bom para ele estar lá. Bom, realmente.

Vin continuou a se debater, enquanto o Inquisidor a *empurrava* para o chão, e erguia a mão, empunhando alguma coisa que ela não conseguia ver. Ele a atingiu, e a dor estalou em sua cabeça.

Apesar do peltre, tudo ficou negro.

Elend encontrou seu pai na entrada norte – uma porta menor e menos chamativa da Fortaleza Venture, ainda que só se comparada com o majestoso grande salão.

– O que está acontecendo? – Elend exigiu saber, colocando o casaco, com o cabelo despenteado pelo sono.

Lorde Venture estava acompanhado de seus capitães da guarda e encarregados dos canais. Soldados e criados se espalhavam pelo corredor branco e marrom, correndo com ar de temor apreensivo.

Lorde Venture ignorou a pergunta de Elend, chamando um mensageiro para que cavalgasse até as docas do rio do leste.

– Pai, o que está acontecendo? – Elend repetiu.

– Rebelião skaa – Lorde Venture replicou.

*O quê?*, Elend pensou, enquanto Lorde Venture acenava para que outro grupo de soldados se aproximasse. *Impossível*. Uma rebelião skaa em Luthadel... era impensável. Não teriam disposição para tentar um ato ousado, eram apenas...

*Valette é skaa, pensou. Tem que parar de pensar como os outros nobres, Elend. Tem que abrir os olhos.*

A Guarnição partira, tentando massacrar um grupo diferente de rebeldes. Os skaa tinham sido forçados a assistir àquelas execuções macabras há semanas, sem mencionar o massacre daquele dia. Havia sido tensionados até o ponto de quebrar.

*Temadre previu isso*, Elend percebeu. *Assim como meia dúzia de teóricos políticos. Dizem que o Império Final não pode durar para sempre. Com um deus no comando ou não, as pessoas algum dia vão se erguer... Finalmente está acontecendo. Estou vivendo isso!*

*E... estou do lado errado.*

– Por que os encarregados dos canais? – Elend perguntou.

– Estamos deixando a cidade – Lorde Venture disse, laconicamente.

– Abandonando a fortaleza? – Elend perguntou. – Onde está a honra nisso?

Lorde Venture bufou.

– Isso não tem a ver com coragem, garoto. Tem a ver com sobrevivência. Aqueles skaa estão atacando os portões principais, massacrando os remanescentes da Guarnição. Não tenho intenção de esperar até que venham atrás de cabeças nobres.

– Mas...

Lorde Venture meneou cabeça.

– Estamos partindo de qualquer maneira. Algo... aconteceu nas minas há uns dias. O Senhor Soberano não ficará feliz quando descobrir. – Deu um passo para trás, acenando para o capitão de seu barco.

*Rebelião skaa*, Elend pensou, um pouco atônito. *O que era que Temadre advertia em seus escritos? Que, quando uma rebelião de fato viesse, os skaa matariam indiscriminadamente... Que a vida de todos os nobres correria perigo.*

*Predisse que a rebelião terminaria rapidamente, mas que deixaria pilhas de cadáveres em sua esteira. Milhares de mortos. Dezenas de milhares.*

– Bem, garoto? – Lorde Venture quis saber. – Vá e organize suas coisas.

– Não vou partir – Elend surpreendeu-se ao dizer.

Lorde Venture franziu o cenho.

– O quê?

Elend levantou o olhar.

– Não vou partir, pai.

– Ah, você vai – Lorde Venture disse, encarando Elend com um daqueles olhares.

Elend encarou aqueles olhos – olhos que não estavam irados porque se preocupavam com a segurança de Elend, mas porque Elend ousava desafiá-los. E, estranhamente, Elend não se sentiu nem um pouco acovardado. *Alguém tem que impedir isso. A rebelião pode fazer algo bom, mas só se os skaa não insistirem em massacrar seus aliados.*

*E é isso o que a nobreza deveria ser – aliada deles contra o Senhor Soberano. Ele é nosso inimigo também.*

– Pai, estou falando sério – Elend disse. – Vou ficar.

– Maldição, garoto! Precisa insistir em zombar de mim?

– Não se trata de bailes ou almoços, pai. Trata-se de algo muito mais importante.

Lorde Venture vacilou.

– Nenhum comentário cínico? Nenhuma galhofa?

Elend negou com a cabeça.

De repente, Lorde Venture sorriu.

– Fique, então, garoto. É uma boa ideia. Alguém devia manter nossa presença aqui enquanto reúno nossas forças. Sim... uma ideia muito boa.

Elend se deteve, franzindo o cenho de leve diante do sorriso de seu pai. *O atium – meu pai está me deixando cair no lugar dele! E... mesmo que o Senhor Soberano não me mate, meu pai presume que morrerei na rebelião. De qualquer modo, fica livre de mim.*

*Realmente não sou muito bom nisso, sou?*

Lorde Venture riu consigo mesmo, virando-se.

– Pelo menos deixe-me alguns soldados – Elend disse.

– Pode ficar com a maioria deles – Lorde Venture falou. – Será difícil o bastante partir com um barco nessa confusão. Boa sorte, garoto. Diga alô para o Senhor Soberano na minha ausência. – Gargalhou novamente, dirigindo-se para o garanhão que já estava selado do lado de fora.

Elend ficou parado no salão, e repentinamente era o foco da atenção. Guardas e criados nervosos, percebendo que haviam sido abandonados, se voltaram para Elend com olhos



desesperados.

*Eu estou...* no comando, Elend pensou, surpreso. *E agora?* Do lado de fora, podia ver as brumas ardendo com as luzes dos incêndios. Vários dos guardas advertiam sobre a aproximação de uma turba de skaa.

Elend se aproximou da porta aberta e contemplou o caos. O salão atrás dele permanecia em silêncio, enquanto as pessoas, aterrorizadas, percebiam a extensão do perigo.

Elend ficou parado por um momento. Então deu meia-volta.

– Capitão! – chamou. – Reúna suas forças e os criados que sobraram... não deixe ninguém para trás... e marche para a Fortaleza Lekal.

– Fortaleza... Lekal, meu senhor?

– É mais defensável – Elend disse. – Além disso, ambos temos poucos soldados... separados, seremos destruídos. Juntos, podemos conseguir nos manter. Vamos oferecer nossos homens para Lekal, em troca de proteção para nossa gente.

– Mas... meu senhor – o soldado falou –, os Lekal são seus inimigos.

Elend assentiu.

– Sim, mas alguém precisa fazer a primeira abertura. Agora, mova-se!

O homem bateu continência, e saiu correndo.

– Ah, e, capitão? – Elend disse.

O soldado se deteve.

– Escolha cinco de seus melhores soldados para formar minha guarda de honra. Deixarei você no comando... esses cinco e eu temos outra missão.

– Meu senhor? – o capitão perguntou, confuso. – Que missão?

Elend se virou na direção das brumas.

– Vamos nos entregar.

Vin acordou enopada. Tossiu, gemeu, sentindo uma dor aguda na nuca. Abriu os olhos, aturrida – pestanejando para se livrar da água que haviam jogado sobre ela – e imediatamente queimou peltre e estanho para despertar completamente.

Um par de mãos ásperas a ergueu no ar. Ela tossiu quando o Inquisidor enfiou algo em sua boca.

– Engula – ordenou, torcendo seu braço.

Vin gritou, tentando, sem sucesso, resistir à dor. Finalmente, engoliu o pedaço de metal.

– Agora, queime isso – o Inquisidor ordenou, torcendo com mais força.

Vin resistiu o quanto pôde, sentindo uma reserva desconhecida de metal em seu interior. O Inquisidor podia estar tentando fazê-la queimar um metal inútil, um que pudesse deixá-la doente – ou, pior, matá-la.

*Mas há formas mais fáceis de matar uma prisioneira*, pensou em meio à agonia. Seu braço doía tanto que parecia que ia se soltar do corpo. Finalmente, Vin cedeu e queimou o metal.

Imediatamente, todas as suas outras reservas desapareceram.

– Bom – o Inquisidor disse, soltando-a no chão. O chão de pedras estava molhado, cheio de poças do balde de água que haviam jogado nela. O Inquisidor deu meia-volta, deixando a cela e trancando-a; então desapareceu por uma porta do outro lado da sala.

Vin ficou de joelhos, massageando seu braço, tentando entender o que estava acontecendo. *Meus metais!* Buscou desesperadamente em seu interior, mas não encontrou nada. Não podia sentir nenhum metal, nem mesmo o que engolira há alguns instantes.

*O que era aquilo?* Um décimo segundo metal? Talvez a alomancia não fosse tão limitada quanto Kelsier e os outros haviam assegurado a ela.

Inspirou profundamente várias vezes, ainda de joelhos, acalmando-se. Havia algo... *empurrando* contra ela. A presença do Senhor Soberano. Podia senti-la, ainda que não tão poderosa quanto antes, quando matara Kelsier. Mesmo assim, não tinha cobre para queimar – não tinha como se esconder da mão poderosa, quase onipotente, do Senhor Soberano. Sentia a depressão retorcendo dentro dela, dizendo para desistir, para se render.

*Não!, ela pensou. Tenho que sair daqui. Tenho que permanecer forte!*

Obrigou-se a ficar em pé e inspecionar os arredores. Sua prisão era mais uma jaula do que uma cela. Tinha barras em três dos quatro lados, e não tinha móveis – nem mesmo um colchonete. Havia duas outras celas-jaulas na sala, uma de cada lado de onde estava.

Haviam tirado a roupa dela, deixando-a apenas de roupa íntima – provavelmente para se assegurar de que não tivesse nenhum metal escondido. Contemplou a sala. Era comprida e estreita, e tinha paredes de pedra escura. Havia um banco no canto, mas, fora isso, a sala estava vazia.

*Se eu pudesse encontrar um único pedaço de metal...*

Começou a procurar. Instintivamente tentou queimar ferro, esperando que linhas azuis aparecessem – mas, é claro, não tinha ferro para queimar. Balançou a cabeça, mas a tentativa tola era simplesmente um sinal do quanto dependia da alomancia. Sentia-se... ofuscada. Não podia queimar estanho para ouvir vozes. Não podia queimar peltre para se fortalecer contra a dor no braço e na cabeça. Não podia queimar bronze para procurar alomânticos nas redondezas.

Nada. Não tinha nada.

*Você funcionava sem alomancia antes*, disse para si mesma, com severidade. *Pode fazer isso agora.*

Ainda assim, procurou pelo chão de sua cela, esperando encontrar um prego ou alfinete perdido. Não encontrou nada, então voltou sua atenção para as barras. Mas não conseguiu pensar em um jeito de arrancar nem que fosse uma lasca de ferro.

*Tanto metal aqui*, pensou, frustrada. *E não posso usar nada disso!*

Sentou-se no chão, encolhida contra a parede de pedra, tremendo de leve por causa da roupa úmida. Ainda estava escuro lá fora; as janelas da sala de vez em quando permitiam que alguns rastros de bruma entrassem. O que teria acontecido com a rebelião? E quanto a seus amigos? Achou que as brumas lá fora estavam um pouco mais brilhantes do que o normal. Tochas na noite? Sem estanho, seus sentidos eram fracos demais para dizer.

*No que eu estava pensando?*, pensou, com desespero. *Presumi que teria sucesso onde Kelsier falhou? Ele sabia que o décimo primeiro metal era inútil.*

Tinha feito alguma coisa, era verdade – mas certamente não matara o Senhor Soberano. Ficou sentada, pensando, tentando descobrir o que acontecera. Havia uma estranha familiaridade no que o décimo primeiro metal lhe mostrara. Não por causa do jeito que as visões apareceram, mas por causa do jeito que Vin se sentira quando queimara o metal.

*Ouro. O momento em que queimei o décimo primeiro metal pareceu com a vez em que Kelsier me fez queimar ouro.*

Poderia o décimo primeiro metal não ser realmente “décimo primeiro”, no final das contas? Ouro e atium sempre pareceram um par estranho para Vin. Todos os outros metais que vinham em pares eram similares – um metal de base, e sua liga, cada um fazendo coisas opostas. Ferro puxava, aço empurrava. Zinco puxava, latão empurrava. Fazia sentido. Todos, exceto atium e ouro.

E se o décimo primeiro metal fosse, na verdade, uma liga de atium ou de ouro? *Isso quer dizer... que ouro e atium não são pareados. Fazem coisas diferentes. Similares, mas diferentes. São*

como...

Como os outros metais, que são agrupados em bases maiores de quatro. Há os metais físicos: ferro, aço, estanho e peltre. E os metais mentais: bronze, cobre, zinco e latão. E... havia os metais que afetavam o tempo: ouro e sua liga, atium e sua liga.

*Isso significa que há outro metal. Um que não foi descoberto – provavelmente porque ouro e atium são valiosos demais para serem forjados em diferentes ligas.*

Mas, para que servia aquele conhecimento? Seu “décimo primeiro metal” era apenas o par oposto ao ouro – o metal que Kelsier lhe dissera que era o mais inútil de todos eles. Ouro mostrara a Vin ela mesma – ou, pelo menos, uma versão diferente dela que parecia real o bastante para tocar. Mas tinha sido uma simples visão do que ela poderia ter se tornado, se tivesse tido um passado diferente.

O décimo primeiro metal fizera algo similar: em vez de mostrar o passado da própria Vin, mostrara imagens similares de outras pessoas. E aquilo lhe dizia... nada. Que diferença fazia quem o Senhor Soberano *podia* ter sido? Era o homem atual, o tirano que governava o Império Final, que era quem tinha que derrotar.

Uma figura apareceu na porta – um Inquisidor vestindo uma túnica negra, com o capuz levantado. O rosto dele estava nas sombras, mas a cabeça dos pregos se sobressaía.

– É hora – disse.

O outro Inquisidor esperou à porta, enquanto a primeira criatura pegava um molho de chaves e se aproximava para abrir a porta de Vin.

Vin ficou tensa. A porta rangeu, e ela ficou de pé em um salto, lançando-se para frente.

*Sempre fui lenta assim sem peltre?*, pensou, horrorizada. O Inquisidor a agarrou pelo braço quando ela passou, seus movimentos eram despreocupados, quase casuais – e ela podia ver o porquê. As mãos dele eram sobrenaturalmente rápidas, fazendo-a parecer ainda mais lenta em comparação.

O Inquisidor a obrigou a se virar, segurando-a com facilidade. Sorriu com maldade, seu rosto marcado de cicatrizes. Cicatrizes que pareciam...

*Ferimentos de flechas*, Vin pensou, surpresa. *Mas... já se curaram? Como pode ser?*

Debateu-se, mas seu corpo fraco, sem peltre, não era páreo para a força do Inquisidor. A criatura a conduziu porta afora, e o segundo Inquisidor recuou, olhando-a com os pregos se sobressaindo de seu capuz. Embora o Inquisidor que a levava ainda sorrisse, o segundo sustentou uma linha reta na boca.

Vin cuspiu no segundo Inquisidor quando passou por ele, acertando-o bem na cabeça de um dos pregos. Seu captor a carregou para fora da câmara e através de um corredor estreito. Ela gritou por ajuda, sabendo que seu grito – dentro de Kredik Shaw – seriam inúteis. Pelo menos conseguiu irritar o Inquisidor, que torceu seu braço.

– Quieta – ele disse, enquanto ela grunhia de dor.

Vin ficou em silêncio, concentrando-se na localização deles. Estavam, provavelmente, em uma das seções inferiores do palácio, os corredores eram compridos demais para estarem em uma torre ou um espigão. A decoração era luxuosa, mas as salas pareciam... sem uso. Os carpetes eram prístinos, os móveis não tinham marcas de esbarrões ou arranhões. Teve a sensação de que os murais raramente eram vistos, mesmo por aqueles que passavam pelos aposentos.

Depois de um tempo, chegaram a uma escadaria e começaram a subir. *Um dos espigões*, ela pensou.

A cada degrau que subiam, Vin sentia o Senhor Soberano mais próximo. Sua mera presença apagava as emoções dela, roubando sua força de vontade, deixando-a aturdida, fazendo com que

não sentisse nada além de uma solitária depressão. Soltou-se na mão do Inquisidor, sem se debater mais. Exigia toda energia simplesmente resistir à pressão do Senhor Soberano sobre sua alma.

Depois de um curto tempo subindo uma escadaria em forma de túnel, os Inquisidores a levaram até uma ampla sala circular. E, apesar do poder do *abrandamento* do Senhor Soberano, apesar de suas visitas às fortalezas dos nobres, Vin teve um breve instante para contemplar os arredores. O ambiente era majestoso como nenhum outro lugar que vira.

A sala tinha a forma de um enorme cilindro achatado. A parede – havia uma só, que descrevia um amplo círculo – era toda de vidro. Iluminada por fogos do lado de fora, a sala brilhava com a luz espectral. O vidro era colorido, embora não representasse nenhuma cena específica. Em vez disso, parecia feito de uma única lâmina, as cores se estendendo e se fundindo em trilhas longas e finas. Como...

*Como a bruma*, ela pensou, assombrada. *Fluxos coloridos de bruma, correndo em círculo por toda a sala.*

O Senhor Soberano estava sentado em um trono elevado, bem no meio da sala. Não era o velho Senhor Soberano – essa era a versão mais jovem, o homem bonito que matara Kelsier.

*Algun tipo de impostor? Não, posso senti-lo – assim como pude senti-lo antes. Eles são o mesmo homem. Ele pode mudar de aparência, então? Parecer um homem jovem quando quer mostrar um rosto bonito?*

Um pequeno grupo de obrigadores de túnicas cinzentas e olhos tatuados conversava do outro lado da sala. Sete Inquisidores esperavam, como uma linha de sombras com olhos de ferro. No total, eram nove, contando com os dois que escoltavam Vin. Seu captor marcado de cicatrizes a entregou para um dos outros, que a segurou com força similar, o que tornava impossível escapar.

– Começemos com isso – o Senhor Soberano disse.

Um obrigador comum se adiantou, abaixando a cabeça. Com um calafrio, Vin percebeu que o reconhecia.

*Sumo Prelado Tevidian*, pensou, olhando para o homem careca. *Meu... pai.*

– Meu senhor – Tevidian falou –, me perdoe, mas não entendo. Já discutimos esse assunto!

– Os Inquisidores dizem que há mais a acrescentar – o Senhor Soberano disse, com voz cansada.

Tevidian olhou para Vin, franzindo o cenho, confuso. *Ele não sabe quem eu sou*, ela pensou. *Nunca soube que era pai.*

– Meu senhor – Tevidian falou, afastando-se dela. – Olhe pela sua janela! Não temos coisas melhores para discutir? *A cidade inteira está rebelada!* Tochas skaa iluminam a noite, e eles ousam sair nas brumas. Blasfemam em meio ao tumulto, e atacam as fortalezas dos nobres!

– Deixe-os – o Senhor Soberano falou, com voz indiferente. Parecia tão... esgotado. Sentava-se com altivez em seu trono, mas ainda havia cansaço em sua postura e em sua voz.

– Mas, meu senhor! – Tevidian disse. – As Grandes Casas estão caindo!

O Senhor Soberano agitou a mão, indiferente.

– É bom purgá-las a cada século, mais ou menos. Isso engendra instabilidade, impede que a aristocracia fique confiante demais. Normalmente deixo que se matem uns aos outros em suas guerras estúpidas, mas esses tumultos vão funcionar do mesmo jeito.

– E... se os skaa vierem ao palácio?

– Então eu lidarei com eles – o Senhor Soberano falou em voz baixa. – Você não questionará mais isso.

– Sim, meu senhor – Tevidian disse, abaixando a cabeça e recuando.

– Agora – o Senhor Soberano falou, virando-se para os Inquisidores. – O que desejam apresentar?

O Inquisidor marcado por cicatrizes deu um passo adiante.

– Senhor Soberano, desejamos fazer uma petição para que a liderança de seu Ministério seja tirada desses... homens, e dada aos Inquisidores de Aço, em vez disso.

– Já discutimos isso – o Senhor Soberano lembrou. – Você e seus irmãos são necessários para tarefas mais importantes. São valiosos demais para serem desperdiçados na simples administração.

– Mas – o Inquisidor disse – permitir que homens comuns governem seu Ministério tem inadvertidamente permitido que a corrupção e o vício entrem no coração de seu próprio palácio sagrado!

– Acusações vãs! – Tevidian replicou. – Você diz essas coisas com frequência, Kar, mas nunca ofereceu nenhuma prova.

Kar se virou lentamente, seu estranho sorriso iluminado pela luz colorida e retorcida da parede de vidro. Vin estremeceu. Aquele sorriso era quase tão inquietante quanto o poder aplacador do Senhor Soberano.

– Prova? – Kar perguntou. – Ora, diga-me, *Sumo Prelado*. Reconhece esta garota?

– Bah, é claro que não! – Tevidian disse com um aceno de mão. – O que uma garota skaa teria a ver com o governo do Ministério?

– Tudo – Kar respondeu, voltando-se para Vin. – Ah, sim... tudo. Diga ao Senhor Soberano quem é seu pai, criança.

Vin tentou se debater, mas a alomancia do Senhor Soberano era muito opressiva, e as mãos do Inquisidor, fortes demais.

– Não sei – consegui dizer, entredentes.

O Senhor Soberano ergueu levemente o corpo, virando-se na direção dela e inclinando-se para frente.

– Não pode mentir para o Senhor Soberano, criança – Kar disse com voz baixa e áspera. – Ele vive há séculos, e aprendeu a usar a alomancia como nenhum homem mortal. Pode ver coisas no jeito que seu coração bate, e pode ler suas emoções em seus olhos. Pode sentir o momento em que mente. Ele sabe... ah, sim. Ele sabe.

– Nunca conheci meu pai – Vin disse, teimosa. Se o Inquisidor queria saber algo, então, manter o segredo parecia uma boa ideia. – Sou apenas uma garota de rua.

– Uma Nascida das Brumas garota de rua? – Kar perguntou. – Ora, isso é interessante, não é, Tevidian?

O Sumo Prelado se deteve, franzindo o cenho profundamente. O Senhor Soberano se levantou lentamente, descendo os degraus do dossel e caminhando na direção de Vin.

– Sim, meu senhor – Kar falou. – Você sentiu a alomancia dela mais cedo. Sabe que é uma Nascida das Brumas completa... uma incrivelmente poderosa. Mesmo assim, ela afirma ter crescido nas ruas. Que casa nobre teria abandonado tal criança? Ora, para ela ter uma força dessas, deve vir de uma linhagem extremamente pura. Ao menos *um*... de seus pais deve ter vindo de uma linhagem muito pura.

– O que está querendo dizer? – Tevidian exigiu saber, empalidecendo.

O Senhor Soberano ignorou a ambos. Cruzou a sala, atravessando faixas coloridas de luz refletida no chão, e parou diante de Vin.

*Tão perto*, ela pensou. Seu poder *arbrandador* era tão forte que ela sequer sentia terror – tudo o que sentia era um profundo, arrasador, *horrível* lamento.

O Senhor Soberano estendeu suas mãos delicadas, segurando-a pelas bochechas, erguendo seu rosto para olhá-la nos olhos.

– Quem é seu pai, garota? – ele perguntou em voz baixa.

– Eu... – o desespero retorcia dentro dela. Lamento, dor, desejo de morrer.

O Senhor Soberano segurou o rosto dela bem perto do dele, olhando-a nos olhos. Naquele momento, ela soube a verdade. Pôde ver um pedaço dele; pôde sentir seu poder. Seu... poder divino.

Ele não estava preocupado com a rebelião skaa. Por que se preocuparia? Se desejasse, podia massacrar cada pessoa da cidade por conta própria. Vin soube que essa era a verdade. Talvez levasse tempo, mas ele podia matar para sempre, incansavelmente. Não precisava temer nenhuma rebelião.

Não precisaria nunca. Kelsier cometera um terrível, terrível engano.

– Seu pai, criança – o Senhor Soberano insistiu, sua exigência caiu como um peso físico sobre sua alma.

Vin falou sem pensar.

– Meu... irmão me disse que meu pai era aquele homem ali. O Sumo Prelado. – Lágrimas rolaram por suas bochechas, ainda que, depois que o Senhor Soberano se afastou dela, não conseguisse nem lembrar por que estava chorando.

– É uma mentira, meu senhor! – Tevidian disse, retrocedendo. – O que ela sabe? É apenas uma criança estúpida.

– Diga-me com sinceridade, Tevidian – o Senhor Soberano disse, caminhando lentamente até o obrigador. – Já se deitou com uma mulher skaa?

O obrigador vacilou.

– Eu segui a lei! Sempre mandei matá-las depois!

– Você... mente – o Senhor Soberano falou, como se estivesse surpreso. – Está inseguro.

Tevidian tremia visivelmente.

– Eu... eu acho que eliminei todas, meu senhor. Havia... havia uma com a qual fui muito frouxo. Não sabia que era uma skaa no início. O soldado que enviei para matá-la foi muito leniente e a deixou fugir. Mas, no final, eu a encontrei.

– Diga-me – o Senhor Soberano disse. – Essa mulher gerou alguma criança?

A sala ficou em silêncio.

– Sim, meu senhor – o Sumo Prelado disse.

O Senhor Soberano fechou os olhos, suspirando. Virou-se na direção de seu trono.

– Ele é de vocês – disse para os Inquisidores.

Imediatamente, seis Inquisidores avançaram pela sala, uivando de alegria, puxando facas de obsidiana de bainhas sob suas túnicas. Tevidian ergueu os braços, gritando quando os Inquisidores caíram sobre ele, exultando com brutalidade. O sangue jorrou quando cravaram suas adagas uma e outra vez no moribundo. Os outros obrigadores recuaram, horrorizados.

Kar permaneceu à margem, sorrindo enquanto contemplava o massacre, assim como o Inquisidor que segurava Vin. Outro Inquisidor também permaneceu de fora, embora Vin não soubesse por quê.

– Seu argumento foi provado, Kar – o Senhor Soberano falou, sentando-se, cansado, em seu trono. – Parece que confiei demais na... obediência da humanidade. Não cometi nenhum erro. Nunca cometi um erro. Contudo, é hora de mudar. Reúna os altos prelados e traga-os aqui; arranjem-nos da cama, se precisar. Serão testemunhas de que garanto ao Cantão da Inquisição o comando e a autoridade sobre o Ministério.

O sorriso de Kar aumentou.

– A criança mestiça será destruída.

– É claro, meu senhor – Kar assegurou. – Embora... haja algumas perguntas que desejo fazer para ela, antes. Ela foi parte de uma equipe de brumosos skaa. Pode nos ajudar a localizar os outros...

– Muito bem – o Senhor Soberano concordou. – É seu dever, no final das contas.

*Há algo mais belo que o sol? Frequentemente eu o vejo nascer, pois meu sono inquieto em geral me desperta antes do amanhecer.*

*Cada vez que vejo sua tranqüila luz amarela assomar no horizonte, fico um pouco mais determinado, um pouco mais esperançoso. De certo modo, é o que tem me mantido em marcha todo esse tempo.*

---

## 37

---

*Kelsier, seu maldito lunático, Dockson pensou, fazendo anotações sobre o mapa, por que sempre se manda no meio, me deixando para arrumar suas bagunças?* Mas sabia que sua frustração não era real – era simplesmente um meio de não se concentrar na morte de Kell. Funcionava.

A parte de Kelsier no plano – a visão, a liderança carismática – havia terminado. Agora era a vez de Dockson. Pegou a estratégia original de Kelsier e a modificou. Teve o cuidado de manter o caos em um nível administrável, racionando o melhor equipamento para os homens que pareciam mais estáveis. Mandou contingentes para capturar pontos de interesse – depósitos de comida e água – antes que os saques generalizados os tomassem.

Em resumo, fez o que sempre fez: tornar os sonhos de Kelsier realidade.

Ouviu um distúrbio na frente do aposento e Dockson levantou a cabeça quando o mensageiro entrou correndo. O homem imediatamente o localizou no centro do armazém.

– Quais são as notícias? – Dockson perguntou, enquanto o homem se aproximava.

O mensageiro balançou a cabeça. Era um jovem em uniforme imperial, embora tivesse tirado o casaco para chamar menos a atenção.

– Sinto muito, senhor – o homem disse em voz baixa. – Nenhum dos guardas a viu sair e... bem, um deles afirmou que a viu sendo levada para o calabouço do palácio.



– Pode tirá-la de lá? – Dockson perguntou.

O soldado – Goradel – empalideceu. Até pouco tempo atrás, Goradel fora um dos homens do próprio Senhor Soberano. Na verdade, Dockson não tinha muita certeza de quanto confiava nele. Mesmo assim, o soldado – como ex-guarda do palácio – podia entrar em lugares que nenhum outro skaa poderia. Seus antigos aliados não sabiam que ele mudara de lado.

*Presumindo que realmente mudou de lado*, Dockson pensou. Mas... bem, as coisas estavam indo rápido demais agora para ter dúvidas. Dockson decidira usar o homem. Tinha que confiar em seus instintos iniciais.

– Bem? – Dockson repetiu.

Goradel negou com a cabeça.

– Um Inquisidor a levou presa, senhor. Eu não poderia libertá-la... eu não teria a autoridade. Eu não... eu...

Dockson suspirou. *Maldita garota estúpida!*, pensou. *Devia ter tido mais senso do perigo. Kelsier deve tê-la contagiado.*

Mandou o soldado embora, e olhou para Hammond, que entrava com uma grande espada de punho quebrado no ombro.

– Está feito – Ham disse. – A Fortaleza Elariel acaba de cair. Parece que Lekal ainda aguenta, no entanto.

Dockson assentiu.

– Precisaremos que seus homens cheguem logo no palácio. – *Quanto antes entrarmos lá, melhores são nossas chances de salvar Vin.* Contudo, seus instintos lhe diziam que seria tarde demais para salvá-la. As forças principais levariam horas para se reunir e se organizar; queria atacar o palácio com todo o exército em conjunto. A verdade era que não podia se dar ao luxo de desperdiçar homens em uma operação de resgate no momento. Kelsier provavelmente teria ido atrás dela, mas Dockson não podia se permitir fazer algo tão ousado.

Como sempre dizia – *alguém* na gangue tinha que ser realista. O palácio não era um lugar que pudesse ser atacado sem uma preparação substancial; o fracasso de Vin provava isso. Ela teria que cuidar de si mesma por enquanto.

– Estarei com os homens a postos – Ham falou, assentindo enquanto jogava a espada de lado. – Precisarei de uma espada nova, no entanto.

Dockson suspirou.

– Vocês, Brutamontes, sempre quebrando coisas. Vá lá ver o que encontra, então.

Ham se afastou.

– Se encontrar Sazed – Dockson gritou –, diga-lhe que...

Dockson se deteve, sua atenção fora atraída para um grupo de rebeldes skaa que marchava para dentro da sala, empurrando um prisioneiro com um saco de pano na cabeça.

– O que é isso? – Dockson exigiu saber.

Um dos rebeldes deu uma cotovelada no prisioneiro.

– Acho que é alguém importante, senhor. Veio até nós desarmado, pedindo para ser trazido até você. Nos prometeu ouro se fizessemos isso.

Dockson ergueu uma sobrancelha. O homem puxou o saco, revelando Elend Venture.

Dockson pestanejou, surpreso.

– Você?

Elend olhou ao redor. Estava apreensivo, é óbvio, mas se comportou bem, considerando a situação.

– Já nos conhecemos?

– Não exatamente. – Dockson disse. *Maldição. Não tenho tempo para prisioneiros agora.*

Mesmo assim, o filho dos Venture... Dockson ia precisar de influência com a poderosa nobreza quando a luta terminasse.

– Vim oferecer uma trégua – Elend Venture disse.

– Como é? – Dockson perguntou.

– A Casa Venture não resistirá – Elend disse. – E provavelmente posso convencer o resto da nobreza a escutá-los também. Estão assustados... não há necessidade de massacrá-los.

Dockson bufou.

– Não posso exatamente deixar forças hostis armadas na cidade.

– Se destruir a nobreza, não aguentará muito tempo – Elend ponderou. – Nós controlamos a economia... o império desmoronará sem nós.

– Isso é meio que o ponto central disso tudo – Dockson respondeu. – Olhe, não tenho tempo...

– *Tem* que me escutar – Elend Venture disse desesperado. – Se começar essa rebelião com caos e banho de sangue, vai perder. Estudei essas coisas; sei do que estou falando! Quando o impulso do conflito inicial acabar, as pessoas vão começar a procurar outras coisas para destruir. Vão se voltar contra elas mesmas. *Precisa manter o controle sobre seus exércitos.*

Dockson se deteve. Elend Venture era, supostamente, um tolo e um janota, mas agora parecia simplesmente... sério.

– Eu o ajudarei – Elend prosseguiu. – Deixe as fortalezas dos nobres em paz e concentre seus esforços no Ministério e no Senhor Soberano... eles são seus reais inimigos.

– Olhe – Dockson falou –, retirarei nossos exércitos da Fortaleza Venture. Provavelmente não há necessidade de lutar contra eles agora que...

– Mande meus soldados para a Fortaleza Lelak – Elend contou. – Retire seus homens de todas as fortalezas nobres. Não vão atacá-los pelos flancos... estão apenas escondidos em suas mansões, e preocupados.

*Provavelmente ele está certo sobre isso.*

– Vamos considerar... – Dockson se calou, percebendo que Elend não estava mais prestando atenção nele. *Difícil manter uma conversa com esse tipo.*

Elend estava encarando Hammond, que voltava com uma espada nova. Elend franziu o cenho e arregalou os olhos.

– Conheço você! Você era um dos homens resgatando os criados de Lorde Renoux que iam ser executados!

Elend se voltou novamente para Dockson, repentinamente ansioso.

– Conhecem Valette, então? Ela lhes dirá que me ouçam.

Dockson e Ham trocaram olhares.

– O que foi? – Elend perguntou.

– Vin... – Dockson falou. – Valette... foi até o palácio há algumas horas. Sinto muito, rapaz. Provavelmente está no calabouço do Senhor Soberano neste momento... presumindo que ainda esteja viva.

Kar jogou Vin de volta na cela. Ela atingiu o chão com força e rolou, a camiseta solta se enrolou ao redor de seu corpo, até que bateu com a cabeça contra a parede do fundo.

O Inquisidor sorriu, fechando a porta.

– Muito obrigado – disse, através das barras. – Você nos ajudou a conseguir algo que estávamos tentando há muito tempo.

Vin olhou para ele, os efeitos do *abrandamento* do Senhor Soberano estavam mais fracos, agora.

– É uma infelicidade que Bendal não esteja aqui – Kar prosseguiu. – Ele caçou seu irmão por anos, jurando que Tevidian havia gerado um mestiço skaa. Pobre Bendal... Se o Senhor Soberano tivesse deixado o Sobrevivente conosco para que pudéssemos nos vingar.

Olhou para ela, balançando a cabeça perfurada pelos pregos.

– Ah, bem. Ele foi vingado, no fim. O resto de nós acreditou no seu irmão, mas Bendal... mesmo assim não estava convencido... e encontrou você afinal.

– Meu irmão? – Vin disse, lutando para ficar em pé. – Ele me vendeu?

– Vender você? – Kar disse. – Ele morreu jurando para nós que você tinha morrido de fome há anos! Gritou noite e dia sob as mãos dos torturadores do Ministério. É muito difícil resistir às dores da tortura de um Inquisidor... algo que você logo descobrirá. – Sorriu. – Mas, primeiro, deixe-me mostrar uma coisa.

Um grupo de guardas arrastou uma figura nua e amarrada. Cheio de hematomas e sangrando, o homem despencou no chão de pedras quando o empurraram para dentro da cela ao lado da de Vin.

– Sazed? – Vin gritou, correndo até as grades.

O terrisano caiu, aturdido, enquanto os soldados amarravam suas mãos e pés em uma pequena argola de metal presa ao chão. Fora tão espancado que mal estava consciente, e estava completamente nu. Vin afastou o olhar para não ver sua nudez, mas não sem antes ver o espaço entre suas pernas – uma cicatriz simples e vazia onde sua masculinidade deveria ter estado.

*Todos os mordomos terrisanos são eunucos*, ele lhe dissera. Aquele ferimento não era novo – mas os hematomas, cortes e arranhões eram.

– Nós o encontramos se esgueirando no palácio atrás de você – Kar disse. – Aparentemente, temia por sua segurança.

– O que fizeram com ele? – ela perguntou em voz baixa.

– Ah, muito pouco... até agora – Kar respondeu. – Agora, você deve estar se perguntando por que lhe contei sobre seu irmão. Talvez ache que sou um tolo em admitir que a mente de seu irmão se quebrou antes que arrancássemos o segredo dele. Mas, veja, não sou tão tolo para não admitir um erro. Devíamos ter controlado a tortura do seu irmão... fazê-lo sofrer por mais tempo. Esse realmente foi um erro.

Sorriu perversamente, apontando para Sazed.

– Não cometeremos esse erro de novo, criança. Não... desta vez vamos tentar uma tática diferente. Vamos deixá-la ver a tortura ao terrisano. Seremos muito cuidadosos, nos assegurando de que a dor dele seja duradoura e vibrante. Quando você nos disser o que queremos saber, paramos.

Vin estremeceu de horror.

– Não... por favor...

– Ah, sim – Kar falou. – Por que não fica um tempo pensando sobre o que vamos fazer com ele? O Senhor Soberano exigiu a minha presença... preciso ir para receber a liderança formal do Ministério. Começaremos quando eu voltar.

Deu meia-volta, a túnica negra rodopiando no chão. Os guardas o seguiram, provavelmente para se posicionarem na câmara do lado de fora do aposento.

– Ah, Sazed – Vin disse, enfiando os joelhos entre as grades da cela.

– E agora, senhora – Sazed disse, com voz surpreendentemente lúcida. – O que me diz sobre correr por aí em roupas íntimas? Ora, se Mestre Dockson estivesse aqui, certamente a repreenderia.

Vin levantou a cabeça, surpresa. Sazed estava sorrindo para ela.

– Sazed! – falou rapidamente, olhando para a saída através da qual os guardas haviam

partido. – Está acordado?

– Muito acordado – ele disse. Sua voz calma e forte era um contraste marcante com seu corpo machucado.

– Sinto muito, Sazed – ela falou. – Por que me seguiu? Devia ter ficado para trás e me deixado fazer coisas estúpidas sozinha!

Ele virou uma cabeça ferida na direção dela, com um olho inchado, o outro encarando-a nos olhos.

– Senhora – disse, solenemente –, jurei a Mestre Kelsier que a manteria em segurança. O voto de um terrasano não é feito em vão.

– Mas... devia saber que seria capturado – ela disse, abaixando a cabeça de vergonha.

– É claro que eu sabia, senhora – ele confessou. – Ora, de que outro jeito ia conseguir que me trouxessem até você?

Vin levantou a cabeça.

– Trazê-lo... até mim?

– Sim, senhora. Há uma coisa que o Ministério e meu próprio povo têm em comum, creio. Ambos subestimam as coisas que podemos conseguir.

Fechou os olhos. E, então, seu corpo mudou. Pareceu... desinflar, os músculos ficando fracos e magros, a carne pendendo flácida em seus ossos.

– Sazed! – Vin exclamou, apertando-se contra a grade, tentando alcançá-lo.

– Está tudo bem, senhora – ele disse, com voz aterrorantemente fraca. – Só preciso de um momento para... reunir minha força.

*Reunir minha força.* Vin se deteve, abaixando a mão, observando Sazed por alguns minutos. *Poderia ser...*

Parecia tão fraco – como se sua força, seus próprios músculos estivessem sendo drenados. E talvez... armazenados em algum lugar?

Os olhos de Sazed se abriram de repente. Seu corpo retornou ao normal; então seus músculos continuaram a crescer, tornando-se grandes e poderosos, ficando ainda maiores do que os de Ham.

Sazed sorriu para ela com uma cabeça sobre um pescoço musculoso e carnudo; então rompeu facilmente as amarras. Levantou-se, um homem imenso, inumanamente musculoso – tão diferente do erudito magro e silencioso que ela conhecia.

*O Senhor Soberano falou da força deles em seu diário de viagem, ela pensou, assombrada. Disse que o homem Rashek ergueu uma pedra e a jogou para longe do caminho.*

– Mas, tiraram todas as suas joias! – Vin comentou. – Onde escondeu seu metal?

Sazed sorriu, agarrando as grades que separavam as duas celas.

– Tive a ideia com você, senhora. Eu o engoli. – Com isso, arrancou as grades.

Ela correu até a jaula dele, abraçando-o.

– Obrigada.

– É claro – ele disse, afastando-a gentilmente e batendo com uma mão imensa contra a porta de sua cela, quebrando o cadeado, fazendo a jaula se abrir.

– Rápido, agora, senhora – Sazed disse. – Precisamos colocá-la em segurança.

Os dois guardas que haviam jogado Sazed na cela apareceram na porta um segundo depois. Ficaram paralisados, encarando a imensa besta que estava em pé no lugar do homem fraco que haviam espancado.

Sazed deu um salto, segurando uma das grades da jaula de Vin. Sua feruquemia, no entanto, obviamente lhe dera apenas força, não velocidade. Avançou com passo desengonçado, e os guardas começaram a correr, gritando por socorro.

– Vamos, senhora – Sazed disse, jogando a barra de lado. – Minha força não vai durar muito... o metal que engoli não era grande o bastante para conter muita carga feruquêmica.

Enquanto ele falava, já começava a encolher. Vin se adiantou, saindo do aposento. A câmara dos guardas era pequena, com apenas duas cadeiras. Sob uma delas, no entanto, ela encontrou uma capa enrolada de um dos guardas do turno da noite. Vin a recolheu e a entregou para Sazed.

– Obrigado, senhora – ele disse.

Ela assentiu, seguindo até a porta e espreitando. A grande sala do outro lado estava vazia e dois corredores afluíam dela – um para a direita, e um que se perdia na distância à sua frente. A parede à esquerda estava recoberta com troncos de madeira, e o centro do aposento tinha uma grande mesa. Vin estremeceu ao ver o sangue seco e o conjunto de instrumentos afiados colocados em fila ao lado da mesa.

*Aqui é onde nós dois acabaremos se não nos apressarmos*, ela pensou, indicando para Sazed seguir em frente.

Deteve-se quando um grupo de soldados apareceu no final do corredor, liderado por um dos guardas de antes. Vin praguejou baixinho – teria ouvido com antecedência se tivesse estanho.

Olhou para trás. Sazed estava mancando pela câmara da guarda. Sua força feruquêmica se fora, e os soldados obviamente o espancaram seriamente antes de jogá-lo na cela. Mal podia andar.

– Vá, senhora! – ele disse, acenando para ela. – Fuja!

*Ainda tem muito o que aprender sobre amizade, Vin*, a voz de Kelsier sussurrou em sua mente. *Espero que algum dia perceba quais são...*

*Não posso deixá-lo. Não vou deixá-lo.*

Vin avançou na direção dos soldados. Brandiu um par de facas de tortura da mesa, o aço brilhante e polido cintilando entre seus dedos. Saltou em cima da mesa e se lançou contra os soldados que chegavam.

Não tinha alomancia, mas voou do mesmo jeito, seus meses de prática a ajudaram, apesar da falta dos metais. Cravou uma faca no pescoço de um soldado surpreso ao cair. Acertou o chão com mais força do que esperava, mas conseguiu desviar de um segundo soldado, que praguejou e a golpeou.

A espada se chocou contra a pedra atrás dela. Vin rodopiou, esfaqueando outro soldado nas coxas. O homem recuou de dor.

*São tantos*, ela pensou. Havia pelo menos duas dúzias deles. Tentou saltar sobre um terceiro soldado, mas outro homem brandiu seu bastão, acertando-o nas costelas de Vin.

Ela gemeu de dor, soltando a faca enquanto perdia o equilíbrio. Nenhum peltre a reforçou contra a queda, e ela acertou as pedras duras com um estalido, rolando até parar, aturdida, perto da parede.

Lutou, sem sucesso, para ficar em pé. Ao lado dela, mal viu Sazed despencar enquanto o corpo dele ficava fraco de repente. Estava tentando armazenar força novamente. Não teria tempo suficiente. Os soldados logo estariam sobre ele.

*Pelo menos eu tentei*, ela pensou, enquanto ouvia outro grupo de soldados atacando pelo corredor à direita. *Pelo menos, não o abandonei. Acho... acho que era o que Kelsier queria dizer.*

– Valette! – uma voz familiar exclamou.

Vin levantou a cabeça enquanto Elend e seis soldados irromperam pela sala. Elend usava roupa de nobre, um pouco mal ajustada, e carregava um bastão de duelo.

– Elend? – Vin perguntou, aturdida.

– Você está bem? – ele disse, preocupado, avançando na direção dela. Então notou os soldados do Ministério. Pareciam um pouco confusos por serem confrontados por um nobre, mas ainda estavam em número superior.

– Vou levar a garota comigo! – Elend disse. Suas palavras eram corajosas, mas obviamente não era nenhum soldado, e não usava armadura. Cinco dos homens que estavam com ele usavam o vermelho Venture; homens da fortaleza de Elend. Um, no entanto – aquele que estava à frente quando chegaram ao aposento – usava o uniforme da guarda do palácio. Vin percebeu que o reconhecia vagamente. O casaco do uniforme estava sem o símbolo no ombro. *O homem de antes*, pensou, estupefata. *Aquele que convenci a mudar de lado...*

O líder dos soldados do Ministério aparentemente tinha tomado uma decisão. Fez um gesto cortante, ignorando a ordem de Elend, e os soldados começaram a rodear o aposento, movendo-se para cercar o grupo recém-chegado.

– Valette, precisa ir! – Elend disse, com urgência, erguendo o bastão de duelo.

– Venha, senhora – Sazed disse, chegando ao seu lado, ajudando-a a ficar em pé.

– Não posso abandoná-los! – Vin falou.

– Mas precisamos.

– Mas você veio por mim. Temos que fazer o mesmo por Elend!

Sazed negou com a cabeça.

– Aquilo foi diferente, criança. Eu sabia que tinha uma chance de salvá-la. Não pode ajudar aqui... há beleza na compaixão, mas é importante ter sensatez também.

Ela deixou que ele a ajudasse a ficar em pé. Os soldados de Elend avançaram, obedientes, para bloquear os soldados do Ministério. Elend estava parado na frente, obviamente determinado a lutar.

*Tem que haver outro jeito!*, Vin pensou, desesperada. *Tem que haver...*

Então viu, esquecida em um dos baús que estavam perto da parede, uma tira familiar de tecido cinza, uma única faixa, pendurada na lateral do baú.

Ela se afastou de Sazed, enquanto os soldados do Ministério atacavam. Elend gritou atrás dela, e armas ressoaram.

Vin tirou as peças de roupa – sua calça e camisa – de dentro do baú. E ali, no fundo, estava sua capa de bruma. Fechou os olhos e procurou no bolso lateral da capa.

Seus dedos encontraram um único frasco de vidro, a tampa ainda no lugar.

Pegou o frasco, dando meia-volta, em direção à batalha. Os soldados do Ministério haviam recuado um pouco. Dois de seus membros estavam no chão, feridos – mas três dos homens de Elend também estavam caídos. O tamanho reduzido do lugar, por sorte, impedira que o grupo de Elend fosse rodeado no princípio.

Elend estava suando, com um corte no braço, o bastão de duelo quebrado. Agarrou a espada de um homem no chão, segurando a arma com mãos inexperientes, encarando uma força muito maior.

– Eu estava errado sobre aquele ali, senhora – Sazed disse com suavidade. – Eu... peço desculpas.

Vin sorriu. Então abriu a tampa do frasco e tragou os metais em um único gole.

Mananciais de poder explodiram dentro dela. Fogos arderam, metais ressoaram, e a força retornou para seu corpo cansado e debilitado como um sol nascente. As dores se tornaram insignificantes, a tontura desapareceu, a sala se tornou mais brilhante, as pedras mais *reais* sob seus pés.

Os soldados atacaram novamente, e Elend ergueu a espada com postura determinada, mas sem esperança. Pareceu completamente surpreso quando Vin voou sobre sua cabeça.

Ela aterrissou no meio dos soldados, mandando-os para longe com um *empurrão* de aço. Os soldados em cada lado dela se chocaram contra as paredes. Um homem brandiu um bastão, e ela o afastou com mão desdenhosa, então esmagou o punho no rosto dele, fazendo a cabeça do homem rodar para trás com um estalo.

Pegou o bastão enquanto caía, girando-o e acertando a cabeça do soldado que atacava Elend. O bastão se quebrou, e ela o deixou cair com o cadáver. Os soldados de trás começaram a gritar, dando meia-volta e fugindo, enquanto ela *empurrava* mais dois grupos de homens contra as paredes. O último soldado que sobrou se virou, surpreso, enquanto Vin *puxava* seu elmo para ela. *Empurrou-o* de volta, esmagando-o no peito do homem e ancorando-se por trás. O soldado voou pelo corredor, na direção dos companheiros que fugiam, colidindo contra eles.

Vin soltou a respiração de excitação, parada com músculos tensos entre os homens que gemiam. *Posso... ver agora como Kelsier se viciou nisso.*

– Valette? – Elend perguntou, estupefato.

Vin saltou, envolvendo-o em um alegre abraço, apertando-o com força e enterrando o rosto no ombro dele.

– Você voltou – ela sussurrou. – Você voltou, você voltou, você voltou...

– Humm, sim. E... vejo que é uma Nascida das Brumas. Isso é muito interessante. Sabe, em geral, é um gesto de cortesia contar aos amigos coisas como essa.

– Sinto muito – ela murmurou, ainda abraçada a ele.

– Bem, sim – ele disse, parecendo distraído. – Humm, Valette? O que aconteceu com suas roupas?

– Estão ali no chão – ela disse, levantando os olhos para ele. – Elend, como me encontrou?

– Seu amigo, um tal de Mestre Dockson, me disse que era prisioneira no palácio. E, bem, acontece que este gentil cavalheiro aqui – capitão Goradel, creio que este seja seu nome – era um soldado do palácio, e sabia o caminho até aqui. Com a ajuda dele – e como nobre de certa posição –, consegui entrar no edifício sem muitos problemas, e então ouvimos os gritos no corredor... E, humm, sim. Valette? Você se incomodaria de vestir suas roupas? Isso... me distrai um pouco.

Ela sorriu para ele.

– Você me encontrou.

– Por todo o bem que isso fez – ele disse, ironicamente. – Não parece que precisava muito da nossa ajuda...

– Não importa – ela disse. – Você voltou. Ninguém nunca voltou antes.

Elend olhou para ela, franzindo o cenho levemente.

Sazed se aproximou, trazendo as roupas e a capa de Vin.

– Senhora, precisamos ir.

Elend assentiu.

– Não é seguro em nenhuma parte da cidade. Os skaa estão se rebelando! – Deteve-se, olhando para ela. – Mas, humm, você provavelmente já sabe.

Vin assentiu, soltando-o por fim.

– Eu ajudei a começar isso. Mas está certo sobre o perigo. Vá com Sazed... ele é conhecido de muitos líderes rebeldes. Não o machucarão enquanto ele responder por você.

Elend e Sazed franziram os cenhos, enquanto Vin vestia a calça. No bolso, encontrou o brinco de sua mãe. Colocou-o na orelha.

– Ir com Sazed? – Elend perguntou. – E quanto a você?

Vin vestiu a camisa. Então levantou a cabeça... sentindo, através da pedra, sentindo-o lá em cima. Ele estava lá. Muito poderoso. Agora, tendo-o encarado diretamente, tinha certeza de sua

força. A rebelião skaa estava condenada enquanto ele vivesse.

– Tenho outra tarefa, Elend – ela disse, pegando a capa de brumas das mãos de Sazed.

– Acha que pode derrotá-lo, senhora? – Sazed perguntou.

– Tenho que tentar – ela disse. – O décimo primeiro metal funcionou, Saze. Eu vi... alguma coisa. Kelsier estava convencido que revelaria seu segredo.

– Mas... o Senhor Soberano, senhora...

– Kelsier morreu para iniciar esta rebelião – Vin disse com firmeza. – Tenho que ver o que acontece. Essa é a *minha* parte, Sazed. Kelsier não sabia, mas eu sei. Tenho que deter o Senhor Soberano.

– O Senhor Soberano? – Elend perguntou, surpreso. – Não, Valette. Ele é imortal!

Vin estendeu os braços, segurando a cabeça de Elend e puxando-a para baixo para que ele a beijasse.

– Elend, sua família entrega o atium ao Senhor Soberano. Sabe onde ele o guarda?

– Sim – ele disse, confuso. – Guarda as contas em um edifício do tesouro, a leste daqui.

Mas...

– *Tem* que se apoderar daquele atium, Elend. O novo governo vai precisar daquela riqueza e poder, se não quiser ser conquistado pelo primeiro nobre que conseguir erguer um exército.

– Não, Valette – Elend disse, negando com a cabeça. – Tenho que colocá-la em segurança.

Vin sorriu para ele, então se virou para Sazed. O terrisano assentiu para ela.

– Não vai me dizer para não ir? – ela perguntou.

– Não – ele disse em voz baixa. – Temo que esteja certa, senhora. Se o Senhor Soberano não for derrotado... bem, não a impedirei. Desejarei, no entanto, boa sorte. Virei ajudá-la assim que o jovem Venture estiver a salvo.

Vin assentiu, sorriu para o apreensivo Elend, então olhou para cima. Na direção da força sombria que a aguardava, pulsando com depressão cansada.

Queimou cobre, afastando o *abrandamento* do Senhor Soberano.

– Valette... – Elend disse em voz baixa.

Ela se virou para ele.

– Não se preocupe – falou. – Acho que sei como matá-lo.



*Muitos são os meus temores enquanto escrevo com a caneta incrustada de gelo na véspera do renascer do mundo. Rashek me observa. Ele me odeia. A caverna se encontra diante de mim. Pulsando. Meus dedos tremem. Não de frio.*

*Amanhã, estará terminado.*

---

## 38

---

Vin se *empurrou* pelos ares sobre Kredik Shaw. As torres e os pináculos se erguiam ao seu redor, como escamas sombrias de algum monstro fantasmagórico à espreita lá embaixo. Escuros, retos e ameaçadores, por alguma razão a fizeram pensar em Kelsier, morto na rua, com uma lança com ponta de obsidiana saindo de seu peito.

As brumas giravam e se contorciam enquanto ela as atravessava. Ainda eram densas, mas o estanho lhe permitia ver um leve brilho no horizonte. A manhã estava próxima.

Embaixo dela, uma luz maior se acumulava. Vin se agarrou a um pináculo fino, deixando que o impulso a fizesse rodopiar no metal escorregadio, tendo uma visão completa da área. Milhares de tochas ardiam na noite, misturando-se e mesclando-se como insetos luminosos. Estavam organizadas em grandes ondas, convergindo para o palácio.

*A guarda do palácio não terá chances contra uma força dessas, ela pensou. Mas, ao entrar lutando no palácio, o exército skaa selará sua ruína.*

Virou-se para o lado, o pináculo úmido por causa das brumas estava frio sob seus dedos. Da última vez que saltara pelos pináculos de Kredik Shaw, estava sangrando e semiconsciente. Sazed chegara para salvá-la, mas ele não poderia ajudá-la desta vez.

Não muito longe dali, pôde ver a torre do trono. Não era difícil de localizar; um anel de fogueiras ardentes iluminava seu exterior, uma única janela de vidro pintado do lado de dentro. Podia senti-lo lá dentro. Esperou por um momento, na esperança, talvez, de conseguir atacar

depois que os Inquisidores saíssem da sala.

*Kelsier acreditava que o décimo primeiro metal era a chave*, ela pensou.

Ela tinha uma ideia. Poderia funcionar. Tinha que funcionar.

\*\*\*

– A partir deste momento – o Senhor Soberano proclamou em voz alta –, concedo ao Cantão da Inquisição o domínio organizacional do Ministério. Consultas que antes eram endereçadas a Tevidian devem agora se dirigir para Kar.

A sala do trono ficou em silêncio, o grupo de obrigadores de alto escalão aturdido pelos acontecimentos da noite. O Senhor Soberano agitou a mão, indicando que a reunião estava encerrada.

*Finalmente!*, Kar pensou. Levantou a cabeça, os olhos de pregos pulsavam, como sempre, causando-lhe dor – mas, nesta noite era a dor da alegria. Os Inquisidores esperavam há dois séculos, planejando cuidadosamente, animando sutilmente a corrupção e a dissensão entre os obrigadores comuns. E, finalmente, funcionara. Os Inquisidores já não se curvavam aos ditados de homens inferiores.

Virou-se e sorriu para o grupo de sacerdotes do Ministério, sabendo muito bem o desconforto que o olhar de um Inquisidor podia causar. Já não podia ver, não como via antes, mas lhe fora dado algo melhor. Um controle da alomancia tão sutil, tão detalhado, que podia distinguir o mundo ao seu redor com surpreendente precisão.

Quase tudo tinha metal – água, pedra, vidro... até mesmo corpos humanos. Esses metais eram muito difusos para serem afetados pela alomancia – mesmo assim, a maioria dos alomânticos sequer podia senti-los.

Com os olhos de um Inquisidor, no entanto, Kar podia ver as linhas de ferro dessas coisas – os fios azuis eram finos, quase invisíveis, mas desenhavam o mundo para ele. Os obrigadores diante dele eram uma massa fervente de azuis, suas emoções – desconforto, raiva e medo – eram mostradas em suas posturas. Desconforto, raiva e medo... tão doces, os três. O sorriso de Kar aumentou, apesar de sua fadiga.

Estava desperto há muito tempo. Viver como Inquisidor esgotava seu corpo, e tinha que descansar com frequência. Seus irmãos saíam da sala, a caminho de seus aposentos, intencionalmente localizados perto da sala do trono. Dormiriam imediatamente; com as execuções mais cedo naquele dia, e a excitação da noite, estariam extremamente cansados.

Kar, no entanto, ficou para trás, enquanto tanto Inquisidores quanto obrigadores partiam. Logo, restavam apenas ele e o Senhor Soberano, parados em uma sala iluminada por imensos braseiros. As fogueiras externas se apagaram lentamente, extintas pelos criados, deixando a paisagem negra no vidro.

– Finalmente tem o que quer – o Senhor Soberano disse tranquilamente. – Talvez agora eu possa ter paz nesta questão.

– Sim, Senhor Soberano – Kar disse, inclinando-se. – Creio que...

Um som estranho estalou no ar – um ruído seco e suave. Kar levantou a cabeça, o cenho franzido, enquanto um pequeno disco de metal repicou no chão, até se deter perto de seu pé. Ele recolheu a moeda, então olhou a enorme janela, notando o buraquinho por onde ela entrara.

*O quê?*

Dúzias de moedas entraram pela janela, enchendo-a de buracos. Estalidos metálicos e

estalares de vidro ressoaram no ar. Kar recuou, surpreso.

Toda a seção sul da janela se espatifou, estilhaçando do lado de dentro, o vidro enfraquecera pelas moedas até o ponto de romper.

Fragmentos de vidro colorido rodopiaram no ar, espalhando-se diante de uma pequena figura vestida em uma tremulante capa de brumas e carregando um par de reluzentes adagas negras. A garota aterrissou agachada, deslizando um pouco sobre os cacos de vidro, as brumas ondulando pela abertura atrás dela. As brumas avançaram, atraídas pela alomancia, rodopiando ao redor do corpo da garota. Ela ficou agachada por um momento, como se fosse um arauto da própria noite.

Então se levantou, correndo na direção do Senhor Soberano.

Vin queimou o décimo primeiro metal. O eu-passado do Senhor Soberano apareceu como fizera antes, como se tivesse surgido das brumas, para ficar parado no tablado, ao lado do trono.

Vin ignorou o Inquisidor. A criatura, felizmente, reagiu devagar – ela estava na metade dos degraus do tablado antes que ele a perseguisse. O Senhor Soberano, no entanto, ficou parado em silêncio, apenas observando-a com expressão de interesse.

*Duas lanças no peito nem o incomodaram*, Vin pensou enquanto saltava a distância que a separava do alto do tablado. *Não tem nada a temer das minhas adagas*.

E era por isso que não pretendia atacá-lo com elas. Em vez disso, ergueu suas armas e as apontou diretamente na direção do coração do eu-passado.

As adagas o acertaram – e passaram pelo homem, como se ele não estivesse ali. Vin cambaleou para frente, passando pela imagem, quase caindo do tablado.

Girou, atacando a imagem de novo. Mais uma vez, as adagas passaram sem causar danos. Nem mesmo uma ondulação ou distorção.

*Minha imagem de ouro*, ela pensou, frustrada. *Fui capaz de tocá-la. Por que não consigo tocar esta?*

Obviamente não funcionava do mesmo jeito. A sombra ainda estava parada, completamente alheia aos ataques dela. Vin pensara que, talvez, se matasse a versão passada do Senhor Soberano, sua forma atual morreria também. Infelizmente, o eu-passado parecia ser tão insubstancial quanto uma sombra de atium.

Ela falhara.

Kar se chocou contra ela, agarrando-a pelos ombros com sua poderosa força de Inquisidor, o impulso levando-a para fora do tablado. Ambos rolaram pelos degraus.

Vin gemeu, avivando peltre. *Não sou a mesma garota sem poderes que fez prisioneira há pouco*, Kar, pensou com determinação, chutando-o quando atingiram o chão atrás do trono.

O Inquisidor grunhiu, o chute dela arremessando-o no ar, fazendo-o soltar seus ombros. Sua capa de brumas ficou entre as mãos dele, mas ela se levantou e escapou.

– *Inquisidores!* – o Senhor Soberano gritou, ficando em pé. – *Venham até mim!*

Vin gemeu quando a voz poderosa fez seus ouvidos amplificados pelo estanho doerem.

*Tenho que sair daqui*, ela pensou, cambaleando. *Precisarei descobrir uma forma diferente de matá-lo...*

Kar a agarrou novamente por trás. Desta vez colocou seus braços completamente ao redor dela, e apertou. Vin gritou de dor, avivando seu peltre, *empurrando* para trás, mas Kar a obrigou a ficar de joelhos. Agarrou-a com destreza pelo pescoço com uma mão enquanto prendia os braços dela nas costas com a outra. Ela lutava ferozmente, debatendo-se e contorcendo-se, mas ele a segurava com muita força. Vin tentou derrubar ambos com um súbito *empurrão* de aço

contra um trinco de porta, mas a âncora era muito fraca, e Kar apenas tropeçou. Ele manteve sua presa.

O Senhor Soberano gargalhava enquanto se sentava em seu trono.

– Terá pouco êxito contra Kar, criança. Ele era um soldado, há muitos anos. Sabe como segurar uma pessoa de modo que não consiga escapar, não importa quão forte seja.

Vin continuou a lutar, arfando para respirar. As palavras do Senhor Soberano se mostraram verdadeiras, no entanto. Ia acertá-lo com uma cabeçada, mas ele estava preparado. Ela podia ouvi-lo junto ao seu ouvido, sua respiração rápida quase... apaixonada enquanto a asfixiava. No reflexo da janela, viu que a porta de trás se abria. Outro Inquisidor entrou na sala, seus pregos brilhando no reflexo distorcido, sua túnica escura se agitando.

*É isso*, ela pensou, em um momento surreal, contemplando as brumas que entravam pela janela quebrada arrastando-se pelo chão. Estranhamente, não se enrolaram ao redor dela como normalmente faziam – como se algo as estivesse afastando. Para Vin, pareceu o testamento final de sua derrota.

*Sinto muito, Kelsier. Fracassei com você.*

O segundo Inquisidor se colocou atrás de seu companheiro. Então estendeu a mão e agarrou algo nas costas de Kar. Ouviu-se o som de algo rasgando.

Vin caiu imediatamente no chão, arfando em busca de ar. Rolou, recuperando-se rapidamente graças ao peltre.

Kar estava sobre ela, oscilando. Então despencou flacidamente de lado, esparramando-se no chão. O segundo Inquisidor ficou parado, segurando o que parecia ser um grande prego de metal – exatamente como os que os Inquisidores tinham nos olhos.

Vin olhou para o corpo imóvel de Kar. A parte de trás de sua túnica estava rasgada, expondo um buraco que sangrava bem entre as omoplatas. Um buraco grande o bastante para um prego de metal. O rosto marcado por cicatrizes de Kar estava pálido. Sem vida.

*Outro prego!*, Vin pensou, assombrada. *O outro Inquisidor arrancou das costas de Kar, e ele morreu. Esse é o segredo!*

– O quê? – o Senhor Soberano gritou, levantando-se, o súbito movimento atirou seu trono para trás. A cadeira de pedra caiu pelos degraus, lascando e quebrando o mármore.

– Traição! De um dos meus!

O novo Inquisidor disparou na direção do Senhor Soberano. Enquanto corria, seu capuz caiu para trás, dando a Vin uma visão de sua cabeça careca. Havia algo familiar no rosto do recém-chegado, apesar das cabeças de prego saindo na frente de seu crânio – e as macabras pontas de prego saindo pelas costas. Apesar da cabeça careca e das roupas incomuns, o homem se parecia um pouco com Kelsier.

*Não*, ela percebeu. *Não com Kelsier.*

*Marsh!*

Marsh subiu os degraus de dois em dois, movendo-se com a velocidade sobrenatural de um Inquisidor. Vin lutou para ficar em pé, recuperando-se dos efeitos de sua quase asfixia. A surpresa, no entanto, era mais difícil de dissipar. Marsh estava vivo.

Marsh era um Inquisidor.

*Os Inquisidores não o estavam investigando porque suspeitavam dele. Pretendiam recrutá-lo!* E, agora, parecia que ele pretendia lutar com o Senhor Soberano. *Tenho que ajudá-lo! Talvez... talvez ele conheça o segredo de como matar o Senhor Soberano. Ele descobriu como matar os Inquisidores, afinal!*

Marsh chegou ao alto do tablado.

– Inquisidores! – O Senhor Soberano gritou. – Venham...

O Senhor Soberano se deteve, percebendo que algo tinha sido colocado do lado de fora da porta. Um pequeno grupo de pregos de aço, como aquele que Marsh arrancara das costas de Kar, empilhados no chão. Parecia haver sete deles.

Marsh sorriu, a expressão pareceu assustadoramente com um dos sorrisos maliciosos de Kelsier. Vin chegou ao pé do tablado e se *empurrou* com uma moeda, lançando-se até o alto da plataforma.

O horrível poder absoluto da fúria do Senhor Soberano a atingiu no meio do caminho. A depressão, a asfixia cheia de raiva de sua alma, atravessou o cobre, acertando-a como uma força física. Ela avivou o cobre, engasgando de leve, mas não pôde afastar completamente o Senhor Soberano de suas emoções.

Marsh tropeçou levemente, e o Senhor Soberano deu-lhe um bofetão muito parecido com o que matara Kelsier. Felizmente, Marsh se recuperou a tempo de se esquivar. Rodopiou ao redor do Senhor Soberano, estendendo a mão para agarrar as costas da túnica negra do imperador. Puxou-a, arrancando-a pela costura.

Marsh ficou paralisado, seus olhos com pregos lhe conferiam uma expressão ilegível. O Senhor Soberano deu meia-volta, acertando o cotovelo no estômago de Marsh, lançando o Inquisidor para o outro lado da sala. Quando o Senhor Soberano se virou, Vin pôde ver o que Marsh vira.

Nada. Costas normais, embora musculosas. Ao contrário dos Inquisidores, o Senhor Soberano não tinha um prego atravessando sua espinha.

Ah, *Marsh...* Vin pensou, abatida. Fora uma ideia inteligente, muito mais do que a tola tentativa de Vin com o décimo primeiro metal – mas se provara igualmente inútil.

Marsh finalmente atingiu o chão, sua cabeça batendo com força, deslizando até atingir a parede. Ele ficou deitado contra a imensa janela, imóvel.

– Marsh! – ela gritou, saltando e *empurrando-se* na direção dele. Mas enquanto ela voava, o Senhor Soberano ergueu a mão distraidamente.

Vin sentiu um poderoso... *alguma coisa* se chocando contra ela. Era como um *empurrão* de aço contra os metais em seu estômago – mas é claro que não podia ser. Kelsier lhe garantira que nenhum alomântico podia afetar os metais que estivessem dentro do corpo de alguém.

Mas também dissera que nenhum alomântico podia afetar emoções de uma pessoa que estivesse queimando cobre.

As moedas descartadas dispararam para longe do Senhor Soberano, espalhando-se pelo chão. As portas se soltaram de suas dobradiças, rompendo-se e afastando-se da sala. Incrivelmente, até pedaços de vidro colorido tremeram e se afastaram do tablado.

E Vin foi jogada de lado, com os metais em seu estômago ameaçando sair de seu corpo. Chocou-se contra o chão, quase inconsciente. Ficou deitada, aturdida, tonta, confusa, capaz de pensar em apenas uma coisa.

*Quanto poder...*

As moedas soaram quando o Senhor Soberano saiu de seu tablado. Movia-se em silêncio, despojando-se de sua túnica rasgada e camisa, ficando nu da cintura para cima, exceto pelas joias que cintilavam em seus dedos e punhos. Vários braceletes finos, Vin notou, perfuravam a pele de seus antebraços.

*Esperto*, ela pensou, lutando para ficar em pé. *Leva-os presos para impedir que empurrem ou puxem dele.*

O Senhor Soberano balançou a cabeça, pesaroso, seus passos abriram trilhas nas brumas

frias que entravam pela janela quebrada. Parecia tão forte, o torso musculoso, o rosto bonito. Vin podia sentir o poder da alomancia dele quebrando suas emoções mal protegidas pelo cobre.

– O que pensou, criança? – o Senhor Soberano perguntou em voz baixa. – Em me derrotar? Sou algum Inquisidor comum, meus poderes são meras fabricações?

Vin avivou peltre. Virou-se e começou a correr – pretendendo agarrar o corpo de Marsh e atravessar o vidro do outro lado da sala.

Mas, então, *ele* estava ali, movendo-se com uma velocidade que fazia a fúria dos tornados parecer preguiçosa. Nem mesmo com o peltre totalmente avivado Vin poderia ganhar dele. Quase parecia indiferente quando a alcançou, agarrando-a pelo ombro e jogando-a para trás.

Ele a arremessou como se ela fosse uma boneca, jogando-a contra uma das enormes colunas da sala. Vin buscava desesperadamente por uma âncora, mas ele expulsara todo o metal da sala. Exceto...

Ela puxou um dos braceletes do Senhor Soberano, um dos que não perfurava a pele dele. No mesmo instante ele ergueu o braço, esquivando de seu *puxão*, fazendo-a girar desajeitadamente no ar. Acertou-a com outro de seus poderosos *empurrões*, lançando-a de costas. Os metais em seu estômago se retorceram, o vidro estremeceu e o brinco de sua mãe saiu de sua orelha.

Ela tentou girar e acertá-lo com os pés, mas se chocou contra a coluna de pedra a uma velocidade terrível, e o peltre falhou. Ouviu um estalo espantoso e uma punhalada de dor percorreu sua perna direita.

Caiu no chão. Não tinha vontade de olhar, mas a agonia de seu torso lhe dizia que sua perna estava embaixo do corpo, dobrada em um ângulo improvável.

O Senhor Soberano balançou a cabeça. Não, Vin percebeu, ele não se preocupava em usar joias. Considerando as habilidades e força dele, um homem teria sido tolo – assim como Vin fora – se tentasse usar as joias do Senhor Soberano como âncora. Isso só permitira que ele controlasse os saltos dela.

Ele avançou, os pés amassando os cacos de vidro.

– Acha que é a primeira vez que alguém tenta me matar, criança? Sobrevivi a incêndios e decapitações. Fui apunhalado e cortado, amassado e desmembrado. Até fui esfolado uma vez, quase no princípio.

Ele se voltou para Marsh, balançando a cabeça. Estranhamente, a primeira impressão que Vin tivera do Senhor Soberano retornou. Ele parecia... cansado. Exausto, até. Não seu corpo – ainda era musculoso. Era apenas seu... ar. Ela tentou ficar em pé, usando a coluna de pedra para se apoiar.

– Sou Deus – ele disse.

*Tão diferente do homem humilde do diário de viagem.*

– Deus não pode ser morto – ele disse. – Deus não pode ser derrubado. Sua rebelião... acha que não vi outras como essa antes? Acha que nunca destruí exércitos inteiros por conta própria? O que é necessário para que parem de questionar? Por quantos séculos tenho que provar o que sou para que vocês, skaa *idiotas*, vejam a verdade? Quantos homens tenho que matar?

Vin gritou quando girou a perna para o lado errado. Avivou peltre, mas as lágrimas vieram aos seus olhos mesmo assim. Estava ficando sem metais. Seu peltre logo acabaria, e ela não tinha como permanecer consciente sem ele. Apoiou-se na coluna, a alomancia do Senhor Soberano a pressionava. A dor em sua perna latejava.

*Ele é forte demais, ela pensou, com desespero. Está certo. É Deus. No que estávamos pensando?*

– Como ousa? – o Senhor Soberano perguntou, agarrando o corpo flácido de Marsh com sua

mão cheia de joias. Marsh gemeu levemente, tentando levantar a cabeça.

– Como ousa? – o Senhor Soberano exigiu saber mais uma vez. – Depois de tudo o que lhes dei? Eu os fiz superiores aos homens normais! Eu os tornei dominantes!

Vin ergueu a cabeça. Através da névoa de dor e desespero, algo disparou uma lembrança dentro dela.

*Ela fica dizendo... ele fica dizendo que seu povo devia ser dominante...*

Buscou em seu interior, sentindo a última reserva do décimo primeiro metal. Queimou-o, olhando através de olhos cheios de lágrimas enquanto o Senhor Soberano levantava Marsh com uma mão.

O eu-passado do Senhor Soberano apareceu perto dele. Um homem com capa de peles e botas pesadas, um homem com barba e músculos fortes. Não um aristocrata ou um tirano. Não um herói, nem mesmo um guerreiro. Um homem vestido para a vida fria das montanhas. Um pastor.

Ou, talvez, um carregador.

– Rashek – Vin sussurrou.

O Senhor Soberano se virou ao ouvir a declaração dela.

– Rashek – Vin falou novamente. – Esse é seu nome, não é? Você não é o homem que escreveu o diário de viagem. Não é o herói que foi enviado para proteger o povo... você é o criado dele. O carregador que o odiava.

Ela se deteve por um momento.

– Você... você o matou – ela sussurrou. – Foi o que aconteceu naquela noite! É por isso que o diário para tão repentinamente! Você matou o herói e tomou o lugar dele. Foi até a caverna no lugar dele, e reclamou o poder para si mesmo. Mas... em vez de salvar o mundo, você assumiu o controle.

– Você não sabe de nada! – ele gritou, ainda segurando o corpo flácido de Marsh com uma mão. – Não sabe de nada disso!

– Você o odiava – Vin prosseguiu. – Achava que um terrisano devia ser o herói. Não podia encarar o fato de que ele – um homem de um povo que oprimia o seu – estava cumprindo suas próprias lendas.

O Senhor Soberano levantou uma mão, e Vin de repente sentiu um peso impossível pressionando-a. A alomancia, *empurrando* os metais em seu estômago, ameaçava esmagá-la contra a coluna. Ela gritou, avivando seu último resto de peltre, lutando para permanecer consciente. As brumas se enrolaram nela, rastejando pela janela quebrada, através do chão.

Do lado de fora, pela janela quebrada, ela podia ouvir alguma coisa ressoando fracamente no ar. Pareciam... pareciam gritos. Gritos de alegria, milhares em coro. Era quase como se estivessem torcendo por ela.

*O que importa?*, ela pensou. *Sei o segredo do Senhor Soberano, mas o que isso me diz? Que ele era um carregador? Um criado? Um terrisano?*

*Um feruquemista.*

Ela olhou aturdida, e novamente viu o par de braceletes brilhando nos antebraços do Senhor Soberano. Braceletes feitos de metal, braceletes que perfuravam a pele dele em alguns pontos. Então... não podiam ser afetados pela alomancia. Por que isso? Ele supostamente usava metais como sinal de bravata. Não estava preocupado que alguém os *empurrasse* ou *puxasse*.

Ou era o que ele afirmava. Mas e se todos os outros metais que usava – os brincos, os braceletes, a moda que a nobreza imitava – fossem mera distração?

Uma distração para impedir que alguém notasse aquele único par de braceletes que se enroscava ao redor de seus antebraços. *Poderia ser realmente tão fácil?*, ela pensou, enquanto o

peso do Senhor Soberano ameaçava esmagá-la.

Seu peltre estava quase acabado. Mal podia pensar. Mesmo assim, queimou ferro. O Senhor Soberano podia penetrar em nuvens de cobre. Ela também. Eram iguais, de certo modo. Se ele podia afetar metais dentro do corpo de uma pessoa, talvez ela também pudesse.

Avivou o ferro. Linhas azuis apareceram, apontando para os anéis e braceletes do Senhor Soberano – todos eles, exceto os dois em seus antebraços, perfuravam sua pele.

Vin queimou ferro, concentrando-se, *empurrando* o máximo que podia. Manteve o peltre avivado, lutando para não ser esmagada e, de algum modo, soube que não estava mais respirando. A força *empurrando* contra ela era forte demais. Não conseguia fazer o peito subir e descer.

As brumas rodopiavam ao seu redor, dançando por causa da alomancia. Ela estava morrendo. Sabia disso. Já não podia sentir a dor. Estava sendo esmagada. Sufocada.

Recorreu às brumas.

Duas linhas novas apareceram. Ela gritou, *puxando* com uma força que jamais conhecera antes. Avivou seu ferro mais e mais, o *empurrão* do próprio Senhor Soberano lhe deu o apoio de que precisava para *puxar* os braceletes dele. Raiva, desespero e agonia se misturavam dentro dela, e o *puxão* se tornou seu único objetivo.

O peltre dela acabou.

*Ele matou Kelsier!*

Os braceletes se soltaram. O Senhor Soberano gritou de dor, um som fraco e distante aos ouvidos dela. O peso repentinamente a soltou, e ela caiu no chão, arfando, a vista nublada. Os braceletes ensanguentados acertaram o chão, livres do controle de Vin, e deslizaram pelo mármore até pararem diante dela. Ela levantou a cabeça, usando estanho para clarear a visão.

O Senhor Soberano estava em pé no mesmo lugar, os olhos arregalados de terror, os braços ensanguentados. Derrubou Marsh no chão, correndo na direção dela e dos braceletes arrancados. Contudo, com suas últimas forças – já sem peltre –, Vin os *empurrou*, lançando-os para além do Senhor Soberano. Ele deu meia-volta, horrorizado, observando os braceletes voarem pela janela quebrada.

Na distância, o sol irrompeu no horizonte. Os braceletes despencaram diante da luz vermelha, cintilando por um momento antes de caírem na cidade.

– *Não!* – o Senhor Soberano gritou, andando até a janela.

Seus músculos ficaram flácidos, desinflando como acontecera com Sazed. Virou-se para Vin, zangado, mas seu rosto já não era mais o de um jovem. Tinha meia-idade, com traços maduros.

Ele deu um passo na direção da janela. Seu cabelo ficou grisalho, e rugas se formaram ao redor de seus olhos como finas teias.

Seu passo seguinte foi vacilante. Começou a tremer sob o peso da velhice, as costas encurvadas, a pele flácida, o cabelo escasso.

Então, despencou no chão.

Vin se deitou de costas, a mente nublada pela dor. Ficou ali por... um tempo. Não conseguia pensar.

– Senhora! – uma voz disse. E, então, Sazed estava ao lado dela, sua testa molhada de suor. Derramou algo em sua garganta, e ela engoliu.

Seu corpo soube o que fazer. Instintivamente avivou peltre, reforçando-se. Avivou estanho, e o súbito aumento de sensibilidade a despertou. Tossiu, olhando para o rosto preocupado de Sazed.



– Cuidado, senhora – ele disse, examinando a perna dela. – O osso está fraturado, embora pareça que em apenas um lugar.

– Marsh – ela disse, exausta. – Vá ver Marsh.

– Marsh? – Sazed perguntou. Então viu o Inquisidor que se mexia levemente no solo.

– Pelos Deuses Esquecidos! – Sazed disse, indo para o lado do homem.

Marsh gemeu, sentando-se. Esfregou o estômago com um braço.

– O que... é aquilo...?

Vin olhou para a forma esbranquiçada no chão não muito longe dali.

– É ele. O Senhor Soberano. Está morto.

Sazed franziu o cenho, curioso, e se levantou. Usava uma túnica marrom, e trouxera uma simples lança de madeira consigo. Vin balançou a cabeça ao ver uma arma tão lamentável para enfrentar a criatura que quase matara Marsh e ela.

*É claro. De certo modo, éramos todos igualmente inúteis. Nós devíamos estar mortos, não o Senhor Soberano.*

*Arranquei os braceletes dele. Por quê? Por que posso fazer as coisas que ele podia fazer?*

*Por que sou diferente?*

– Senhora... – Sazed falou lentamente. – Ele não está morto, creio. Ele... ainda está vivo.

– O quê? – Vin perguntou, franzindo o cenho. Mal podia pensar naquele momento. Mais tarde haveria tempo para resolver suas dúvidas.

Sazed estava certo – a figura idosa não estava morta. Na verdade, estava se movendo de maneira lamentável pelo chão, arrastando-se na direção da janela quebrada por onde seus braceletes haviam sido jogados.

Marsh ficou em pé, recusando as atenções de Sazed.

– Eu me curarei rapidamente. Veja a garota.

– Ajude-me a levantar – Vin falou.

– Senhora... – Sazed disse, desaprovador.

– Por favor, Sazed.

Ele suspirou, dando-lhe sua lança de madeira.

– Aqui. Apoie-se nisso.

Ela aceitou, e ele a ajudou a ficar em pé.

Vin se apoiou na lança, mancando com Marsh e Sazed na direção do Senhor Soberano. A figura rastejante alcançara o extremo da sala, olhando para a cidade através da janela estilhaçada.

Os passos de Vin quebraram cacos de vidro. As pessoas voltaram a gritar lá embaixo, embora ela não pudesse vê-las nem saber o que estavam aplaudindo.

– Ouça – Sazed disse. – Ouça, aquele que teria sido o nosso deus. Ouve os gritos? Aqueles gritos não são para você... esse povo nunca o aplaudiu. Encontraram um novo líder esta noite, um novo orgulho.

– Meus... obrigadores... – O Senhor Soberano sussurrou.

– Seus obrigadores o esquecerão – Marsh disse. – Vou garantir isso. Os outros Inquisidores foram mortos pelas minhas próprias mãos. Ainda assim, os prelados reunidos viram você transferir o poder para o Cantão da Inquisição. Sou o único Inquisidor que resta em Luthadel. *Eu* governo sua igreja agora.

– Não... – o Senhor Soberano sussurrou.

Marsh, Vin e Sazed se detiveram e contemplaram o ancião. Na luz da manhã, Vin pôde ver uma multidão parada diante de um grande pódio, erguendo as armas em sinal de respeito.

O Senhor Soberano olhou a multidão, e a compreensão final de seu fracasso o atingiu. Olhou

novamente para o grupo que o derrotara.

– Vocês não entendem – ele gemeu. – Não sabem o que faço pela humanidade. Eu *era* seu deus, mesmo que não queiram ver. Ao me matar, estarão condenando a si mesmos...

Vin olhou para Marsh e para Sazed. Lentamente, cada um deles assentiu. O Senhor Soberano começou a tossir, e pareceu envelhecer ainda mais.

Vin se apoiou em Sazed, apertando os dentes por causa da dor na perna quebrada.

– Trago uma mensagem de um amigo nosso – ela disse em voz baixa. – Ele queria que você soubesse que ele não está morto. Que não pode ser morto. Ele é a esperança.

Então ergueu a lança e a cravou bem no coração do Senhor Soberano.

*Estranhamente, em algumas ocasiões, sinto paz interior. Seria possível pensar que depois de tudo o que vi – depois de tudo o que sofri – minha alma seria um emaranhado retorcido de tensões, confusão e melancolia. Com frequência é assim.*

*Mas, então, há a paz.*

*Eu a sinto algumas vezes, como agora, olhando por sobre os penhascos congelados e as montanhas de cristal na tranquilidade da manhã, contemplando um nascer do sol tão majestoso que sei que nenhum outro jamais será páreo para ele.*

*Se há profecias, se há um Herói das Eras, então minha mente sussurra que algo deve estar dirigindo meu caminho. Alguma coisa está observando; alguma coisa se importa. Esses pacíficos sussurros me dizem uma verdade na qual desejo muito acreditar.*

*Se eu falhar, outro virá e terminará meu trabalho.*

## EPÍLOGO

– A única coisa que posso concluir, Mestre Marsh – Sazed comentou –, é que o Senhor Soberano era tanto feruquemista quanto alomântico.

Vin franziu o cenho, sentada no alto de um edifício vazio, perto de um bairro skaa. Sua perna quebrada – cuidadosamente imobilizada por Sazed – estava pendurada no telhado, balançando no ar.

Dormira a maior parte do dia – como, pelo jeito, fizera Marsh, que estava parado ao lado dela. Sazed levava a mensagem para o resto da gangue, contando para eles que Vin tinha sobrevivido. Aparentemente, não houvera nenhuma baixa entre os demais – o que deixava Vin feliz. Não retornara até eles, no entanto. Sazed lhe dissera que precisava descansar, e que estavam ocupados demais preparando o novo governo de Elend.

– Um feruquemista e um alomântico – Marsh disse, especulando. Havia se recuperado rapidamente, de fato. Embora Vin ainda tivesse hematomas, fraturas e cortes da luta, ele parecia já ter curado as costelas quebradas. Agachou-se, apoiando um braço no joelho, encarando a cidade com pregos no lugar de olhos.

*Como ele vê?*, Vin se perguntou.

– Sim, Mestre Marsh – Sazed explicou. – Veja, juventude é uma das coisas que feruquemistas podem estocar. É um processo bastante inútil... para armazenar a capacidade de se sentir e parecer um ano mais jovem, você precisa passar parte da vida se sentindo um ano mais velho. Com frequência, Guardadores usam essa habilidade como disfarce, mudando sua idade para enganar os outros e se esconder. Fora isso, no entanto, ninguém nunca viu muito uso nessa habilidade. Contudo, se um feruquemista *também* é alomântico, ele consegue queimar seus próprios estoques de metal, liberando a energia interior multiplicada por dez. A senhora Vin tentou queimar alguns de meus metais antes, mas não conseguiu acessar o poder. Contudo, se você for capaz de criar estoque feruquêmico e então queimá-lo para conseguir poder extra...

Marsh franziu o cenho.

– Não acompanho você, Sazed.

– Peço desculpas – Sazed disse. – Essa é, talvez, uma coisa difícil de entender sem formação anterior em teoria alomântica e feruquêmica. Deixe-me ver se explico melhor. Qual é a principal diferença entre a alomancia e a feruquemia?

– A alomancia tira os poderes dos metais – Marsh falou. – A feruquemia tira os poderes do próprio corpo da pessoa.

– Exatamente – Sazed concordou. – Então, o que o Senhor Soberano fazia, presumo, era *combinar* essas duas habilidades. Usava um dos atributos disponíveis apenas na feruquemia – mudar sua idade – mas o alimentava com *alomancia*. Ao queimar um depósito feruquêmico que

ele mesmo havia criado, ele de fato criava um novo metal alomântico para si... um que o tornava mais jovem quando queimava. Se meu palpite estiver certo, ele teria um suprimento ilimitado de juventude, já que estava extraindo a maior parte de seu poder do metal em vez do próprio corpo. Tudo o que precisava fazer era, ocasionalmente, passar um pouco de tempo sendo velho para conseguir estoques feruquêmicos para queimar e permanecer jovem.

– Então – Marsh falou – só queimar aqueles estoques o fazia ainda mais jovem do que era quando começou?

– Teria que colocar esse excesso de juventude dentro de outro depósito feruquêmico, creio – Sazed explicou. – Veja, a alomancia é muito espetacular; seus poderes em geral se expressam em estalidos e labaredas. O Senhor Soberano não queria toda a juventude de uma vez, então tinha que armazenar junto a si um pedaço de metal do qual pudesse extrair poder lentamente, mantendo-se jovem.

– Os braceletes?

– Sim, Mestre Marsh. No entanto, a feruquemia dá retornos decrescentes; é necessário mais do que a quantidade proporcional de força, por exemplo, para torná-lo quatro vezes mais forte que um homem comum, do que seria necessário para torná-lo simplesmente duas vezes mais forte. No caso do Senhor Soberano, isso significava que gastava mais e mais juventude para não envelhecer. Quando a senhora Vin roubou seus braceletes, ele envelheceu incrivelmente rápido porque seu corpo estava tentando regressar ao estado de velhice no qual deveria estar.

Vin ficou sentada no vento frio da tarde, contemplando a Fortaleza Venture. Resplandecia de luz; não se passara nem um dia, e Elend já se reunira com os líderes skaa e nobres, esboçando um código de leis para sua nova nação.

Vin estava em silêncio, passando os dedos por seu brinco. Encontrara-o na sala do trono, e o colocara novamente no lóbulo machucado assim que começou a sarar. Não tinha certeza de por que o mantinha. Talvez porque fosse uma ligação com Reen e com a mãe que tentara matá-la. Ou, talvez, fosse simplesmente porque a lembrava das coisas que não conseguiria fazer.

Havia muito o que aprender, ainda, sobre alomancia. Por mil anos, a nobreza simplesmente acreditou no que os Inquisidores e o Senhor Soberano lhe disseram. Que segredos haviam guardado, que metais mantinham ocultos?

– O Senhor Soberano – ela finalmente disse. – Ele... só usava um truque para ser imortal, então. Isso significa que não era realmente um deus, certo? Era apenas sortudo. Qualquer um que fosse tanto feruquemista quanto alomântico poderia ter feito o que ele fez.

– Parece que sim, senhora – Sazed concordou. – Talvez fosse por isso que temia tanto os Guardadores. Ele caçava e matava feruquemistas, pois sabia que a habilidade era hereditária... assim como a alomancia. Se as linhagens de Terris alguma vez se misturassem com as da nobreza imperial, o resultado poderia ser uma criança capaz de desafá-lo.

– Daí os programas de reprodução – Marsh comentou.

Sazed assentiu.

– Ele precisava ter certeza absoluta de que os terrisanos não teriam permissão para se misturar com o populacho, ou poderiam passar suas habilidades feruquêmicas latentes.

Marsh balançou a cabeça.

– Seu próprio povo. Fez coisas horríveis com eles só para manter o poder.

– Mas – Vin disse, franzindo o cenho –, se os poderes do Senhor Soberano vinham da mistura de feruquemia e alomancia, o que aconteceu no Poço da Ascensão? O que era o poder que o homem que escreveu o diário de viagem, quem quer que ele tenha sido, devia supostamente encontrar?

– Não sei, senhora – Sazed disse em voz baixa.

– Sua explicação não responde tudo – Vin comentou, balançando a cabeça. Não contara sobre suas próprias habilidades estranhas, mas contara o que o Senhor Soberano fizera na sala do trono. – Ele era *tão* poderoso, Sazed. Eu podia sentir a alomancia dele. Foi capaz de *empurrar* metais dentro do meu corpo! Talvez pudesse ampliar sua feruquemia queimando seus estoques, mas como conseguiu ficar tão forte na alomancia?

Sazed suspirou.

– Temo que a única pessoa que poderia ter respondido a essas perguntas morreu nesta manhã.

Vin se deteve. O Senhor Soberano guardava segredos sobre a religião de Terris que o povo de Sazed procurava há séculos.

– Sinto muito. Talvez eu não devesse tê-lo matado.

Sazed negou com a cabeça.

– Seu próprio envelhecimento o teria matado logo de qualquer maneira, senhora. O que fez foi certo. Dessa maneira, posso registrar que o Senhor Soberano foi derrotado por um dos skaa que ele oprimia.

Vin corou.

– Registrar?

– É claro. Ainda sou um Guardador, senhora. Preciso passar essas coisas: histórias, acontecimentos e verdades.

– Não vai... falar muito sobre mim, vai? – Por alguma razão, a ideia de outra pessoa contando histórias sobre ela a deixava desconfortável.

– Eu não me preocuparia tanto, senhora – Sazed disse com um sorriso. – Meus irmãos e eu estaremos muito ocupados, creio. Temos tanto a restaurar, tanto para dizer ao mundo... Duvido que detalhes sobre você precisem ser passados com muita urgência. Registrarei o que aconteceu, mas mantereí comigo por um tempo, se desejar.

– Obrigada – ela disse, assentindo.

– Aquele poder que o Senhor Soberano encontrou na caverna – Marsh comentou –, talvez fosse apenas alomancia. Você diz que não há registro de nenhum alomântico antes da Ascensão.

– É de fato uma possibilidade, Mestre Marsh – Sazed concordou. – Há muito poucas lendas sobre as origens da alomancia, e quase todas concordam que os primeiros alomânticos “apareceram com as brumas”.

Vin franziu o cenho. Sempre presumira que o título “Nascido das Brumas” era porque os alomânticos tendiam a fazer seu trabalho à noite. Nunca pensara que pudesse haver uma conexão mais forte.

*As brumas reagem a alomancia. Elas se enroscam quando um alomântico usa suas habilidades por perto. E... o que eu senti no fim? Era como se tirasse algo das brumas.*

O que quer que tenha feito, não conseguiria reproduzir jamais.

Marsh suspirou, disposto a se levantar. Estava desperto há poucas horas, mas já parecia cansado. Sua cabeça pendia levemente, como se o peso dos pregos a puxassem para baixo.

– Isso... dói, Marsh? – ela perguntou. – Os pregos, quero dizer.

Ele se deteve.

– Sim. Todos os onze... latejam. A dor reage de algum modo às minhas emoções.

– Onze? – Vin perguntou, surpresa.

Marsh assentiu.

– Dois na cabeça, oito no peito e um nas costas, para uni-los. É a única forma de matar um Inquisidor: tem que separar os pregos superiores dos inferiores. Kell fez isso por meio da decapitação, mas é mais fácil arrancando o prego central.

– Pensávamos que estava morto – Vin falou. – Quando encontramos o corpo e o sangue na estação de *abrandamento*.

Marsh assentiu.

– Eu ia mandar notícias de que tinha sobrevivido, mas eles me observaram muito de perto naquele primeiro dia. Não esperava que Kell fosse agir tão rápido.

– Nenhum de nós esperava, Mestre Marsh – Sazed disse. – Nenhum de nós esperava.

– Ele realmente conseguiu, não é? – Marsh disse, balançando a cabeça com assombro. – Aquele bastardo. Há duas coisas pelas quais nunca o perdoarei. A primeira é ter roubado meu sonho de derrubar o Império Final, e ter conseguido.

Vin se deteve.

– E a segunda?

Marsh virou as cabeças de prego na direção dela.

– Ter se matado para fazer isso.

– Posso perguntar, Mestre Marsh – Sazed falou –, de quem *era* o cadáver que a senhora Vin e Mestre Kelsier descobriram na estação de *abrandamento*?

Marsh contemplou a cidade.

– Eram vários cadáveres, na verdade. O processo para criar um novo Inquisidor é... sujo. Prefiro não falar sobre isso.

– É claro – Sazed concordou, inclinando a cabeça.

– *Você*, no entanto – Marsh falou –, poderia me contar sobre essa criatura que Kelsier usou para imitar Lorde Renoux.

– O kandra? – Sazed perguntou. – Temo que mesmo os Guardadores saibam pouco sobre eles. São parentes dos espectros das brumas... talvez até as mesmas criaturas, apenas mais velhas. Por causa de sua reputação, em geral preferem permanecer sem serem vistas... embora algumas das casas nobres os contratem em certas ocasiões.

Vin franziu o cenho.

– Então... por que Kell não fez com que esse kandra o substituísse e morresse em seu lugar?

– Ah – Sazed falou. – Veja, senhora, para um kandra interpretar alguém, ele primeiro deve devorar a carne da pessoa e absorver seus ossos. Kandras são como espectros das brumas... não têm esqueleto próprio.

Vin estremeceu.

– Ah.

– Ele está de volta, sabe – Marsh disse. – A criatura não está mais usando o corpo do meu irmão... tem outro... veio procurar por você, Vin.

– Eu? – ela perguntou.

Marsh assentiu.

– Ele disse algo sobre Kelsier ter transferido o contrato para você antes de morrer. Acredito que a besta a vê como seu mestre, agora.

Vin estremeceu. *Aquela... coisa comeu o corpo de Kelsier.*

– Não o quero por perto – ela disse. – Vou mandá-lo embora.

– Não se apresse tanto, senhora – Sazed comentou. – Kandras são criados caros... é necessário pagá-los com atium. Se Kelsier fez um contrato extenso com um, seria uma tolice desperdiçar seus serviços. Um kandra poderia provar ser um aliado muito útil nos meses que estão por vir.

Vin negou com a cabeça.

– Não me importo. Não quero essa coisa por aqui. Não depois do que ele fez.

O trio ficou em silêncio. Finalmente, Marsh se levantou, suspirando.

– Se me dão licença, preciso me apresentar na fortaleza... o novo rei quer que eu represente o Ministério nas negociações.

Vin franziu o cenho.

– Não vejo por que o Ministério precise tomar parte de alguma coisa.

– Os obrigadores ainda são muito poderosos, senhora – Sazed explicou. – E são a força burocrática mais eficiente e mais bem treinada do Império Final. Sua Majestade seria sábia em tentar trazê-los para seu lado, e reconhecer Mestre Marsh pode ajudar a conseguir isso.

Marsh deu de ombros.

– É claro, assumindo que eu estabeleça o controle sobre o Cantão da Ortodoxia, o Ministério deverá... mudar durante os próximos anos. Agirei devagar e com cuidado, mas quando terminar, os obrigadores nem perceberão o que perderam. Os outros Inquisidores poderiam representar um problema, no entanto.

Vin assentiu.

– Quantos estão fora de Luthadel?

– Não sei – Marsh disse. – Eu não fui membro da ordem por muito tempo antes de destruí-la. Contudo, o Império Final é um lugar grande. Muitos falam em vinte Inquisidores no império, mas nunca fui capaz de confirmar esse número.

Vin assentiu enquanto Marsh partia. Contudo, os Inquisidores – embora perigosos – a preocupavam menos agora que sabia o segredo deles. Estava preocupada com outra coisa.

*Não sabem o que faço pela humanidade. Eu era seu deus, mesmo que não queiram ver. Ao me matar, estarão condenando a si mesmos...*

As últimas palavras do Senhor Soberano. Naquele momento, ela pensara que ele estava se referindo ao Império Final ao falar em “pela humanidade”. Mas já não tinha tanta certeza. Havia... medo nos olhos dele quando dissera isso, não orgulho.

– Saze? – ela perguntou. – O que eram as Profundezas? A coisa que o herói do diário de viagens supostamente tinha que derrotar?

– Gostaria de saber, senhora – Sazed respondeu.

– Mas, elas não chegaram, não é?

– Aparentemente, não – Sazed falou. – As lendas concordam que, se as Profundezas não tivessem sido detidas, o mundo teria sido destruído. É claro, talvez essas histórias sejam exageradas. Talvez o perigo das “Profundezas” fosse apenas o próprio Senhor Soberano... talvez a luta do Herói fosse simplesmente de consciência. Escolher entre dominar o mundo ou deixá-lo livre.

Não pareceu certo para Vin. Havia mais. Ela se lembrava do medo nos olhos do Senhor Soberano. Do terror.

*Ele disse “faço”, não “fiz”. “O que faço pela humanidade”. Isso implica que ainda estava fazendo, o que quer que fosse.*

*Estarão condenando a si mesmos...*

Ela estremeceu no ar do anoitecer. O sol estava se pondo, tornando ainda mais fácil ver a iluminada Fortaleza Venture – escolha de Elend para quartel-general, no momento, embora pudesse se mudar para Kredik Shaw. Ele ainda não decidira.

– Deveria ir até ele, senhora – Sazed comentou. – Ele precisa ver que está bem.

Vin não respondeu imediatamente. Encarou a cidade, observando a fortaleza brilhante no céu que escurecia.

– Você esteve lá, Sazed? – ela perguntou. – Escutou o discurso dele?

– Sim, senhora – ele respondeu. – Assim que descobrimos que não havia atium naquele tesouro, Lorde Venture insistiu que devíamos buscar ajuda para você. Eu estava inclinado a



concordar com ele: nenhum de nós era guerreiro, e eu ainda estava sem meus estoques feruquêmicos.

*Nenhum atium, Vin pensou. Depois de tudo isso, não encontramos nem uma lasca. O que o Senhor Soberano fez com tudo aquilo? Ou... alguém chegou primeiro?*

– Quando Mestre Elend e eu encontramos o exército – Sazed prosseguiu –, os rebeldes estavam massacrando os soldados do palácio. Alguns deles tentavam se render, mas nossos soldados não deixavam. Era uma... cena perturbadora, senhora. Seu Elend... não gostou do que viu. Quando parou diante de um skaa, pensei que iam simplesmente matá-lo também.

Sazed se deteve, inclinando ligeiramente a cabeça.

– Mas... as coisas que ele disse, senhora... os sonhos dele de um novo governo, o jeito como condenou o banho de sangue e o caos... Bem, senhora, temo que não poderei repetir. Gostaria de ter estado com minhas mentes de metal para poder memorizar as palavras exatas.

Ele suspirou, balançando a cabeça.

– De qualquer forma, acredito que Mestre Brisa foi muito influente para ajudar a acalmar o tumulto. Uma vez que um grupo começou a ouvir Mestre Elend, os outros também o fizeram, e daí por diante... bem, é uma coisa boa que um nobre acabe sendo rei, creio. Mestre Elend dá certa legitimidade à nossa tomada de poder, e creio que teremos mais apoio por parte da nobreza e dos mercadores com ele no comando.

Vin sorriu.

– Kell estaria zangado conosco, sabe. Ele fez todo o trabalho e, no final, nós colocamos um nobre no trono.

Sazed negou com a cabeça.

– Ah, mas há algo mais importante a considerar, creio. Não colocamos apenas um nobre no trono... colocamos um *homem bom* no trono.

– Um homem bom... – Vin repetiu. – Sim. Conheço alguns desses, agora.

Vin se ajoelhou entre as brumas, no alto da Fortaleza Venture. Sua perna imobilizada dificultava os movimentos à noite, mas a maior parte do esforço que fazia era alomântico. Só tinha que ter certeza de que suas aterrissagens fossem particularmente suaves.

A noite chegara, e as brumas a cercavam. Protegendo-a, escondendo-a, dando a ela seu poder...

Elend Venture estava sentado em uma escrivaninha lá embaixo, sob a claraboia que ainda não fora consertada depois que Vin arremessara um corpo por ela. Não a notara lá em cima. Quem notaria? Quem veria uma Nascida das Brumas em seu elemento? Ela era, de certo modo, como uma das imagens de sombras criadas pelo décimo primeiro metal. Incorpórea. Algo que *poderia* ter sido.

Poderia ter sido...

Os acontecimentos do dia eram muito difíceis de entender; Vin não tentara encontrar sentido em suas emoções, que estavam uma completa bagunça. Não fora até Elend ainda. Não fora capaz.

Olhou para ele, sentado sob a luz de uma lanterna, lendo e anotando em seu caderninho. Suas reuniões mais cedo aparentemente haviam sido boas – todo mundo parecia disposto a aceitá-lo como rei. Marsh sussurrava que havia política por trás do apoio, no entanto. A nobreza via Elend como uma marionete que poderia controlar, e facções já estavam aparecendo entre a liderança skaa.

Mesmo assim, Elend finalmente tinha a oportunidade de esboçar o código de leis com o qual tanto sonhara. Podia tentar criar a nação perfeita, tentar aplicar as teorias filosóficas que estudara

por tanto tempo. Haveria percalços, e Vin suspeitava que ele teria que acabar se contentando com algo muito mais realista do que seu sonho idealista. Isso não importava, na realidade. Ele seria um bom rei.

*É claro, se comparado com o Senhor Soberano, até um monte de fuligem seria um bom rei...*

Queria ir até Elend, entrar no aposento aquecido, mas... algo a detinha. Passara por muitas reviravoltas em sua sorte, muitas tensões emocionais – tanto alomânticas quanto não alomânticas. Não tinha mais certeza do que queria; não sabia ao certo se era Vin ou Valette, ou qual delas desejava ser.

Sentia frio nas brumas, na escuridão silenciosa. As brumas lhe davam poder, a protegiam, a escondiam... mesmo quando, na realidade, não queria nenhuma das três coisas.

*Não posso fazer isso. Aquela pessoa que esteve com ele, aquela não sou eu. Aquela era uma ilusão, um sonho. Sou a criança que cresceu nas sombras, a garota que deveria estar sozinha. Não mereço isso.*

*Não o mereço.*

Estava acabado. Como ela previra, tudo estava mudando. Na verdade, nunca tinha sido uma nobre muito boa. Era hora de voltar a ser aquilo no que era boa. Uma coisa das sombras, não de festas ou bailes.

Virou-se para ir embora, ignorando as lágrimas, frustrada consigo mesma. Ela o deixou, com os ombros caídos, enquanto mancava pelo telhado metálico e desaparecia nas brumas.

Mas, então...

*Ele morreu prometendo que você havia morrido de fome há anos.*

Com todo aquele caos, quase se esquecera das palavras do Inquisidor sobre Reen. Agora, no entanto, a lembrança a deteve. As brumas passavam por ela, enrolando-se, incentivando-a.

Reen não a abandonara. Fora capturado pelos Inquisidores que procuravam por Vin, a filha legítima do inimigo deles. Eles o torturaram.

E ele morreu protegendo-a.

*Reen não me traiu. Sempre prometeu que faria isso, mas, no fim, não fez.* Estava longe de ser um irmão perfeito, mas a amara de qualquer forma.

Um sussurro no fundo de sua mente falou com a voz de Reen. *Volte.*

Antes que pudesse se convencer do contrário, mancou o mais rápido que pôde de volta para a claraboia quebrada e jogou uma moeda no chão lá embaixo.

Elend se virou, curioso, olhando para a moeda, inclinando a cabeça. Vin se deixou cair um segundo mais tarde, *empurrando-se* para deter a queda, aterrissando apenas na perna boa.

– Elend Venture – ela disse, levantando-se. – Há algo que quero lhe dizer há algum tempo. – Deteve-se, pestanejando para afastar as lágrimas. – Você lê demais. Especialmente na presença de damas.

Ele sorriu, empurrando a cadeira para trás e abraçando-a com força. Vin fechou os olhos, simplesmente sentindo o calor de seu abraço.

E percebeu que era tudo o que realmente sempre quisera.

## ARS ARCANUM

Encontre extensas anotações do autor sobre cada um dos capítulos deste livro, juntamente com algumas cenas excluídas e informações detalhadas sobre o mundo do Império Final em [www.brandonsanderson.com](http://www.brandonsanderson.com) (em inglês).

**Tabela Alomântica de referência rápida**

<b>Metal</b>	<b>Efeito</b>	<b>Título brumoso</b>
<i>Ferro</i>	<i>Puxa</i> metais próximos	Atraidores
<i>Aço</i>	<i>Empurra</i> metais próximos	Lançamoedas
	Amplia	Olho de

Estanho	sentidos	estanho
<b>Peltre</b>	Amplia habilidades físicas	Braços de Peltre, Brutamontes
<i>Zinco</i>	<i>Abranda</i> emoções	Abrandador
<i>Latão</i>	<i>Tumultua</i> emoções	Tumultuador
Cobre	Esconde Alomancia	Esfumaçador
<b>Bronze</b>	Revela Alomancia	Buscador

(Nota: Metais externos estão em itálico. Metais que empurram estão em negrito.)

## ÍNDICE ALFABÉTICO ALOMÂNTICO

Ablandador – Brumoso que pode queimar zinco.

Aço (metal de *empurrão* físico externo) – Uma pessoa queimando aço pode ver linhas azuis translúcidas apontando para fontes próximas de metal. O tamanho e o brilho da linha dependem do tamanho e da proximidade da fonte de metal. Todos os tipos de metais são mostrados, não apenas aço. O alomântico pode *empurrar* mentalmente uma dessas linhas e mandar a fonte de metal para longe de si. Um brumoso que pode queimar aço é conhecido como Lançamoedas.

Atraidor – Brumoso que pode queimar ferro.

Braços de Peltre – *ver* Brutamontes.

Bronze (metal de *empurrão* mental interno) – Uma pessoa queimando bronze pode sentir quando as pessoas próximas estão usando alomancia. Alomânticos queimando metais nas redondezas emitirão “pulsos alomântico” – algo como batidas de tambor, audíveis apenas para uma pessoa queimando bronze.

Brutamontes – Brumoso que pode queimar peltre.

Buscador – Brumoso que pode queimar bronze.

Cobre (metal de *puxão* mental interno) – Uma pessoa queimando cobre cria uma nuvem invisível, que protege quem estiver dentro dela dos sentidos de um buscador. Enquanto está dentro desta “nuvem de cobre”, um alomântico pode queimar qualquer metal que desejar, sem se preocupar que alguém queimando bronze venha a sentir seus pulsos Alomânticos. Como efeito colateral, uma pessoa queimando cobre é imune a qualquer forma de Alomancia emocional (*abrandar* ou *tumultuar*).

Esfumaçador – Brumoso que pode queimar cobre.

Estanho (metal de *puxão* físico interno) – Uma pessoa queimando estanho consegue amplificar seus sentidos. Pode ver mais longe, sentir melhor os odores, e seu tato se torna mais apurado. Isso lhe permite penetrar nas brumas e ver muito melhor à noite do que seria possível sem os sentidos ampliados.

Ferro (metal de *puxão* físico externo) – Uma pessoa queimando ferro pode ver linhas azuis translúcidas apontando para fontes próximas de metal. O tamanho e o brilho da linha dependem do tamanho e da proximidade da fonte de metal. Todos os tipos de metais são mostrados, não apenas fontes de ferro. O alomântico pode *puxar* mentalmente uma dessas linhas para trazer a

fonte de metal em sua direção.

Lança moedas – Brumoso que pode queimar aço.

Latão (metal de *empurrão* mental externo) – Uma pessoa queimando latão pode *tumultuar* as emoções de outras pessoas, inflamando-as e tornando determinadas emoções mais poderosas. Não permite ler mentes ou mesmo emoções.

Olho de estanho – Brumoso que pode queimar estanho.

Peltre (metal de *empurrão* físico interno) – Uma pessoa queimando peltre amplifica os atributos físicos de seu corpo. Ela se torna mais forte, mais durável e mais habilidosa. O peltre também aumenta o senso de equilíbrio do corpo e a habilidade de se recuperar de ferimentos.

Tumultuador – Brumoso que pode queimar latão.

Zinco (metal de *puxão* mental externo) – Uma pessoa queimando zinco pode aplacar as emoções de outras pessoas, persuadindo-as e tornando determinadas emoções menos fortes. Um alomântico cuidadoso pode abrandar todas as emoções, deixando, basicamente, que a pessoa sinta apenas o que ele deseja. Zinco, no entanto, não permite que o alomântico leia mentes ou mesmo as emoções.